



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

KARINA VALIM DE ARAUJO

HELENA KOLODY E OS CAMINHOS DE PRODUÇÃO DE UMA INTELLECTUAL
ENTRE A POESIA E A EDUCAÇÃO (1928-1992)

CURITIBA

2018

KARINA VALIM DE ARAUJO

**HELENA KOLODY E OS CAMINHOS DE PRODUÇÃO DE UMA INTELLECTUAL
ENTRE A POESIA E A EDUCAÇÃO (1928-1992)**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Evelyn de Almeida
Orlando

CURITIBA

2018

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Giovanna Carolina Massaneiro dos Santos – CRB 9/1911

A663h
2018 Araujo, Karina Valim de
 Helena Kolody e os caminhos de produção de uma intelectual entre a
 poesia e a educação (1928-1992) / Karina Valim de Araujo ; orientadora:
 Evelyn de Almeida Orlando. – 2018.
 155 f.: il.; 30 cm

 Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
 Curitiba, 2018
 Bibliografia: f. 143-155

 1. Educação - história. 2. Mulheres na literatura. 3. Intelectuais.
 4. Kolody, Helena, 1912-2004. I. Orlando, Evelyn de Almeida. II. Pontifícia
 Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação.
 III. Título.

CDD 20. ed. – 370.903

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 853
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

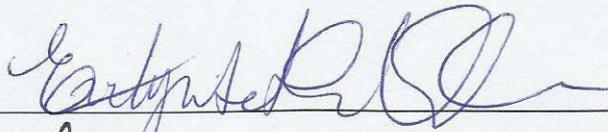
Karina Valim de Araujo

Aos quatro dias do mês de julho do ano de dois mil e dezoito, reuniu-se às 14h30min, na Sala de Defesa, da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Prof.^a Dr.^a Evelyn de Almeida Orlando, Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira e Prof.^a Dr.^a Rosa Lydia Teixeira Corrêa para examinar a Dissertação da mestranda **Karina Valim de Araujo**, ano de ingresso 2016, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa "História e Políticas da Educação". A aluna apresentou a dissertação intitulada "**HELENA KOLODY E OS CAMINHOS DE PRODUÇÃO DE UMA INTELLECTUAL ENTRE A POESIA E A EDUCAÇÃO (1928 - 1992)**" que, após a defesa foi aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16:20h. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações: A banca ressalta a qualidade do trabalho e recomendando a publicação seja na forma de artigos, capítulos ou livro.

Presidente:

Prof.^a Dr.^a Evelyn de Almeida Orlando



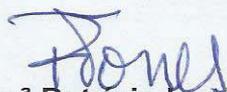
Convidado Externo:

Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira



Convidado Interno:

Prof.^a Dr.^a Rosa Lydia Teixeira Corrêa



Prof.^a Dr.^a Patricia Lupion Torres

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação
Stricto Sensu

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, pela concessão de encontros tão importantes em minha vida. Também sou muito grata em ser “filha da PUC”, tendo a oportunidade de conviver com muita “gente boa” – professores e colegas –, ao mesmo tempo estar em contato com a excelência em ensino, sendo bolsista desta instituição desde a entrada na pedagogia.

À minha orientadora, Evelyn, agradeço por cada acolhida carioca ao me ver, bem como pelas broncas e orientações. Eu agradeço pela parceria no percurso extremamente valoroso de pesquisa, apresentando também o mundo científico da História da Educação pelas lentes dos congressos.

Agradeço a minha família, cujo apoio foi de extrema importância; enquanto eu estava alheia à vida social e tarefas domésticas, minha mãe, Nilcéia, e meu marido Everton, estavam ali para cuidar de tudo para mim, com muito carinho e incentivo. O Everton me salvou diversas vezes quando estava afogada nas fontes, sou muito grata por este esteio fraternal.

À Bárbara, Loyde, Joana e Mara, eu agradeço os conselhos e a companhia no mundo da pesquisa, tornamo-nos verdadeiras amigas. À professora Rosa agradeço os ensinamentos desde a graduação, ao mostrar a importância da rigurosidade com o mundo científico educacional. Ao professor Carlos eu agradeço a disposição em avaliar o trabalho e a excelente aula em minha qualificação. Por fim, agradeço aos funcionários dos arquivos consultados a disposição e o incentivo à pesquisa, sem a existência e a persistência na qualidade destes locais, nada seria possível.

São as palavras que decidem a sorte dos homens e o destino das nações. Que a nossa palavra esclareça, encoraje, console, encaminhe, seja uma luz no mundo, um instrumento de paz e de fraternidade.

HELENA KOLODY

RESUMO

Nesta dissertação escrevemos sobre a trajetória de Helena Kolody, poetisa paranaense, entre os anos de 1928 a 1992. Filha de imigrantes ucranianos, nasceu em 1912, em Cruz Machado, e, aos 15 anos, mudou-se para a capital para estudar na escola normal, neste período iniciou sua carreira como poetisa. Em 1928 publicou seu primeiro poema, “A lágrima”, na revista *Garoto*. Professora e inspetora federal de ensino secundário, em diversas cidades do Paraná, Kolody inicia produzindo seus livros de maneira independente, tendo apoio editorial somente nos anos 1980. Já idosa, em 1992, torna-se a segunda mulher a conquistar a entrada na Academia Paranaense de Letras do Paraná. Propondo analisar os caminhos de produção da intelectual, discutindo sua contribuição no campo da cultura e educação paranaense do século XX, esta dissertação possui suas bases teórico-metodológicas ancoradas em Chartier (1998; 2002a) e Sirinelli (1996), que contribuem para a sustentação teórica do trabalho, todavia, alguns outros estudiosos são mobilizados: Le Goff (2001), Certeau (2011), Perrot (1988), Almeida (1998), Bourdieu (2006) e Levi (2006), por trazerem subsídios em relação à operação historiográfica e maior compreensão ao trato com as fontes. Foram mobilizadas entrevistas e matérias relacionadas ao trabalho de Kolody, divulgadas em jornais, livros e capítulos de livros, bem como fontes ainda inéditas, como os documentos funcionais de sua carreira docente e seus discursos em diferentes eventos e contextos. Portanto, foi possível chegar aos seguintes resultados: o campo educacional foi o caminho pelo qual se inseriu no circuito da produção intelectual, à docência foi sua carreira, seu sustento financeiro e deu-lhe visibilidade, com a formação de diversas redes de sociabilidade e tendo suas alunas como apreciadoras e divulgadoras de suas poesias. Sua contribuição ao campo da cultura está, sobretudo, no campo literário, assim como na instauração de uma estética e de temas próprios, ampliando a aceitação da escrita feminina pelo público, educando novos sentidos e sensibilidades. Na imprensa periódica encontramos a formação de um mito, potencializado por sua rede de sociabilidade, que colocava Kolody como exemplo de mulher, cristã, professora, poetisa e intelectual. Foram 64 anos de dedicação a um projeto que foi abraçado por várias pessoas em busca de uma representação intelectual feminina nas letras do estado. Helena Kolody esteve sempre presente em diversas associações e reuniões de poetas, foi uma mulher múltipla em sua trajetória e na busca pelo reconhecimento literário. Sua trajetória, no entanto, deve ser compreendida nessa articulação constante entre a poesia e a educação.

Palavras-chave: Helena Kolody. Trajetória. Intelectual.

ABSTRACT

Here we write about the trajectory of Helena Kolody, a poet from the state of Paraná, from the year 1928 to 1992. The daughter of Ukrainian immigrants, she was born in 1912, in the city of Cruz Machado, and, at the age of fifteen, moved to the capitol to begin regular education; it was then that she began her career as a poet. In 1928, she published her first poem, *A lágrima* (“The tear”), on *Garoto* magazine. Teacher and high school inspector in several towns of Paraná, Kolody started publishing her books independently; she would only achieve editorial support in 1980. As an elderly person, in 1992, she was the second woman to enter the Academia Paranaense de Letras (“Literary Academy of the State of Paraná”). We propose the analysis of the paths of her works, debating about her contributions to the field of culture and education in Paraná during the 20th century. The methodological basis of this piece comes from the works of Chartier (1998; 2002a) and Sirinelli (1996); however, some other theorists also take part, such as Le Goff (2001), Certeau (2011), Perrot (1988), Almeida (1998), Bourdieu (2006) e Levi (2006), because of their help in relation to the historiographic operation and the better understanding of our sources. We used interviews and articles related to Kolody’s work, as disclosed in newspapers and books, as well as sources as of yet unpublished, like the functional documents of her teaching career and her speeches in several events and contexts. Therefore, we were able to come to the following conclusions: the education field was the way she found to insert herself in the cycle of intellectual writing; teaching was to her a career, a source of income, and a means to visibility, achieved with the formation of social networks and the help of her students as appraisers and promoters of her poetry. Her contribution to culture is felt especially in the literary field, as well as in the instauration of an aesthetic and a theme of her own, heightening the public’s acceptance of writing by women and fomenting new senses and sensibilities. In the media of her time, we find a myth, made strong by her social networking, putting Kolody as an example of woman, Christian, teacher, poet and intellectual. 64 years were dedicated to the project, embraced by many, of having a representative of women’s intellectual work in the literature of the state. Helena Kolody was always present in several associations and meetings of poets; she was a multiple woman in her trajectory and search for literary acknowledgement. Her path, however, must always be understood as a constant articulation between poetry and education.

Keywords: Helena Kolody. Trajectory. Intellectual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Quantidade de notícias vinculadas aos jornais paranaenses – 1966 a 2015	27
Figura 1 – Coluna do <i>Jornal do Estado</i> dedicada a homenagear Helena Kolody após sua morte	28
Quadro 1 – Quadro de análise das representações nas notícias levantadas – 1960 a 2015.....	30
Gráfico 2 – Quantidade de notícias iniciais sobre Helena Kolody (1966-1984).....	33
Figura 2 – Primeiro lançamento público de um livro por Helena Kolody no IEP em 1970	34
Gráfico 3 – Quantidade de notícias sobre Helena Kolody (1985-1992).....	38
Figura 3 – Manchetes da representação da sensibilidade religiosa de Helena Kolody	39
Figura 4 – Livros de Kolody até 1992	45
Figura 5 – A representação da sensibilidade religiosa.....	45
Figura 6 – Um exemplo da representação de Helena Kolody associada ao sentimento religioso após sua morte	61
Figura 7 – Notícia sobre a falta de apoio à intelectual Helena Kolody	69
Quadro 2 – Notas nos exames finais do curso especial em 1930/1º semestre	80
Quadro 3 – Notas nos exames finais do curso especial em 1930/2º semestre	81
Quadro 4 – Notas nos exames finais do curso especial em 1931/3º semestre.	81
Figura 8 – Associações Literárias e Culturais que Kolody pertenceu	98
Figura 9 – Exposição do nome de Helena Kolody como participe do CPFC e o IHGPR	99
Figura 10 – Título que ressalta o perpetuar de Helena Kolody	126
Organograma 1 - Rede de sociabilidade na trajetória intelectual de Helena Kolody	127
Figura 11 – Helena Kolody com centristas no CPFC	132
Figura 12 – Helena Kolody com 86 anos sendo homenageada em escola.....	134
Figura 13 – Helena Kolody homenageada pela turma de Letras que levou seu nome.	135
Figura 14 – Helena Kolody homenageada pela UFPR com o título de Doutor Honoris Causa	138

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPFC	Centro Paranaense Feminino de Cultura
CBHE	Congresso Brasileiro de História da Educação
BPP	Biblioteca Pública do Paraná
IHGPR	Instituto Histórico e Geográfico do Paraná
CEB	Círculo de Estudos dos Bandeirantes
APP	Arquivo Público do Paraná
SEED	Secretaria do Estado de Educação
IEP	Instituto de Educação do Paraná
CLP	Centro de Letras do Paraná
APL	Academia Paranaense de Letras
MIS	Museu de Imagem e Som
CBN	Central Brasileira de Notícias
ALP	Assembleia Legislativa do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O PAPEL DA IMPRENSA NA CONSTRUÇÃO DA INTELECTUAL HELENA KOLODY	26
1.1 REPRESENTAÇÕES INICIAIS DE HELENA KOLODY NA IMPRENSA PARANAENSE: FAZENDO NASCER UM MITO (1966-1984)	31
1.2 UM PROJETO INTELECTUAL EM EXPANSÃO E VISIBILIDADE NOS JORNAIS PARANAENSES (1985-1992)	37
1.3 A (AUTO)REPRESENTAÇÃO COMO TÁTICA DE LEGITIMAÇÃO	46
1.4 A CONSOLIDAÇÃO DE UM PROJETO INTELECTUAL E O REFORÇO À PRODUÇÃO DO MITO (1993-2015)	55
2 CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO INTELECTUAL	72
2.1 A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO DE VIABILIZAÇÃO DO PROJETO INTELECTUAL DE HELENA KOLODY	77
2.1.1 Os discursos de paraninfa como vestígios de um caminho percorrido	88
2.2 A PRESENÇA DE HELENA KOLODY NO CAMPO CULTURAL PARANAENSE.....	97
2.2.1 Os discursos em diferentes contextos	108
3 UM PROJETO FEMININO EM UM CAMPO MASCULINO: SEGUINDO OS RASTROS DE UMA REDE	113
3.1 O ENDOSSO DA SOCIEDADE PARANAENSE NAS HOMENAGENS E PRÊMIOS À HELENA KOLODY: O LOGRO DE UM PROJETO E O RECONHECIMENTO ALCANÇADO	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS.....	143

INTRODUÇÃO

UM POEMA DE OLHOS AZUIS

Conheci Helena Kolody em 1965, no mês de Agosto. Foi no lançamento de um livro da Sônia Régis, numa livraria que ficava na Ermelindo Leão. Ficamos os dois papirando a autora estreante e não me lembro o quê conversamos. Me ficou na memória, porém, o brilho dos olhos azuis, o rosto iluminado pelo sorriso doce. Acho que foi neste dia que me apaixonei pela poeta.

Quase vinte anos depois, em 1984, eu estava bebendo um razoável vinho numa cantina, em São Paulo, quando, em meio a estas palavras que pintam quando mais de dois curitibanos se reúnem, resolvi, *in vino veritas*, proclamar o que me pareceu uma verdade fulminante **‘Curitiba precisa amar alguém!’** Devo ter causado espanto e constrangimento em todos que estavam na cantina, mas naquele momento eu só pensei em Helena Kolody, que era sem dúvidas a pessoa que poderia curar, a meu ver, a secura com que os curitibanos e curitibanas tratam a si mesmos e a cidade onde vivem. Foi neste dia, acho, que decidi publicar um livro da poeta.

(ROBERTO GOMES, 1987, grifo nosso)

Iniciamos este trabalho a partir desta constatação de Roberto Gomes¹– “Curitiba precisava amar alguém!” – nos sendo muito caro aqui, discutir o que aconteceu anos antes e depois de tal período, investigando da maneira mais efetiva possível, para um trabalho em História da Educação, a trajetória² da intelectual Helena Kolody como objeto deste estudo.

¹ Roberto Gomes, construiu sua carreira em Curitiba como escritor de diferentes gêneros literários, inclusive crônicas para o jornal *Gazeta do povo*. Foi professor universitário de filosofia e editor, trabalhando para UFPR. Teve sua própria editora, a Criar, que foi a primeira a publicar Helena Kolody, em 1985, com o livro *Sempre palavra*.

² Consideramos o conceito de trajetória a partir dos estudos de Bourdieu: “não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, e independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado- pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.” (2006, p. 190). Dessa maneira, encontramos nas fontes ações e discursos que são reorganizados e contextualizados.

Para iniciar, escrevemos um pouco sobre Helena Kolody (1912-2004), poetisa paranaense, como é mais conhecida, mas que também fora professora e inspetora federal de ensino secundário, dado pouco divulgado, mas nunca esquecido em suas falas e nas lembranças de suas antigas alunas. Ficou muito conhecida por sua “doçura”, “humildade” e “religiosidade”, considerada, por muitos, um “exemplo feminino” na sociedade paranaense ao longo de sua vida.

Filha primogênita de Miguel e Victoria Kolody, ucranianos que se conheceram e se casaram no Brasil em 1912, em Cruz Machado, cidade do interior do Paraná. No dia 12 de outubro do mesmo ano tiveram Helena Kolody. Seu registro de nascimento, no entanto, só se deu quatro anos depois, na cidade de Irati. Cruz Machado foi um núcleo como tantos outros, fundados pelo governo federal, com o intuito de colonizar grandes áreas do território paranaense (FONTES, 2012).

Apesar das grandes dificuldades financeiras enfrentadas pela família, que mudou-se algumas vezes para que Miguel tivesse empregos, a educação formal dos filhos era um desejo. Então, Kolody acaba morando com outros familiares para que pudesse ter um ensino de qualidade. Foi desta maneira que, em 1931, Helena Kolody formou-se professora no curso secundário da capital, com mérito de melhor aluna nas avaliações. Isso, segundo ela, devido à dedicação que tinha aos estudos devido ao próprio esforço e a cobrança de seu pai. Logo em seguida a sua formatura, foi nomeada e iniciou sua carreira no interior do Paraná, voltando para Curitiba em 1937, onde permaneceu por 23 anos como professora de biologia educacional no curso normal do Instituto de Educação do Paraná³ (IEP), mesma escola em que se formou.

Além de professora, Kolody desenvolveu profissões paralelas. À inspetoria federal, desde os anos 1950, atribui o sustento de sua família, já que perdera seu pai muito cedo, em 1941, e precisava ajudar os irmãos mais novos a estudar. Já as poesias eram o encanto de quem estava a sua volta, visto que suas alunas pediam que as recitasse ao final de cada aula. Entretanto, seu reconhecimento como poetisa se deu bem mais tarde. Segundo ela, somente aos 76 anos, em 1988, quando foi publicado seu segundo livro pela Editora Criar, *Viagem ao espelho*. Apesar disso, desde 1942, Kolody bancou a impressão de seus livros e os distribuiu em redes de sociabilidade⁴.

³ O Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto é o atual nome da escola que Kolody se formou e trabalhou por muitos anos, localizada no centro de Curitiba. Entretanto, ao longo da história foi chamado de Escola Normal da Capital, Escola Secundária de Curitiba e simplesmente Instituto de Educação, aqui trataremos também pela sigla IEP.

⁴ Consideramos o conceito de redes de sociabilidade, a partir dos estudos de Sirinelli: “todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas,

Não sendo uma narrativa linear, mas, sim, um trabalho que pretende recuperar uma trajetória, a partir dos caminhos de construção dessa intelectual, com foco privilegiado no papel da imprensa, da rede de sociabilidade nesse processo e na tessitura que criou entre a poesia e a educação. É importante situar a mulher aqui analisada em seu tempo e lembrar o contexto histórico feminino na sociedade do início do século XX. Como cita Perrot (1988), as mulheres estavam no campo dos excluídos da história: sua presença, de muitos modos, foi negada, e suas ações, invisibilizadas. Dessa maneira, a preparação para a inserção social e profissional feminina no Brasil foi postergada, mas, nos anos finais do século XIX e início do XX, outros movimentos surgiram, como a cobrança do acesso ao ensino normal.

É importante, entretanto, salientar que em um país vasto, como o Brasil, devemos considerar que não há um padrão de inserção social feminina. É preciso atentar para as múltiplas experiências que ocorreram em diferentes tempos, locais e nos próprios grupos sociais que foram encontrando modos de ser e estar possíveis em seus diferentes contextos. Como cita Louro (1997, p. 446),

as concepções e formas de educação das mulheres nessa sociedade eram múltiplas. Contemporâneas e conterrâneas, elas estabeleciam relações que eram atravessadas por suas divisões e diferenças, relações que poderiam revelar e instituir hierarquias e proximidades, cumplicidades ou ambiguidades.

Podemos dizer, então, que houve contextos de representações parecidos. Na maioria das famílias, às mulheres eram atribuídas funções domésticas, religiosas e de caridade. Dessa maneira, durante o século XIX, a instrução feminina sofreu certa resistência social, no que tange ao direito e à importância de mulheres estudarem, porém um público feminino, ainda restrito aos centros urbanos, começou a ter acesso à escola, mas a intenção era clara. Como afirma Pedro (1997, p. 293),

a idealização das mães estava presa à missão civilizadora das mulheres, a qual, de acordo com o ideário positivista, deveria ser instruída para aperfeiçoar o esposo e educar os filhos para a Humanidade. Era justamente dentro desta perspectiva que se defendia a educação feminina.

mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar [...] A linguagem comum homologou o termo 'redes' para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de perceber do que parece." (1996, p. 248). Helena se apoiou em diversas redes de professores, católicos e escritores, o que ao longo de nossa pesquisa estamos compreendendo.

Tal acepção só foi reconsiderada, lentamente, diante das necessidades encontradas pelo homem, como as guerras e a industrialização, situações em que a mão de obra masculina era essencial. A questão da profissionalização pelo magistério vem posteriormente. Podemos dizer que, por uma necessidade maior – já que não aceitavam a ideia de salas mistas nem de professores homens com uma turma de meninas –, a alfabetização da população se tornou uma das demandas do período da primeira república. No Paraná, assim como em todo o Brasil, os desafios diante do crescimento econômico e social para o atendimento da população se fazia crítico, pois o movimento imigratório⁵ trazia cada vez mais moradores ao estado, o qual passou a ser mantido basicamente pela produção e exportação de dois elementos:

Caetano Munhoz da Rocha esteve à frente do Governo do Paraná por 8 anos. Ao assumir esse Governo em 1920, assumiu também vários desafios, entre eles o de substituir a economia extrativista dos ervais [...] pela cultura do café. [...] Não se pode esquecer outro elemento da economia paranaense: o setor madeireiro cuja expansão ocorreu com a primeira guerra mundial (1914-18). As condições impostas pela guerra impossibilitaram ou restringiram a importação de madeira europeia. (ROCHA, 2003, p. 153).

Assim se pode inferir que a presença feminina nas escolas veio das necessidades que o país e cada estado – dentre eles, o Paraná – sofreram. Dessa maneira, as modificações da representação feminina para o trabalho se devem à influência do projeto de desenvolvimento da nação, através do contexto de necessidade educacional, além do crescimento econômico, pois se fez necessário da mão de obra masculina em outros setores. Em Curitiba, a Escola Normal foi criada no final do século XIX com características peculiares e interessantes de ser conhecidas, como nos mostra Wilma Bueno (2003, p. 208):

⁵ Tal movimento imigratório no Paraná é explicado por Trindade e Andrezza (2001, p. 51): “pelo censo de 1900, o número de moradores do norte não ultrapassava 16.000 habitantes. Nesse panorama precário, foi um fator determinante de transformação a política imigratória, que, sob o incentivo do governo central, encontrou eco nas iniciativas da administração local. Colônias foram instaladas, muitas delas próximas aos sítios urbanos. Alemães, poloneses, italianos, ucranianos, entre outros, chegaram em grandes levas, destinados preferencialmente ao trabalho na lavoura.”. Osinski (1998, p. 178) complementa: “dedicando-se principalmente à agricultura de subsistência, os imigrantes deram também sua grande contribuição no setor cultural, incentivando manifestações artísticas e atividades esportivas. Suas associações promoviam bailes, concertos, e peças teatrais e competições esportivas, movimentando a vida da juventude em seu novo lar. Religiosos, davam à educação tanto valor quanto à igreja, exigindo a criação de escolas em todas as colônias que iam sendo fundadas”.

no Paraná, os esforços políticos para criação de escolas de magistério datam de 12 de Abril de 1876, durante o governo do presidente Adolpho Lamenha Lins. [...] A Escola Normal criada nessa época, inicialmente voltada para o público masculino, com o passar do tempo, representou uma referência para a formação secundária das moças por sua proposta de trabalho, preparo de professores e perfil da clientela estudantil. Era uma escola de formação bastante procurada por representantes da classe média. Apresentava-se também como uma possibilidade para as jovens entre 15 e 18 anos que, segundo o pensamento da época, encontrando-se da fase de preparação para o casamento, adquiriam nessas escolas noções de culinária, puericultura, trabalhos manuais, dentre outras atividades voltadas para formação da mulher exemplar.

A mulher paranaense, aos poucos, foi se inserindo no magistério, apesar de ser este ainda um estudo destinado a uma classe privilegiada, e comum o fato de que após o casamento, muitas dessas mulheres, por vezes, não seguissem a carreira docente. No entanto, a educação feminina foi se tornando uma pauta cada vez mais presente e se intensificou com o passar dos anos pelo aumento de instituições. Muitas mulheres foram além da formação e a transformaram em sua profissão, como no caso de Helena Kolody, dentre outras colegas, que, com maiores notas, em suas turmas, foram nomeadas pelo Estado e enviadas ao interior, a fim de contribuir com o projeto republicano de expansão do ensino.

Nos anos de 1930, algumas dessas mulheres curitibanas, assim como Kolody, iniciaram uma outra forma de marcar presença na vida pública. Elas se associaram a espaços, como os centros de letras e fundaram locais para a produção e circulação do seu pensamento, como o Centro Paranaense Feminino de Cultura (CPFC). Tal fato mostra-se de grande relevância, pois, gradativamente, elas foram alcançando outros meios de expressão e conhecimento.

A abertura de alguns espaços e o associativismo, por exemplo, foram vias encontradas e compartilhadas por mulheres de diferentes estados, o que proporcionou a construção de caminhos de manifestação possíveis a partir de suas realidades. Almeida (1998, p. 27) escreve:

do fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX, mudanças socioeconômicas ocasionadas pela implantação do regime republicano no país, pelo processo de urbanização e industrialização, pelas duas guerras mundiais e seus efeitos nas mentalidades da sociedade da época, pelas conquistas tecnológicas representadas pela difusão dos meios de comunicação, coincidiram com a eclosão das primeiras reivindicações do feminismo que, nos países onde chegou atingiu várias gerações de mulheres, ao alertar para a opressão e para desigualdade social a que estiveram até então submetidas.

Como as reivindicações femininas faziam-se em meio a opressões e desigualdades, o CPFC teve certos cuidados para ser aceito, de modo a se afirmar de forma sutil nessa disputa pelo direito de as mulheres existirem como sujeitos e se fazerem presentes no espaço público. Como escreve Bueno (2003, p. 212), “por princípios, cautela ou para evitar tensões sociais, as mulheres carregavam a bandeira da paz e defendiam a divisão das tarefas, prevenindo os

homens de que não desejavam ocupar os cargos e lugares antes exclusividades masculinas”. Entretanto, as propostas de reuniões com a intelectualidade feminina a fim de derrubar barreiras impostas às mulheres, com cursos de artes e idiomas, claramente voltados para a promoção da cultura e seu desenvolvimento intelectual, não condiziam com tal discurso.

Um ponto importante ainda a ser considerado é a fé que tais mulheres professavam. A igreja católica passava também por uma revisão do que era aceitável e, ao mesmo tempo, vantajoso para sua hegemonia diante do papel exercido pela mulher na sociedade. Sobre a conquista do espaço público pelas mulheres, Orlando escreve (2017, p. 124),

tal fato levou a igreja a uma divisão diante desse novo cenário: os setores mais conservadores insistiam no retorno das mulheres à esfera privada, restritas ao âmbito familiar; setores mais progressistas viam com bons olhos a ocupação desse novo espaço pelas mulheres, e percebiam aí a possibilidade delas auxiliarem no projeto de recristianização da nação, a partir dos diferentes espaços de trabalho que estavam passando a ocupar.

Algumas considerações devem ser feitas neste caminho de discussão, pois a trajetória de Kolody se relaciona diretamente com esse cenário. A intelectual mostra-se determinada a seguir sua carreira docente desde o início, pois, segundo ela, precisava ajudar no sustento da família. Quanto à religião, ela era católica e “professou o catolicismo com verdadeiro fervor”, conforme suas próprias palavras. Também participou de associações e manteve com elas uma relação sempre política⁶, desde que era uma normalista, com o objetivo claro de divulgar sua poesia. Dentro de sua família, Kolody não deixou de ter o apoio e incentivo aos estudos, como também ao casamento, mas este, que estava em segundo plano, acabou nunca acontecendo.

Esta dissertação considera Helena Kolody como uma intelectual do século XX, por seu trabalho com a poesia, que, perseguindo um projeto de reconhecimento literário, acaba utilizando a carreira docente como via de acesso. Ser professora lhe proporcionou visibilidade e remuneração para “impressão” de seus livros, o que acaba efetivando uma educação de sensibilidades, principalmente entre suas alunas.

Para tanto, aqui são analisadas fontes publicadas como entrevistas e matérias relacionadas ao seu trabalho divulgadas em jornais⁷ e livros, que fazem parte do acervo da

⁶ A adjetivação política, na trajetória de Helena Kolody, aqui se refere ao posicionamento intelectual, que busca estar próxima de pessoas e grupos com o mesmo ideal, a partir de seu projeto, ou seja, constituindo redes que o favorecem.

⁷ Os artigos e notas publicadas em periódicos foram coletados do acervo da Divisão de Documentação da BPP. O inconveniente é que o sistema adotado pelos funcionários é de extrair a matéria/notícia do jornal, e ao fazê-lo não colocam nenhuma observação sobre a seção e a página. Elementos necessários para que os pesquisadores possam

divisão de documentação da Biblioteca Pública do Paraná (BPP), do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGPR) e do Círculo de Estudos dos Bandeirantes (CEB). Além das fontes mencionadas, pesquisou-se fontes inéditas, como os documentos funcionais de sua carreira docente, cedidos pelo Arquivo Público do Paraná (APP) e pela Secretaria do Estado de Educação (SEED), e discursos seus proferidos em diferentes eventos e contextos, localizados no Centro Paranaense Feminino de Cultura (CPFC).

Helena Kolody participou da história do ensino secundário do Paraná por meio de sua trajetória como professora, o reconhecimento de seu trabalho e de seu posicionamento, como exemplar para a sociedade do período, parece ter lhe proporcionado livre trânsito na sociedade paranaense, pois costumava ser convidada para discursar em formaturas e eventos, como homenagens a escritores e padres. Entre a docência, a inspetoria do ensino, a poesia e as representações – construídas por si mesma e pelos outros sobre si –, foi se constituindo a figura de Helena Kolody como uma intelectual. Assim acreditamos que a educação e a sensibilidade – produzidas pela docência e pelas letras – formaram a base que configurou a vida da professora e poetisa Helena Kolody, colocando-a, deste modo, envolvida com um projeto de educar as sensibilidades pela poesia.

Dessa maneira, traçamos como objetivo geral para esta dissertação, analisar os caminhos de produção da intelectual Helena Kolody, discutindo sua contribuição no campo da cultura e da educação paranaense do século XX. Para chegar a tal propósito, procuramos identificar a contribuição da imprensa periódica na construção do mito Helena Kolody e na legitimação de um projeto de afirmação intelectual pela poesia, analisando as representações e (auto)representações que o favoreceram; procuramos também identificar suas redes de sociabilidade, reconhecendo as táticas de legitimação de um projeto no campo intelectual que se constrói entre a educação e a poesia; além de analisar a ascensão desse projeto com os impulsos masculinos e as homenagens e títulos que lhe atribuíram.

A justificativa para a escolha do objeto se insere nos caminhos trilhados pela orientadora e mestrandia em questão. Procuramos um nome, especificamente feminino, de orientação católica e representação intelectual no seio da educação e da literatura. Nesse sentido, o que nos apareceu primeiro foi uma “simpatia” com a vida e a obra de Helena Kolody. Sirinelli escreve (1996, p. 239) que:

informar com exatidão a localização da matéria dentro do periódico. Por esse motivo, as matérias coletadas nesse suporte que não informam a página constará a informação sem página (s.p).

para o historiador dos intelectuais, muito particularmente, coloca-se o problema da simpatia. Esta, no sentido primeiro do termo, é necessária; constitui mesmo a essência do ofício do historiador. Resta, contudo, o sentido comum e, nesse registro, sem dúvida alguma, simpatias nascem, antipatias crescem, o todo acompanhando as curvas da evolução eventual do pesquisador. Mais que ocultar o fenômeno, sem dúvida é preciso tomar plena consciência dele, assumi-lo de algum modo, a fim de avaliá-lo.

A partir daí, começamos uma investigação do estado de arte do objeto, bem como das possíveis fontes que nos dariam respostas. O que primeiramente nos intrigou foi a representação da intelectual estar restrita à profissão de poetisa, que já fora estudada em linguística e aparece em muitos meios de comunicação como a “poeta primeira no Paraná”.

Foram sete trabalhos levantados sobre Helena Kolody, todos na área de Letras. Entre eles, 5 dissertações de mestrado, a saber: *O infinito como motivo poético em Helena Kolody*, defendida em 1984, por Maria de Lourdes Martins, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); *Helena Kolody: a poesia da inquietação* defendida por Antonio Donizeti da Cruz em 1993, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); *Helena Kolody: Uma voz imigrante na poesia paranaense*, defendida em 1997, por Marly Catarina Soares, na UNICAMP; *A Poesia de Helena Kolody: religiosidade em confluências da arte*, defendida em 2011, por Ana Maria Zanini, na UNIOESTE-Cascavel/PR; e *Imagens poéticas e representações da morte na lírica de Emily Dickinson e de Helena Kolody: convergências e contrastes*, defendida em 2014, por Patricia de Lara Ramos, na UNIOESTE-Cascavel/PR. Os outros dois trabalhos constatados foram duas teses de doutorado: *O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody*, defendida em 2001, por Antonio Donizeti da Cruz, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); e *Helena Kolody, carbono & diamante: uma biografia ilustrada*, de Luísa Cristina dos Santos Fontes, defendida em 2012, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Dentre tais trabalhos, aquele que mais se aproximou do que pretendemos aqui fazer, apesar de estar no campo da Literatura, foi a tese de Luísa Fontes, com um vasto levantamento biográfico de Kolody. Este se mostrou um texto de consulta para confirmarmos o que fugia ao nosso acervo. Luísa Fontes, que também se incomodou com a quantidade de trabalhos já realizados e a ausência, ou melhor, a manipulação indevida das fontes que foram extraviadas, a ponto de a família não querer mais “invasões ao seu cotidiano”.

Poucos anos depois de sua morte, os filões mais promissores já foram vasculhados, revistos, expostos por seus pesquisadores e admiradores. Mesmo assim, a vida longa dessa ilustre cruz-machadense (1912-2004) continua cheia de dispersões e lacunas instigadoras. Por isso, percorrer a trajetória de Helena – para usar outra imagem batida

– tem sido como montar um puzzle. Ou melhor, construir um mosaico, já que muitas peças originais se perderam. (FONTES, 2012, p. 34).

A ausência de fontes de sua vida como professora e inspetora federal do ensino secundário nos motivou, primeiramente, a compreender melhor suas contribuições na formação das normalistas, entre os anos 1930 e 1960 no estado do Paraná, caminho que foi ampliado para pensar os rebatimentos dessa atuação e a construção da intelectual, que buscava um reconhecimento pela poesia desde 1928, quando publicou seu primeiro poema em uma revista, até 1992, momento em que entrou para Academia Paranaense de Letras (APL). Portanto, a importância dessa pesquisa para a História da Educação se insere na perspectiva deste, como um campo aberto, já estabelecido por Lopes e Galvão (2012, p. 41),

atualmente, pode-se falar de forma mais apropriada em histórias da educação, pois as investigações que vêm sendo realizadas no campo não se restringem mais ao ensino e pensamento pedagógico, objetos tradicionais da disciplina. A aproximação da história da educação com outras ciências humanas e com outras áreas da história contribuiu para que as crianças e os jovens, os intelectuais, o livro e a leitura, as mulheres, etc. também se tornassem objeto da disciplina.

O levantamento dos trabalhos referenciais foi realizado tendo como eixo central os “percursos de formação e atuação feminina”, perpassando três caminhos: teses e dissertações; artigos de revistas, livros e capítulos de livros; e os anais do CBHE (Congresso Brasileiro de História da Educação).

Nas dissertações de mestrado, podemos destacar a de Alexandra Padilha Bueno, *Educação e participação política: a visão de formação feminina de Mariana Coelho (1893-1940)*, produzida na Universidade Federal do Paraná, no ano de 2014; e a de Anamaria Bueno de Freitas, “*Vestidas de Azul e Branco*”: *um estudo sobre as representações de ex-normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa acerca da formação profissional e do ingresso no magistério (1920-1950)*, defendida em 1995, na Universidade Estadual de Campinas. Quanto às teses de doutorado em Educação, destacamos: *Maria Luíza de Sousa Alves e a Educação Feminina na Bahia*, produzida na Universidade Federal da Bahia, no ano de 2013, por Jane Luci Ornelas Freire; *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869/1914)*, apresentada por Carla Chamon, produzida na Universidade Federal de Minas Gerais, em 2005; *Mulher e Educação: a paixão pelo possível*, defendida por Jane Soares de Almeida na Universidade de São Paulo, no ano de 1996; e *Baú de memórias, Bastidores de histórias – o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto*, de Ana Chrystina Venancio Mignot, produzida na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no ano de 1997.

Com relação aos artigos de revistas e capítulos de livros, destacamos: *Quando o mundo cabe na bagagem: as experiências de formação e distinção de Maria Junqueira Schmidt no cenário educacional brasileiro*, de Evelyn de Almeida Orlando (2015); *As viagens da advogada e professora Maria Rita Soares de Andrade (1904-1998): vivências formativas em busca da emancipação feminina*, de Anamaria Bueno de Freitas (2015); e *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*, de Etelvina Maria de Castro Trindade (1996).

No Congresso Brasileiro de História da Educação, tendo como perspectiva essa pesquisa, destacou-se: *Francisca Rodrigues Moura (1860-1942): uma educadora entre dois séculos*, de Maria Lúcia Nunes e Viviana da Silva e Adriana Vilar (2011); *Juanita machado: um belo espírito feminino na década de 1930*, de Verônica Fragoso (2011); *A trajetória de vida de Zeny de Sá Goulart e suas contribuições para a educação feminina em Santos/SP*, de Paloma Lopes Barboza (2011).

É perceptível que o conjunto desses trabalhos, especificamente sobre mulheres, vem crescendo. Segundo Lopes e Galvão (2012, p. 32), “sentimentos, emoções e mentalidades passam a fazer parte da história”. Dessa maneira, o campo vai se constituindo com pesquisas sobre mulheres e suas trajetórias na sociedade brasileira. E, nesse percurso, a dissertação aqui em questão pretende alimentar o campo historiográfico sobre a intelectualidade feminina da educação paranaense, tendo como referência Helena Kolody.

Este trabalho possui suas bases ancoradas em diferentes vertentes historiográficas, que para nós se fazem como referências teórico-metodológicas. Fundamentalmente, Chartier e Sirinelli contribuem com a sustentação teórica do trabalho, todavia, alguns outros autores são mobilizados, por vezes no texto, por trazerem subsídios em relação à operação historiográfica e maior compreensão em relação às fontes. Da nova história cultural, Le Goff (2001), Certeau (2011) e Chartier (1998, 2002a) ajudam a pensar o objeto, as fontes e as representações na construção da pesquisa científica; da história intelectual, com Sirinelli (1996), a apropriação da própria noção de intelectual e de redes de sociabilidade; da história das mulheres, Perrot (1988) e Almeida (1998) contribuem para pensar o lugar das mulheres na história e os muitos modos que utilizaram para se afirmar como sujeitos, especialmente, a partir do magistério; e, por se tratar de um trabalho de natureza biográfica, Bourdieu (2006) e Levi (2006) ajudam a pensar em como esse tipo de trabalho se constituiu e os recortes possíveis para sua construção.

Conforme Chartier (2002a, p. 161), “a história é o lugar de experimentação, maneira de revelar diferenças. Saber do outro e, portanto, de si mesmo”. De certo modo, a história sobre uma mulher paranaense, professora e poetisa apresenta elos com a própria história da

pesquisadora, também mulher, paranaense, professora, que não escreve poesia, mas é amante da literatura e leitora de Helena Kolody.

Mas a pesquisa é prática determinada pelo próprio objeto. Para Certeau (2011, p. 79), a “[...] pesquisa se dá objetos que têm a forma de sua prática: eles lhe fornecem o meio de fazer aparecer diferenças relativas às continuidades ou às unidades das quais parte a análise”. O objeto, nessa perspectiva possui uma relevância de encaminhar a pesquisa, já as fontes podem ser reveladoras de poder, permanências e rupturas. Le Goff (2001, p. 54-55) cita também a importância de

uma nova concepção de documento acompanhada de uma nova crítica desse documento. [...] b) Um “retratamento” da noção de tempo, matéria da história. Aqui, também, pesquisar quem tinha poder sobre o tempo, sua medida e sua utilização. Demolir a ideia de um tempo único, homogêneo e linear. [...] c) O aperfeiçoamento de métodos de comparatismo pertinentes, que possibilitem comparar apenas o que é comparável.

Logo o tempo aparece como algo peculiar, tendo que considerar o passado a partir de perspectivas de relações. Assim há um conceito a ser considerado: o lugar social. “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc.” (CERTEAU, 2011, p. 47).

Sobre o que as fontes revelam, é preciso considerar o que elas também escondem e o que desejariam transmitir. Quando tratamos da leitura de documentos, Chartier (1998, p. 71) explica que, “[...] de um lado, há um processo de desmaterialização que cria uma categoria abstrata de valor e validade transcendentais, e que, de outro, há múltiplas experiências que são diretamente ligadas à situação do leitor e ao objeto no qual o texto é lido.” Le Goff (2001, p. 51) expõe:

porque em nosso mundo [...] onde homens buscam apaixonadamente sua identidade, onde procura-se por toda parte inventariar e preservar os patrimônios, constituir banco de dados, tanto para o passado como para o presente, onde o homem apavorado procura dominar uma história que parece lhe escapar, quem melhor do que a história nova pode lhe proporcionar informações e respostas? Essa História, que trata dele por inteiro, em sua duração secular, que o esclarece sobre as permanências e as mudanças, proporciona-lhe o equilíbrio entre os elementos materiais e espirituais, o econômico e o mental, propõe-lhe opções sem impô-las.

Portanto, é preciso desmistificar o documento seja ele qual for. Desse modo, as escritas autobiográficas de Helena Kolody produzidas nas entrevistas dadas aos jornais e às revistas da

época e os discursos são base para tal investigação de uma maneira crítica e dialógica. Os conceitos de representação e autorrepresentação contribuem para abrir perspectivas de análise das fontes. Para Certeau (2011, p. 89),

a representação – *mise-en-scène* literária – não é “histórica” senão quando articulada com um lugar social da operação científica e quando institucional e tecnicamente ligada a uma prática do desvio, com relação aos modelos culturais ou teóricos contemporâneos. Não existe relato histórico no qual não esteja explicitada a relação com um corpo social e com uma instituição de saber. Ainda é necessário que exista uma “representação”.

Nesse mesmo percurso se introduz a história intelectual e os conceitos de representação e autorrepresentação. A importância de representações está intrinsicamente ligada ao uso da razão que acaba por legitimar o intelectual (SIRINELLI, 1996). A história intelectual relaciona-se com a nova história cultural, pois, “[...] busca-se na história cultural elementos que possibilitem ampliar o repertório analítico da história intelectual.” (CAMPOS, 2015, p. 107). Essa constatação refere-se à “juventude”, ainda considerada desse campo, que sofreu relegações diante de seus status historiográfico.

Sobre a história da pesquisa com os intelectuais, Sirinelli (1996, p. 237) escreve que a partir “[...] da metade da década de 1970 que a história dos intelectuais começou a superar sua indignidade e que pesquisas em andamento adquiriram legitimidade científica e aos poucos, mereceram o interesse da corporação dos historiadores.”. Assim essa história tornou-se, para ele, “[...] um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural.” (SIRINELLI, 1996, p. 232).

O conceito de intelectual é, portanto, entendido neste trabalho, nesse entrecruzamento, tal como definido por Sirinelli (1996, p. 242):

com frequência se destacou o caráter polissêmico da noção de intelectual [...] Duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os mediadores culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou mediadores em potencial, e ainda outras categorias de receptores da cultura. É evidente que todo estudo exaustivo do meio intelectual deveria basear-se numa definição como esta.

Quando se escreve sobre alguém são ramificados diversos outros assuntos que passaram pela vida dessa pessoa, como sua cultura, sua política, seus pensamentos, seus lugares, quem representou, por quem foi influenciado, entre outros, que estabelecem um trabalho longo e rigoroso, objetivando o conhecimento da história. Para Campos (2015, p. 105-106),

a primeira constatação é de que a história intelectual tem um caráter pluridisciplinar (história, sociologia, filosofia). Ela pode analisar o funcionamento de uma sociedade intelectual [...] outra constatação diz respeito ao procedimento de análise. Nesse aspecto a história intelectual se diferencia da clássica história das ideias (história da filosofia), pois articula os aspectos internos (discursos) aos elementos externos (campo, contextos, conjuntura) de uma obra. [...] A terceira constatação se refere ao esforço interpretativo de posicionar as ideias aos seus contextos (intelectual e histórico) de produção e de apropriação.

Percebe-se, com tais autores, que a história intelectual não é uma história solitária e individual; assim sendo, o pesquisador desse campo deverá conhecer o conceito de redes de sociabilidade. Como aqui escrevemos sobre uma intelectual, a interlocução com a história das mulheres é fundamental, pois entendemos que há muitos modos de se fazer intelectual, mas a condição feminina traz em si particularidades desse universo que precisam ser consideradas. Para Perrot (1988, p. 187). “o que importa reencontrar são as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente como autômatas, mas criando elas mesmas o movimento da história.” Para Almeida (1998, p. 25), “atualmente, a história das mulheres constitui um campo de estudos bastante privilegiado, mas as mulheres, enquanto profissionais do ensino, têm sido constantemente relegadas ao esquecimento.”

Helena Kolody foi professora, inspetora do ensino secundário e poetisa, conhecida e reconhecida no estado do Paraná e no Brasil por suas obras literárias. Entretanto, percebemos que sua contribuição foi além, visto que ela era referência para suas alunas, como mulher e profissional. A história das mulheres, enquanto um campo importante para os estudos de gênero, tem relação direta com o conceito de poder, sobre o qual Perrot (1988, p. 167) escreve:

no singular ele tem uma conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado que comumente se supõe masculina. No plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalente a influências difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela. Se elas não têm o poder, as mulheres têm, diz-se, poderes.

Diante da história brasileira, esses poderes foram conquistados ao longo do século XX graças a intelectuais que se difundiram na sociedade e nas atividades que exerceram. Os atributos de bondade estavam presentes nas mulheres que muitas vezes exemplificavam suas ações pela paixão, como no caso docente. Segundo Almeida (1998, p. 21), “O conceito de paixão [...] mostra que o ato de educar o outro ser humano é difícil, existe força interior e vontade.” A produção de uma sensibilidade feminina deve ser compreendida levando também

em consideração o conceito de sensibilidade e o que ele traz como potência interpretativa. Para Oliveira (2012, p. 9),

sentidos e sensibilidades são enfatizados como uma dimensão da experiência não redutível ao cálculo, ao útil, ao mesmo e sempre igual, uma vez que estaria em jogo outra forma de apreensão da realidade- logo, de formação- não definida apenas pela capacidade intelectual. Essa noção teria uma carga não funcional que remeteria sempre, à dimensão corporal e a um âmbito de particularidade e liberdade que potencializaria a possibilidade de formação dos indivíduos; estaria circunscrita à dimensão subjetiva, singular. Logo, sonegaria qualquer forma de repetição e abriria espaço para emergência do indivíduo sensível, reconhecendo o lugar do desejo na produção histórica dos sentidos e das sensibilidades.

Desse modo perceber essa sensibilidade exposta na vida e obra de Helena Kolody passa por compreender a própria autora como produtora de uma sensibilidade. Pode-se dizer que não só de paixão ela subsiste. No caso da docência, sobretudo, há uma escolha permeada de muitos sentidos, dentre eles, o político e o social. Assim, a pesquisa sobre as mulheres tem contribuído para desmistificar muitos aspectos historicamente representados relacionados ao público feminino. Como cita Perrot (1988, p. 169-170),

a pesquisa feminista recente por vezes contribuiu para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude de seus papéis, e mesmo a coerência de sua cultura e a existência de seus poderes.

Entre os campos de poderes das mulheres, Helena Kolody se insere em alguns, como o magistério, a poesia e a imprensa periódica. É possível considerar as fontes relacionadas a esses campos, como expressões das táticas que mobilizaram a construção de uma representação e autorrepresentação de si e/ou de sua obra.

É um diálogo entre vida e obra, representações e autorrepresentações, a fim de elucidar a trajetória que forma a intelectual Helena Kolody. O entendimento da produção da representação passa pela compreensão das práticas produzidas nessa direção. A escrita, os discursos e a atuação de Helena Kolody serão compreendidas como práticas, tal como define Chartier (2002b, p. 28): “[...] a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação”.

Este texto não deixa de ser também biográfico, por ser trilhado histórica e factualmente com a vida de Helena Kolody. Para Levi (2006, p. 168), a “[...] biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se

transmitem à historiografia.” Segundo ele, o caminho da pesquisa se faz por uma prosopografia ou biografia modal, “[...] na verdade a biografia não é, nesse caso, a de uma pessoa singular e sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo.” (LEVI, 2006, p. 175). Sendo possível considerar tais pesquisas como um bom objeto, desde que esteja situando o sujeito em seu tempo e espaço, considerando as relações desses de maneira dialógica dentro do espectro de mudanças constantes por se tratar de uma história de vida, ainda que algumas vezes, como é o caso desta dissertação, recortada em alguns aspectos.

Nossa questão estrutural é que Helena Kolody caracteriza um grupo de mulheres atuantes no século XX, concentradas em torno do campo educacional e do campo literário paranaense, que se articulam em projetos de reconhecimento como escritoras. Dar visibilidade à Helena Kolody como educadora, buscando compreender os sentidos de seus discursos, contribui para colocar em evidência a convergência do tripé educação, religião e cultura na produção de uma sensibilidade, privilegiadamente feminina, no Paraná do século XX. Do ponto de vista metodológico, este texto considera o estudo sobre intelectuais na perspectiva de trato das fontes levantadas por Sirinelli. De acordo com o autor,

a história política dos intelectuais passa obrigatoriamente pela pesquisa, longa e ingrata, e pela exegese de textos, e particularmente de textos impressos, primeiro suporte dos fatos de opinião, em cuja gênese, circulação e transmissão os intelectuais desempenham um papel decisivo; e sua história social exige a análise sistemática de elementos dispersos, com finalidades prosopográficas. (SIRINELLI, 1996, p. 245).

A prosopografia citada por Sirinelli, nesse trabalho tem a intenção clara de aplicação, diante do conceito de Levi (2006, p. 174),

as biografias individuais só despertam interesse quando ilustram os comportamentos ou as aparências ligadas as condições sociais estatisticamente mais frequentes. Portanto não se trata de biografia verídicas, porém mais precisamente de uma utilização de dados biográficos para fins prosopográficos. Os elementos biográficos que constam das prosopografias só são considerados historicamente reveladores quando têm alcance geral.

Em perspectiva prática, a pesquisa que aqui apresentamos está organizada metodologicamente pela interlocução de fontes inéditas e publicadas com o referencial bibliográfico do campo. Na composição de três capítulos, discutiremos a contribuição de Helena Kolody em relação à cultura e à educação paranaense.

No primeiro capítulo, identificamos a contribuição da imprensa periódica na construção do mito Helena Kolody e na legitimação de um projeto de afirmação intelectual pela poesia,

analisando as representações e (auto)representações que o favoreceram. No segundo capítulo, procuramos também identificar suas redes de sociabilidade, reconhecendo as táticas de legitimação de um projeto intelectual que se constrói entre a educação e a poesia, verificando os discursos de Kolody nestes campos. Já no terceiro capítulo, analisamos os impulsos masculinos nesta trajetória, bem como as homenagens e títulos que lhe atribuíram após a ascensão de sua carreira como poetisa.

O que ainda se faz importante salientar é que este texto foi escrito dentro de uma criticidade historiográfica, o que, a princípio, não parecia ser possível com tal temática, ao perceber que algumas pessoas do próprio campo acadêmico ofuscaram sua visão de Helena Kolody a partir do que conheceram, ou seja, da representação que dela se tem: a Helena que Curitiba ama. Neste contexto, Mignot (2002, p. 46) nos ajudou quando escreveu: “desconfiei, cada vez mais, dos registros que dão conta de uma versão de mulheres silenciosas, discretas, ausentes.” De modo que levamos em conta o apontado por Bourdieu (1989, p. 34): “construir um objeto científico é, antes de mais nada e sobretudo, romper com o senso comum”.

Esperamos que, ao final, a compreensão dos conceitos aqui usados possa fazer o leitor perceber que não é porque Kolody tinha um projeto de reconhecimento intelectual pela poesia que a outra versão da história – a amada – tenha menos relevância em sua trajetória ou mereça menos crédito. De fato, ela foi amada por Curitiba e ainda é até hoje.

Orlando (2017, p. 120), ao se referir a Maria Junqueira, escreveu que a “[...] história dessa personagem se constrói em movimento. Descortiná-la passa por entender os seus caminhos de formação, de atuação, de circulação.” Essa ideia se faz de extrema relevância para o que entendemos aqui também, visto que, até hoje, o que conhecem de Kolody se refere estritamente a sua vida de poetisa, principalmente após seu reconhecimento.

No entanto a força de sua palavra traduzia o sentido político de suas ações e ilumina o ideal perseguido em sua trajetória como intelectual: “ai de nós, professores, se não soubermos dizer a palavra certa, no momento oportuno! as palavras decidem o destino das nações, orientam a vida dos indivíduos.” (KOLODY, 1997b, p. 2).

1 O PAPEL DA IMPRENSA NA CONSTRUÇÃO DA INTELLECTUAL HELENA KOLODY

A LÁGRIMA

*Oh! Lágrima cristalina,
tão salgada e pequenina.
Quanta dor tu não redimes!
Mesmo feita de amargura,
és tão sublime, tão pura,
que só virtudes exprimes.*

*Ao coração torturado,
pela saudade magoado
pelo destino cruel.
Tu és a pérola linda
do rosário que não finda,
feita de tortura e fel.
(Helena Kolody, 1928)*

Tendo por epígrafe o primeiro poema, “A lágrima”, publicado por Helena Kolody na revista *Garoto*, em 1928, aos 16 anos, que iniciamos este capítulo. O que para alguns parece o símbolo de sofrimento, para ela é “dor que se redime”, em um modo bem kolodyano de ser, tal ação natural, característica de tristeza, pode ser expressão de virtuosidade e pureza.

O papel da imprensa na constituição da trajetória intelectual de Kolody começa a partir deste poema, publicado em uma revista, posteriormente outras terão os seus textos estampados. Entretanto, sem acesso a estes, o que aqui pretendemos fazer é discutir as representações da intelectual, que se iniciam em 1966, pela imprensa periódica, quando ela passa de autora para tema de reportagens. Buscando identificar a contribuição da imprensa no projeto de afirmação intelectual de Helena Kolody pela poesia, analisando as representações e (auto)representações que o favoreceram. Para Chartier (2002a, p. 11),

o porquê da importância da noção de representação, que permite articular três registros de realidade: por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver conhecida; enfim, a delegação a representantes

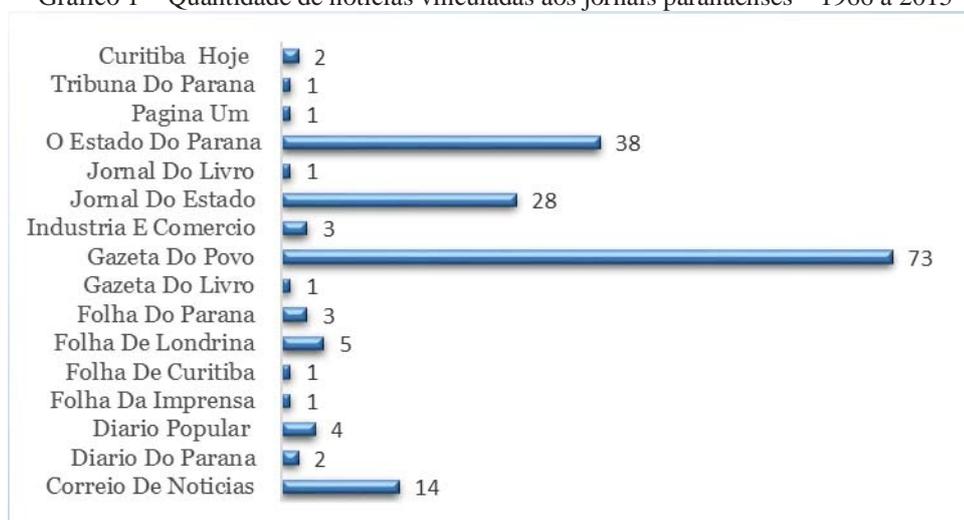
(indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada.

Essas instâncias podem ser vistas neste trabalho: a primeira, “das divisões do mundo social” nos subcapítulos, verificando as classificações e julgamentos; e a segunda, ao tratar da (auto)representação de Helena Kolody, como a “identidade que se quer ver conhecida”. Ambas, entregues e delegadas à imprensa para que esta desse a coerência necessária para a identidade que estava a ser “afirmada”.

Desta maneira, procuramos, compreender melhor, os meios pelos quais ela foi considerada referência para a sociedade paranaense, bem como quais eram os atributos “desejáveis” à mulher nesse período que, posteriormente, seria reconhecida como uma intelectual. As fontes poderiam ser diversas, entretanto, como cita Orlando (2017, p. 128) “o papel que os jornais exerceram na legitimação dos intelectuais, na produção dos novos valores da vida urbana e da sociedade moderna, foram inegáveis.”

Nossa análise parte então de publicações em jornais paranaenses, compreendendo os anos de 1966 até 2015 (Gráfico 1), sendo que os trechos destas fontes são usados como exemplos de representações veiculadas. O longo período se justifica pela referência de Kolody na imprensa periódica, incluindo menções, entrevistas, notícias e textos pessoais. As fontes analisadas fazem parte do acervo da divisão de documentação da BPP, que possui uma pasta destinada à Helena Kolody. Foi necessário organizá-las, com o objetivo claro, pois como cita Chartier (2002a, p. 55) “a oposição entre realidades e representação é assim estabelecida como primordial para distinguir tipos de histórias e, simultaneamente, discriminar tipos de textos.” Assim surge o interesse em sabermos quantas notícias e quais jornais paranaenses Kolody aparece.

Gráfico 1 – Quantidade de notícias vinculadas aos jornais paranaenses – 1966 a 2015



Fonte: gráfico elaborado pela autora com base nos dados coletados na BPP, em 2016.

A partir desse primeiro gráfico, os três jornais com maior expressividade sobre a personagem foram: *Jornal do Estado*, *O Estado do Paraná* e *Gazeta do Povo*. Sobre o *Jornal do Estado*, que publicou 28 notícias referindo-se à Kolody, é relativamente recente sua existência, portanto, não encontramos pesquisas sobre sua história. Segundo informações do próprio sítio eletrônico:

tudo começou com o *Jornal do Estado*, fundado em 1983, pelo jornalista Roberto Barrozo Filho. Desde a primeira edição, o *Jornal do Estado* manteve o compromisso de dizer a verdade, com uma política honesta, que defende a estrutura econômica do Paraná sem visar o protecionismo privilegiado, como escreveu Roberto Barrozo Filho na capa da primeira edição, em 17 de junho de 1983. Ao completar 30 anos o *Jornal do Estado* evoluiu. Desde o dia 17 de junho de 2013, a edição impressa passou a se chamar Bem Paraná, mesmo nome do portal na internet lançado em 2006. (SOBRE..., 2016, não p.).

O que vale salientar é que este jornal teve uma influência maior no período de ascensão de Helena Kolody e, em 2004, após sua morte, o *Jornal do Estado* publicou periodicamente uma coluna sobre ela (cf. exemplo na Fig. 1), escrita por diferentes personalidades da sociedade curitibana.

Figura 1 – Coluna do *Jornal do Estado* dedicada a homenagear Helena Kolody após sua morte



Continue lendo e escrevendo
Helena Kolody, o *Jornal do Estado* publica.

Fonte: imagens coletadas pela autora na BPP, 2016.

Já sobre a história do jornal *O Estado do Paraná*, que veiculou 38 notícias sobre Kolody, pode-se dizer que possui características mais declaradamente políticas, devido principalmente ao seu proprietário. Severo e Fausto Neto (2009, p. 10-12) escrevem em sua pesquisa:

o “Estado do Paraná” mantém sua edição na capital, Curitiba. Pertence ao Grupo Paulo Pimentel, filiado ao SBT [...] O nome do proprietário foi dado ao grupo. Paulo Pimentel foi governador do estado entre 1966 e 1970[...] Criado em 17 de julho de 1951 diante da oposição sofrida pelo governador do Paraná, Bento Munhoz da Rocha Neto[...] Pimentel não aceita apoiar o candidato indicado ao governo do Estado do Paraná pelo então presidente Médici[...] O jornal “O Estado do Paraná” foi o primeiro a manter um agente da Polícia Federal em sua redação com intuito de avaliar o conteúdo e censurar, se necessário. O Estado do Paraná mantém uma tiragem de 40 mil exemplares com 35 páginas nos dias de semana, uma média de 50 mil, com 40 páginas nos finais de semana, sendo 40% o espaço destinado à publicidade e 60% à informação. O impresso é distribuído para todo o estado.

A *Gazeta do Povo* foi o jornal que mais veiculou notícias sobre Helena Kolody em sua trajetória, somando um total de 73 notícias, mais que os dois jornais anteriores juntos, é considerado um jornal pioneiro para o Paraná. Embora se declare apolítico, ele se posiciona politicamente em alguns momentos. Severo e Fausto Neto (2009, p. 3-5) relatam:

Benjamin Lins colocou em circulação o manifesto de Fundação da Gazeta do povo em 20 de janeiro de 1919 na cidade de Curitiba [...] Na década de 1960, a televisão chegava a Curitiba [...] Diante da crise econômica vivenciada no período, A Gazeta, seus proprietários venderam o jornal para Edmundo Lemanski e seu respectivo sócio. Dentre as aquisições da empresa estão uma impressora off set, novidade na década de 1970, computadores que tornaram possível a primeira foto colorida na capa de um jornal no Estado do Paraná. No decorrer dos anos, os sócios da Gazeta do Povo compraram a TV Paranaense, canal 12, de Curitiba[...] A Gazeta do Povo foi o segundo jornal brasileiro a disponibilizar as notícias na internet em 1995, logo após o Jornal do Brasil que foi o pioneiro[...] Atualmente, a Gazeta é o maior jornal do Paraná com tiragem média de 50 mil exemplares de segunda a sábado e 105 mil aos domingos.

Sobre esses dois últimos jornais é importante verificar que suas tiragens se relacionam a seus investimentos, pois, apesar do surgimento da TV, os dois grupos conseguiram se filiar à emissoras de grande alcance, fazendo a divulgação de nossa personagem em todo o estado. Para Almeida (1998, p. 106), a “[...] obra escrita em forma de jornais periódicos, revistas, literatura, poesias e mesmo música revela formas de pensar, mentalidades, sentimentos dos personagens em determinados períodos históricos.”

Para nós, o que se faz relevante é perceber a importância desse veículo de informação na trajetória de Kolody, expondo as representações que compõem uma história intelectual. Tal trajetória fora marcada por uma produção de visibilidade através do jornal. Como cita Bueno (2003, p. 213),

a participação feminina no mundo da escrita – principalmente, na produção de poesias – foi marcante no Paraná dos anos 30. Amostras de suas produções encontram-se dispersas em jornais, nas sessões especialmente dedicadas a intelectualidade paranaense, em revistas de publicação não regular e em editoras de time da projeção.

Entretanto, as publicações não eram apenas amostras de seu trabalho, mas também de sua opinião, sua postura, homenagens a ela... “a poesia do Paraná tem um nome: Helena Kolody” (HELENA..., 1994, p. 6). “Um dos maiores nomes da poesia brasileira” (JUSTEN, 2004, s.p). Para analisar a repercussão de suas contribuições à sociedade paranaense, é preciso reconhecer os modos que Kolody foi representada nos jornais. Temos o conceito então de representação, já contextualizado anteriormente, com base nos estudos de Chartier e Campos. No entanto, Bourdieu (2006, p. 185) acrescenta:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão-retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.

E é neste caminho, de superar a ilusão biográfica, que nos apoiamos ao conceito de representação para discutir as imagens produzidas de Helena Kolody. Partimos da ideia de três representações: docência, poesia e sensibilidade religiosa. Por seu trabalho (com a educação e com as letras) e por sua fé católica, que acabam configurando um perfil representativo da mulher – modelo e referência – da sociedade paranaense no período, um quarto pilar surgiu nesse conjunto de representações: o exemplo feminino.

Por essa perspectiva, analisando os jornais em busca das representações, percebemos que poderíamos ter mais de uma representação em apenas uma notícia, principalmente quando a maioria contextualizava a vida de Kolody. Para exemplificar, foi elaborado um quadro (Quadro 1) que demonstra de modo quantitativo as representações de Kolody na imprensa. Em quase todas, poetisa era sua representação principal, seguida do exemplo feminino, uma representação bem expressiva. Já a representação docente apareceu em menos da metade das notícias; e sua sensibilidade religiosa, embora em menor quantidade, apareceu com muita força.

Quadro 1 – Quadro de análise das representações nas notícias levantadas – 1960 a 2015

POETISA	PROFESSORA	SENSIBILIDADE RELIGIOSA	EXEMPLO FEMININO
173	71	33	99

Fonte: quadro criado pela autora a partir da análise das fontes levantadas na BPP, 2016.

Em todas as notícias foi possível identificar alguma das representações inicialmente levantadas por simples nomeações, como no caso de poetisa e professora, pois era relatada sua atuação profissional. No caso do exemplo feminino, foram considerados os elogios à mulher com “qualidades desejáveis” pela sociedade neste período, além das relacionadas com suas profissões, como em uma publicação que diz: “uma paranaense pouco conhecida, injustamente pouco conhecida além das fronteiras de seu estado natal, dada sua timidez e humildade.” (LINHARES, 1969, s.p). Assim, apesar do assunto principal ser a poetisa, quase sempre surgem elogios que independem de sua escrita, sendo mais pessoais.

No caso da sensibilidade religiosa, esse pilar representativo foi considerado quando, ao falarem de sua poesia, a comparavam com uma posição de vida espiritualizada: “iluminada e luminosa. Amamos essa grandeza espiritual, a palavra enxuta e exata [...] ainda fará com que Curitiba ame a si mesma” (MONTEIRO, 1987, s.p). E, também, algumas vezes quando citada sua crença diretamente: “para Helena Kolody, com uma forte vocação mística em função da sua sólida formação católica [...]” (SANCHES NETO, 1996a, s.p) ou indiretamente, em um agradecimento a Deus, por exemplo.

Portanto, as notícias levantadas, bem como a análise de suas representações estão expressas em todo o capítulo. No entanto, a seguir, contemplaremos as notícias em dois períodos: o primeiro refere-se ao movimento inicial de tornar Helena Kolody uma figura conhecida entre os anos de 1966 a 1984. Na sequência, mas de fato em paralelo, as autorrepresentações também veiculadas pela imprensa periódica são consideradas como parte desse caminho de produção da intelectual, que culmina em seu reconhecimento e nas representações produzidas a partir dos anos 1985 a 1992. Apesar de curto, trata-se dos anos em que houve um investimento forte e coletivo no alcance do seu reconhecimento como poetisa. As autorrepresentações em torno da imprensa periódica também serão problematizadas, finalizando este primeiro capítulo com a ascensão do projeto pós 1993.

1.1 REPRESENTAÇÕES INICIAIS DE HELENA KOLODY NA IMPRENSA PARANAENSE: FAZENDO NASCER UM MITO (1966-1984)

Que figura nos mapas.

*Quero ser o cristalino fio d'água
Que canta e murmura na mata silenciosa.*
(Helena Kolody, 1945)

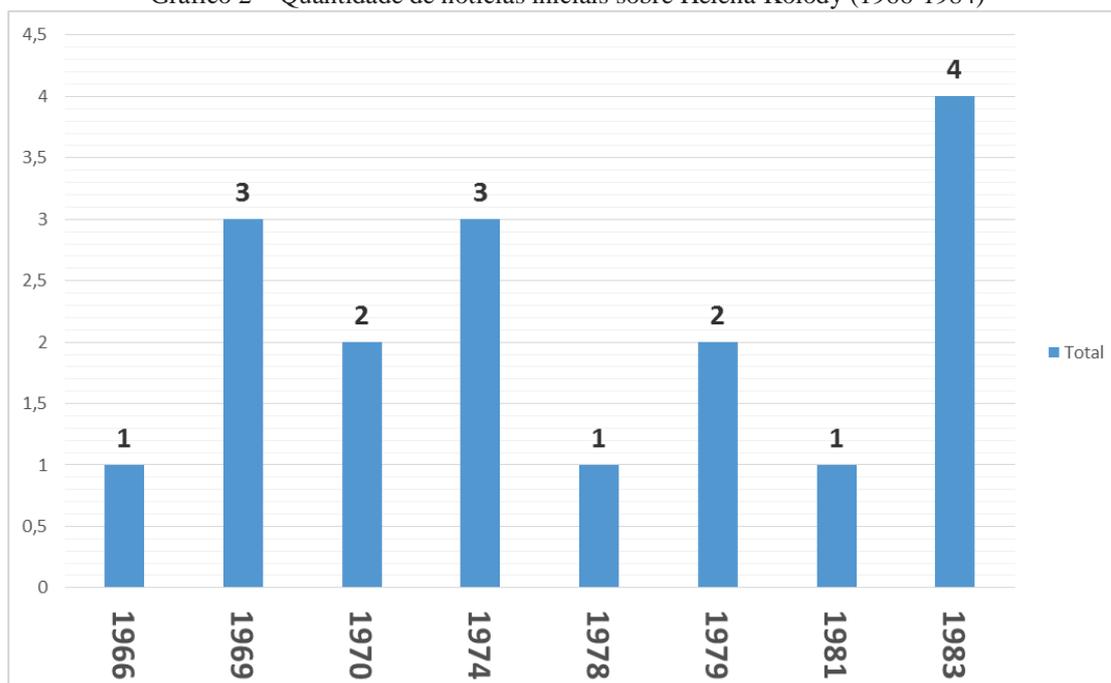
Apesar de aparentar uma ambição pequena que não faz questão de “ser um rio caudaloso”, ela marca seu desejo de estar presente, indicando o lugar e a forma como pretende fazê-lo, “um cristalino fio d’água” que anuncia uma experiência estética, orientando e educando pela poesia as sensibilidades silenciadas dos indivíduos. Um projeto anunciado, em um estilo, que pode ser aproximado da representação de discrição e modéstia, que vão lhe atribuir posteriormente, e que aqui discutimos na intensa associação ao sentimento religioso.

As representações iniciais de Helena Kolody na imprensa paranaense⁸ foram proporcionando o nascimento de um mito que aqui contextualizamos, “falar sobre um mito não é apenas mencionar um conglomerado de informações pontuais e/ou esparsas; pois a vida de um ser considerado exemplar constitui um todo[...]” (ARAUJO, 2010, p. 147), para nós uma trajetória que pela publicização se potencializa.

Foram levantadas 17 notícias no total, publicadas no período de dezoito anos (Gráfico 2). Apesar de poucas, trata-se de um número expressivo se considerado o período histórico de ditadura militar e que Helena Kolody era uma senhora professora aposentada, não tendo ainda investimento em sua obra poética por parte das editoras. A censura é um dado importante no período, sendo interessante verificar algumas notícias sobre Kolody e quais eram as representações inicialmente aceitas. É preciso considerar que, em 1966, Kolody já estava com 54 anos: “Com 6 livros de poesias já editados, confessa não estar satisfeita [...] daí a sua permanente busca, aquela caçada sem trégua pela perfeição[...]” (LINHARES, 1969, s.p).

⁸ Sobre as análises das notícias de 1966 a 1984, cabe dizer que o início do período se refere à primeira notícia a qual tivemos acesso neste acervo da BPP sobre Helena Kolody. Outra questão a ser considerada é a de que, até os anos de 1980, apesar da modernização dos jornais, havia uma censura à imprensa alternativa, o que Martins e Luca explicam: “prisão de editores, bombas nas redações, apreensão de edições inteiras e censura e cortes que atingiam grande parte do material produzido.” (2006, p. 111). Como já citado no caso da história do jornal *Estado do Paraná*, essa marca e o que também atingiu também esta pesquisa, pois alguns dos fragmentos que trazem as notícias, do período contemplado, não estavam em boas condições de leitura, apesar de boa conservação atualmente. O nome do autor da notícia nem sempre foi exposto, quando sim, referenciamos aqui.

Gráfico 2 – Quantidade de notícias iniciais sobre Helena Kolody (1966-1984)



Fonte: gráfico elaborado pela autora com base nos dados coletados na BPP, 2016.

Observemos que os seis livros eram produções independentes, com edições artesanais, pois a publicação e a venda com apoio editorial vieram bem posteriormente. “Helena Kolody, uma voz de poeta que o Brasil precisa ouvir” (LINHARES, 1969, s.p). Com essas notícias podemos perceber que nos anos iniciais de sua entrada na imprensa periódica, o foco era a divulgação do trabalho como poetisa e o início da construção de um possível mito. Helena Kolody deveria se tornar conhecida para ser amada. Vejamos a primeira notícia publicada, a qual tivemos acesso:

um grupo de amigos e admiradores de Helena Kolody inspirados no belíssimo poema <agora> fecho do seu último livro, recentemente publicado. [...] Em justa homenagem a grande poetisa brasileira neste ano em que se comemora o jubileu de prata de seu 1º livros <Paisagem interior> ofereceram-lhe um álbum com 20 versões de sua maravilhosa <PRECE>, hoje universalmente conhecida. Assim em [...] italiano, francês, espanhol, inglês, alemão, holandês, sueco, norueguês, polonês, ucranio[...] húngaro, latim, grego, árabe [...], japonês e chinês a <PRECE> de Helena Kolody vai sendo difundida pelo mundo inteiro, tendo obtido o Imprimatur da igreja, tornando-se, oficialmente, poema sacro, verdadeira lição de vida, digna de ser recitada reverentemente, de joelhos e mãos postas. (JUBILEU..., 1966, s.p).

Não causa estranhamento a aceitação de seu trabalho e a veiculação de uma representação, do sentimento religioso na vida da poetisa, relacionado diretamente com a sua obra, já que Kolody exerce a escrita como fonte de reflexão, mas não de questionamento, nem de enfrentamento à ordem social estabelecida. Apesar de ser em 1966, está notícia nos traz a

informação de que já se passaram 25 anos da produção de seu primeiro livro. Já o poema, na epígrafe, existe desde 1945.

“A religiosidade da autora cunhou a sua estética o seu morrer-viver diário.” (SOSSÉLIA, 1983, s.p). Apesar do período, a sensibilidade religiosa não é uma representação tão citada. A morte, porém, é exposta segundo sua fé católica: “Adora viver... mas nem por isso tem medo da morte, que não considera o fim mas o começo da tão procurada paz” (LINHARES, 1969, s.p).

Lendo as matérias desse período, percebe-se que os jornais repetem praticamente o mesmo texto, com poucas alterações. Entretanto, a maioria traz a ausência do nome do autor da notícia, o que posteriormente vem abaixo do título. Em função dessa ausência, não conseguimos fazer uma relação de quais autores contribuíram para as representações iniciais de Kolody.

Sobre a representação da professora Helena, uma notícia se fez relevante em 1970 (Fig. 2), ao lançar o livro *O Tempo*, no IEP, a notícia no jornal *Diário Popular* não evidencia a intensa relação dela com o Instituto de Educação – apesar da festa escolar e prestígio devotado a ela na ocasião –, nem cita que foi professora e inspetora federal por vários anos, atuando naquele espaço. Escrevem que “Kolody foi ao Instituto de Educação por insistência dos estudantes” e seguem descrevendo e elogiando sua carreira como poetisa.

Figura 2 – Primeiro lançamento público de um livro por Helena Kolody no IEP em 1970



Fonte: Jornal *Diário Popular*, 28 nov. 1970.

Em outras notícias, apenas quatro trazem a citação de Kolody como professora. Uma das notícias expôs a representação da professora Helena como aquela que amava sua profissão, diz “[...] que seu tempo feliz foi os 15 anos que lecionou” (LINHARES, 1969, s.p). Já em outra posterior, referente à medalha do mérito literário, em que o “[...] prefeito destacou o trabalho da professora Helena Kolody, lembrando que sua contribuição se estende a toda literatura brasileira” (HOMENAGEM..., 1983, s.p), apesar de a representação aparecer, ela pode ser entendida erroneamente, pois Kolody era professora de biologia e não de literatura, dessa forma, podemos supor que ele estava se referindo à poetisa.

Portanto, o período analisado traz quase que um apagamento da carreira docente. As vezes que essa representação aparece ela está em segundo plano. O interessante é perceber que sua trajetória intelectual se fortalece por Helena Kolody ter um perfil feminino socialmente “aceitável”, ou seja, ponderada nas falas e atitudes. Sua vida como professora, para a imprensa, não se apresenta como tão diferente, a não ser por suas alunas amarem sua poesia, apesar de ter aulas de biologia com ela. Segundo Louro (1997, p. 470-471),

as representações de professoras carregaram, através dos anos, alguma continuidade, mas também se transformaram historicamente. [...] Assim as professoras e normalistas foram se constituindo educadoras, depois profissionais do ensino, para alguns tias, para outras trabalhadoras da educação.

Com relação à representação de Helena Kolody como um exemplo feminino, surge a seguinte descrição relacionada aos dotes intelectuais e comportamentais de Kolody: “tímida por natureza, simples, profundamente humana, possui no entanto uma inteligência fora do normal. Ela é uma daquelas mulheres com quem a gente conversaria um dia todo, sem ver o tempo passar...” (LINHARES, 1969, s.p). Apesar de muito citada, principalmente na representação de exemplo feminino, essa timidez não se sustenta quando analisamos sua trajetória. Para Sérgio Rubens Sossélia (1983),

cá entre nós, um exemplo de dignidade profissional. Chego com relativo atraso às homenagens prestadas à Kolody, ao ensejo dos seus caridosos ...70 anos. Estas, as mais belas rosas que colhi no meu próprio jardim: não retarde o passo minha Helena, mestra mestríssima dos ofícios de viver e de escrever, o aplauso que mereces.” (SOSSÉLIA, 1983, s.p).

Apesar desta representação ainda estar atrelada a obra poética de Kolody, vemos que Sossélia destaca que Kolody era “dotada de dignidade e mestre do viver assim como do escrever”. Ainda a chama de “minha Helena”, aproximando o leitor do carinho que nutre por ela. Associada a obra poética também, tivemos a notícia da recepção à Academia Feminina de

Letras em 1974: “muito linda e com muito calor humano transcorreu a reunião da academia feminina [...] Helena Kolody foi recebida, ocupando a cadeira nº 2, que tem como patrona Júlia Wanderley.” (MUITO..., 1974, s.p). O que não deixa de ser mais uma representação do exemplo feminino, pois mostra sua atuação em instituições que defendem a colocação social da mulher na esfera pública. Sendo a patrona outro mito paranaense, estudada por Silvete Araujo, que se faz referência para esta pesquisa.

O que se fez claro ao analisar as notícias desse período, é que a representação de poetisa, além de ser a primeira em número, é também a primeira em importância para a imprensa. Até mesmo quando houve relatos sobre Kolody ter custeado a publicação e distribuição dos seus livros, o que foi visto como se fosse benéfico apenas para os demais envolvidos no processo, deixando de lado o quanto isso foi benéfico para ela própria: “uma das satisfações que estes livros me proporcionaram – afirma – é o de ter, através deles, ajudado a formar futuros impressores gráficos, pois 2 foram publicados pela impressora do Senai, 3 pela escola técnica e o último pelo Centro Feminino Paranaense de Cultura” (LINHARES, 1969, s.p).

No dia da poesia, mesmo não concedendo entrevistas, sua fala informal é exposta: “disse Helena Kolody, que cada inspiração, nova poesia que é posta no papel, é como um ‘filho que a gente ama e faz de tudo para vê-lo feliz’. Esta interpretação da poetisa parece ser verdade a todos os poetas.” (DIA DA..., 1974, s.p). Uma das falas de Kolody veiculadas neste período é o de parar de publicar novas poesias: “a poetisa Helena Kolody [...] tomou duas decisões: não publicar mais nenhum novo livro e reeditar toda sua obra.” (A POSSE..., 1974, s.p). Entretanto, nunca o fez, apesar de realmente ter se dedicado a uma antologia três anos depois.

Helena Kolody possui dez livros publicados até o momento. O último deles, ‘Correnteza’, é uma síntese de todos os seus poemas e foi publicado em 1977. Para chegar a esse ponto, porém, a poetisa não percorreu um caminho fácil. Como a maioria dos autores nacionais, ela enfrentou, por exemplo, o problema de não ter uma editora para publicar seus poemas. De início ela recebeu ajuda da Escola Técnica Federal e, depois, da escola do Senai, que possuem equipamentos gráficos e onde ela só teve de pagar pelo material empregado. (A POETISA..., 1979, s.p).

O fato de ser uma produção, sem apoio de uma editora, não impediu a antologia de ser mais uma obra aclamada pela imprensa, como notado em uma crítica:

está enriquecida a bibliografia paranaense com mais um livro de Helena Kolody: ‘correnteza’. São 242 páginas da mais alta sensibilidade e beleza! Nossa poetisa honra as letras nacionais [...] São tão lindos todos, que não há em seu último livro versos a destacar: são de extrema, de rara sensibilidade têm o tamanho exato de um escrínio de jóias, guardando as filigranas de seu pensamento delicado e criador. (AMARAL, 1978, s.p).

O que é perceptível, principalmente na análise de Raquel Amaral, é a repetição da palavra sensibilidade, a qual adicionamos à representação da religiosa, pois sua vida e obra tem esse conceito em confluência. “Daí que os sentidos podem ser educados, para que o homem o seja, pois o mundo a ele não se mostra plenamente sem a sua mediação. Isso propiciará a educação ou o desenvolvimento das sensibilidades.” (OLIVEIRA, 2017, p. 21). É, portanto, um conceito que se adequa para as várias representações de Kolody, porque faz parte de uma educação que recebe e transmite, assim como faz parte de seu posicionamento e de sua escrita.

Em 1979, ela teve um de seus poemas como base para a redação do vestibular da UFPR.

‘Essa foi a homenagem mais importante que eu poderia receber; nem uma estátua em praça pública ou placa de ouro poderia me deixar mais feliz.’ Essa foi a reação da poetisa paranaense Helena Kolody, domingo pela manhã, quando recebeu um telefonema do reitor Ocyron Cunha, comunicando que sua poesia ‘O Maquinomem’ havia sido escolhida para servir de texto base para a redação do vestibular da Universidade Federal. (A POETISA..., 1979, s.p).

A alegria de Kolody reflete um intento inicial, pessoal e coletivo, que foi veiculado pela imprensa nesse primeiro momento, que é seu reconhecimento intelectual pela poesia, com a aceitação de seu trabalho no campo acadêmico, como referência da literatura paranaense.

1.2 UM PROJETO INTELECTUAL EM EXPANSÃO E VISIBILIDADE NOS JORNAIS PARANAENSES (1985-1992)

SINTONIA

*Desejo de estar presente
na vibração desde agora
de inquietação e procura,
coragem e afirmação.
Bem dentro do coração
que supera o sofrimento.
Estar no exato momento
em que o pensar se libera
de suas grades e muros.
Contagiar-se de espera.
Lavar os dias futuros.*

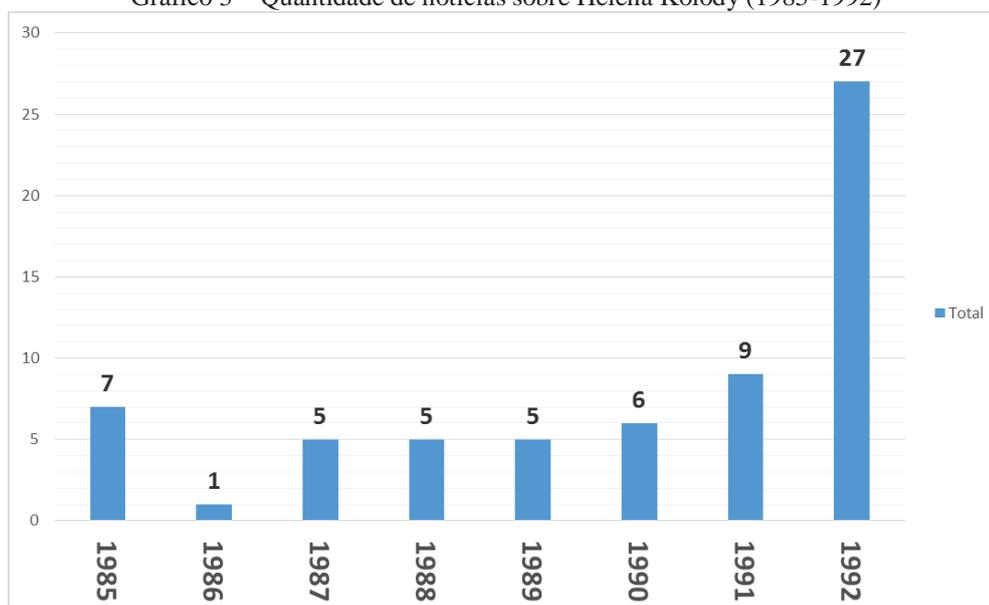
(Helena Kolody, 1988)

O período é de expansão e visibilidade ao projeto educacional de Helena Kolody, entretanto, uma de suas falas é de que tudo deveria ter acontecido antes, é perceptível sua ansiedade “inquietação e procura, coragem e afirmação”, sempre buscando “os dias futuros”, apesar de sonhos alcançados. É importante, portanto, analisar as representações de Helena Kolody, veiculadas pela imprensa a partir de 1985, porque este ano representa um divisor de águas em sua carreira pelo fato de ser o ano em que Roberto Gomes começa a publicar seus livros pela Editora Criar. É fato também que pós 1985 o país estava em outro momento histórico, o da abertura política, com o fim da ditadura militar. Sobre a imprensa e o período, Martins e Luca (2006, p. 12) escrevem,

Como resultado inicial dessa empresa de comunicação informatizada[...] passou-se a conviver com o visual mais ordenado e agradável do jornal, textos curtos, linguagens acessíveis de forte apelo popular, manchetes estratégicas para atrair o consumidor, e a ampla segmentação e difusão de publicações, temas e notícias.

Tal período de oito anos traz nos jornais paranaenses 65 notícias sobre Helena Kolody, sendo 1992 o ano de maior veiculação destas, com 27 notícias, dez a mais que em todo o período de análise anterior. O ano de 1992 foi marcado por grandes reconhecimentos e foi fundamental, com sua entrada para academia paranaense de letras, para que, a seguir, Helena Kolody alcançasse o ponto mais alto de sua trajetória intelectual, como exemplificado no Gráfico 3:

Gráfico 3 – Quantidade de notícias sobre Helena Kolody (1985-1992)



Fonte: gráfico elaborado pela autora com base nos dados coletados na BPP, 2016.

Para uma análise mais detida do período, já que em comparação com o anterior podemos destacar um aumento de quase quatro vezes mais publicações, analisamos os quatro pilares de representação, as quais apareceram nesse momento consideravelmente, permitindo novas percepções. O que vale lembrar, é que nestes anos Kolody tem o reconhecimento de sua obra, já idosa, com 72 anos.

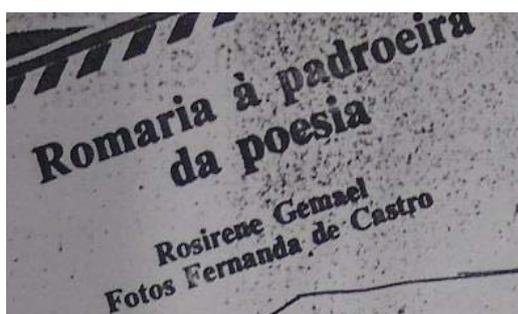
É interessante perceber que sua sensibilidade religiosa foi novamente destacada neste período. A questão da morte ainda persistia, conforme alguns textos dos jornais publicam: “católica praticante, comunga todos os domingos na Igreja Bom Jesus. A fé em Deus faz com que aceite a morte com tranquilidade [...]” (LEITE, 1992, s.p); “diante da divindade, tem uma postura humilde, Deus lhe está próximo, é grata a Ele pelo esplendor da terra, louva-o por toda a natureza e pela redenção do homem.” (SCHERNER, 1992, s.p).

Kolody e sua sensibilidade religiosa, já muito aceita e veiculada, ganham maior projeção a partir de um texto de Paulo Leminski, no qual o poeta a nomeia com o título de “santa”, dando abertura para que outros façam o mesmo (Fig. 3).

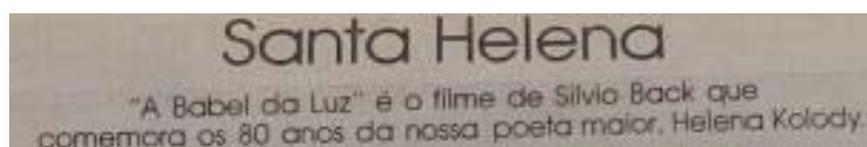
Figura 3 – Manchetes da representação da sensibilidade religiosa de Helena Kolody



Fonte: *Gazeta do Povo*, 26 jun. 1985.



Fonte: *Correio de Notícias*, 02 out. 1987.



Fonte: *Correio de Notícias*, 10 out. 1992.

Já o jornal *O Estado do Paraná* (1987) traz o tema enfatizando novamente que Helena Kolody era católica, exemplificando para o leitor quais de suas poesias caminhavam nessa

vertente, “inúmeros poemas denotam sua simpatia religiosa, principalmente ‘Ladainha’, ‘Páscoa’, ‘Paz’, ‘Eucaristia’, ‘Ação de Graças’, ‘Humildemente’ e ‘Egoísmo’”. A recorrência com que associavam Kolody ou suas poesias ao sentimento religioso acontece devido a sua postura de vida.

Além das justificativas acima citadas, o perfil de Kolody proporcionava liberdade aos jornalistas em expor preces à vida e obra dela, como vimos em alguns: “se Deus existe, fez Helena Kolody nascer no dia da criança [...] se Deus não existe é estranho, porque ele está lá na poeta e professora de 4 mil alunos [...]” (GEMAEL, 1987, s.p): “que Deus, este grandioso Deus onipresente nas entranhas e nas atividades diárias de Helena Kolody, ilumine seus passos[...] que, iluminada pelos dons do Espírito Santo, a sua presença faça espargir o lume da poesia no solo paranaense” (BASSETTI, 1991, s.p).

Os diálogos travados reforçavam a postura da intelectual “a conversa corre gostosa, com poemas declamados em voz firme e doce, quase como numa reza.” (GEMAEL, 1987, s.p); “durante vários decênios pudemos permanecer apreciando essa religiosidade provocada pelas imanências cristãs de Helena Kolody.” (PILOTO, 1992, s.p). Imanências estas que, para os que tiveram a oportunidade de conviver com ela, sempre foram acalentantes e admiráveis, segundo seus depoimentos. Tudo isso fez parte, a nosso ver, de uma educação dos sentidos e das sensibilidades que Kolody, intencionalmente ou não, utilizou para orientar a si mesma e a seus leitores e que encontrava eco no gosto, na moral e nas expectativas da sociedade de sua época. Segundo Oliveira (2017, p. 21),

basta lembrar que em minhas indagações sobre a marcha da natureza no desenvolvimento da espécie humana, escrito em 1979, Pestalozzi escreveu “O homem nesse estado (natural) é filho puro do instinto, que o conduz simples e inocentemente para todos os gozos dos sentidos”. Aí residiria o ponto de partida da educação do homem, que seria complementada com o estado social e o estado moral. Nisso que hoje se pode reconhecer como uma tradição, a apreensão da natureza é um elemento fundamental para o desenvolvimento da inteligência e da moral, e se dá pela via corporal. Mais precisamente, se dá pela mobilização dos sentidos –audição, tato, paladar, visão, olfato- para a captura do mundo, ou da natureza, que desencadeará, sobretudo nas crianças, um processo de elaboração que propiciará o homem educado.

E como expôs o jornal *O Estado do Paraná*, Kolody foi uma “[...] poeta que começou a transmitir sentimentos místicos e religiosos por intermédio da palavra, para demonstrar a preocupação acumulada com elementos subjetivos, como tempo, espaço e eternidade.” (WERBER, 1988, s.p). Com esse modo de escrever, ela veio acumulando admiradores, e a cada leitura ou entrevista, a matéria era tomada pelo sentimentalismo. Leopoldo Scherner (1992, s.p) expõe esta representação de Kolody, aclamada pela imprensa e avalia:

desde o início de sua trajetória poética, transparece em Helena Kolody o vital elemento religioso: o quarto poema de seu primeiro livro leva o título de *Genesis*, recriação do primeiro capítulo do primeiro livro da Bíblia. Ao tema ela jamais abandonou, porquanto a religiosidade constituiu a essência do seu próprio ser, a célula criadora de sua poesia. Se outra procedência tivesse. O ativismo ucraniano bastava para lhe plasmar a alma religiosa.

Desta maneira, pudemos perceber que a poesia e a sensibilidade religiosa de Kolody, promoveram, de certo modo, a educação dos sentidos, de seus leitores, pela experiência estética e pela força educativa que a literatura e a poesia proporcionam. Esse modo de educar começa no início de sua carreira como professora, quando citava poesias a suas alunas. Todavia, é em sua fase idosa que a representação da professora passa a ser mais veiculada pela imprensa, apesar de ir pouco além de apenas citá-la como docente.

Não fosse poeta, Helena seria para sempre amada professora de biologia, que encantava os alunos misturando os ensinamentos lógicos dos livros com a delicadeza de seu lirismo. Costumava ler poemas seus nos intervalos das aulas, desde que os estudantes cumprissem com as exigências que fazia.” (LEITE, 1992, s.p).

Entretanto, a professora nunca aparece desassociada da poetisa, como vimos. Rosirene Gemael (1987, s.p) escreve algo que se aproxima mais da realidade docente de Helena Kolody, “ela lecionou todos os anos que teve direito”, indicando que gostava de estar em contato com a juventude e não tinha pressa para se aposentar.

Somente em 1992 o jornal *O Estado do Paraná* expõe a representação da professora Helena, ainda que de maneira curta e rápida, como a realidade vivida pela intelectual. Conforme o jornal, “Kolody destacou-se tanto na poesia como professora de normalistas, sendo querida por suas alunas até hoje.” (UMA ESTRELA..., 1992, s.p). O fato é que a veiculação desta representação só se fez na defesa de uma biografia linear e correta, e muito se deve às lembranças da professora Helena, que sempre demonstrou não esquecer suas alunas.

Helena Kolody lecionou a disciplina de biologia educacional e justifica essa escolha, dizendo que sempre gostou dos seres vivos. “Leva grande amor por seus alunos, que foram, quase sempre, alunas. Exerceu, também, durante 17 anos o cargo de Inspetora Federal do Ensino Secundário.” (HELENA..., 1992d, s.p).

Esta representação, na maioria das notícias, traz a paixão pelo magistério como um ponto positivo em Kolody, uma dedicação, como se fosse apenas por esse motivo sua entrada na carreira docente. Já a poesia que a imprensa tanto promovia, era sua arte, mas não poderia viver apenas dela. Poesia e docência se uniam por um projeto intelectual. Helena Kolody fala

em pouquíssimas entrevistas de suas dificuldades na docência, entretanto, como pudemos verificar, a representação da professora não era um ponto de interesse a ser melhor conhecido.

Com relação a análise da representação de Kolody como exemplo feminino, exigiu uma atenção maior, pois estava diretamente relacionada às outras, principalmente ao seu trabalho, como apontado em uma notícia: “A intensidade do seu presente contém, portanto, com muita nobreza, um largo e fixo olhar em prol dos ‘dias futuros’. É sua objetivação social.” (GRANDE..., 1992, s.p). Para Chartier (2002a, p. 96),

o essencial não é, portanto, opor termo a termo uma definição biológica e uma definição histórica da oposição masculino/feminino, mas, antes, identificar os discursos que enunciam e representam como “natural” (portanto, biológica) a divisão social (portanto, histórica) dos papéis e das funções.

Refletindo o apresentado por Chartier, percebe-se que a imprensa considerava Kolody como uma mulher comum e simples, apesar de sua posição social de poetisa já reconhecida, quando expõe sua receptividade, enaltecendo o fato de ela ser uma boa dona de casa: “quem visita Helena Kolody encanta-se em encontrar uma pessoa simples, humilde e de uma hospitalidade marcante. [...] Faz questão de mostrar um livro, ou oferecer um licor ou um chocolate.” (PIRES, 1987, s.p); “apesar de estar sempre muito disponível, de manhã ela lida com as panelas, é a cozinheira da casa.” (GEMAEL, 1987, s.p); “sem empregada, a poeta é que faz as compras da casa” (OS 80 ANOS..., 1992, s.p).

Outro ponto ainda enaltecido e importante na constituição do mito é a humildade de Kolody ao ser elogiada e/ou homenageada, o que contribui para cada vez mais elogios e explicações que reforçavam a representação de Kolody como exemplo feminino, pela modéstia no discurso.

O que acontece com Helena Kolody, pelo que a conheço, é justamente a ausência da vaidade produzida pela inoculação do inseto. Nunca foi mordida por essa famigerada mosca. Sua simplicidade está acima das honrarias, já recebidas inclusive em profusão, mas sempre com o mesmo ar de menina pobre, com o mesmo sorriso e com a mesma humildade, mesmo não havendo razão para tanta modéstia” (HOERNER JUNIOR, 1990, s.p).

Logo em seguida, em 1992, o exemplo feminino ganha uma nova projeção, sendo elevado a um lugar de distinção, ampliando uma representação que ainda estava restrita aos seus dotes evidenciados em sua postura social. “Depois da eleição de dona Pompília Lopes dos Santos em maio último, Helena Kolody será a segunda mulher a ter assento numa instituição que, desde 1936, era um clube do bolinha em termos de associados.” (HELENA..., 1992a, s.p).

Era a posse de uma cadeira na Academia Paranaense de Letras (APL), o que significava a alta representatividade que Helena Kolody conquistava no campo das letras no Paraná.

Kolody acaba ganhando uma nova posição e projeção social. Em alguns aniversários, passara ao lado da intelectualidade feminina, sendo homenageada, como em 1992, no conselho da Mulher Executiva com vinho e tarde de autógrafos (HELENA..., 1992b, s.p). A representação veiculada se resume a uma Kolody idolatrada, o mito “[...] você olha o seu rosto irradiante de luz e para os seus incríveis cabelos brancos e vê ali a paciência e a doçura de uma poeta-professora que já conduziu centenas de alunos pela vida afora.” (E. Z., 1992, s.p).

É a Kolody poetisa que continuava sendo o centro das matérias nos jornais, em número e intensidade, era somente nesta representação que as temáticas ganhavam contextos e explicações, mas é necessário perceber e compreender como a soma das outras representações favoreceu e reforçou a importância desta.

Quando Zeca Correia Leite me disse, semanas atrás, que Helena Kolody não mais publicaria, que estava pendurando a pena, danei-me: por que? Só Helena e Cardosos e Zecas [...] esses e outros tantos doidos dão cor à esta tara que se chama viver. Ah, Helena, menina, deixa disso. Vai correr o mundo. Teu poema já é cidadão de tua aldeia, um carinho.” (MONTEIRO, 1987, s.p).

Todos os eventos eram evidenciados, períodos de silêncios, patamares de avaliações e a postura de sempre referir-se a sua obra como não merecedora de tantos elogios, sempre indicando uma possível parada: “Helena Kolody é uma poeta maior que independe de comparações.” (MILLARCH, 1988, s.p); “Suas poesias já foram publicadas em inúmeros jornais, revistas, livros didáticos do Brasil e da América Latina. Com simplicidade e dedicação demonstra sempre uma autocrítica às suas obras” (MARTINS, 1992, s.p); “Nunca se precipitou para publicar sua obra, inclusive passou longos períodos sem editar, o maior deles, de 53 a 62.” (NUNEZ, 1991, s.p).

Kolody sempre esteve trabalhando com a palavra, e o período que esteve sem editar foi intenso em sua carreira no magistério, os últimos anos antes da sua aposentadoria. Mas, em 1985, a carreira como poetisa alça novos voos, visto que começa a ter sua obra editada e comercializada: “Dos 13 livros que Helena Kolody escreveu, ‘Sempre Palavra’ é o primeiro publicado por uma editora. Os outros 12, tiveram produção independente.” (SEMPRE..., 1985, s.p). Foi somente três anos depois que o reconhecimento tinha começado a acontecer: “A grande crítica brasileira tarda a descobrir a obra de Santa Helena [...] ‘Viagem no espelho’. Galáxia de poemas de grandeza [...], representa uma boa oportunidade para que a justiça seja feita.” (SIMÕES, 1989, s.p).

Viagem ao Espelho foi o livro considerado por Kolody e pela crítica como o grande salto na sua carreira como poetisa. “Trata-se de uma edição primorosa no aspecto gráfico, englobando todos os livros da autora. Pelo menos até hoje.” (MANUEL, 1989, s.p). Um outro periódico noticia: “há um mês em concorridíssima noite de autógrafos, na galeria de arte Banestado, Helena Kolody, lançou Viagem no Espelho.” (A POESIA..., 1989, s.p).

Além desta obra, foi a partir de 1988 que Kolody teve um concurso de poesias com seu nome, o “[...]Concurso de Poesia ‘Helena Kolody’, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura.” (CONCURSO..., 1992, s.p). Era a oportunidade agora de revelar outros talentos.

A poetisa, tendo agora devidamente reconhecida sua obra poética, é cada vez mais veiculada: “se o Rio Grande do Sul tem Mário Quintana, nós temos – para muito orgulho! – Helena Kolody, hoje merecidamente, tendo sua obra reconhecida nacionalmente.” (KOLODY, 1990, s.p). Os elogios passaram a ser comuns e o epíteto de primeira poetisa do Paraná foi outro atribuído à Helena, como destacado pelo jornal *O Estado do Paraná*: “em primeiro e absoluto lugar de destaque, a maior de nossas poetisas, verdadeiro símbolo do lirismo do estado e que, felizmente, nos últimos anos tem sido devidamente reconhecida na dimensão de seu talento: Helena Kolody.” (ONTEM..., 1991, s.p).

A posse na APL também representou grandes ganhos à poetisa: “O auditório do Sesc da Esquina, onde foi realizada a cerimônia, acabou até se tornando pequeno para abrigar o seu público” (A CADEIRA..., 1992, s.p). Além da consideração pelos publicitários: “a minha profissão de publicitário já me fez conviver e trabalhar com alguns dos grandes nomes da poesia brasileira, Drummond, Cora Coralina, Thiago de Mello e Mário Quintana e, é entre estes nomes que coloco o da nossa poeta maior – Helena Kolody” (E. Z., 1992, s.p).

Agora que teve o prestígio com uma cadeira na Academia de seu estado, a explicação pelo reconhecimento tardio seguia a mesma linha do não reconhecimento: “A audiência inicial era pequena mais ardorosa [...]fazia a tiragem de cada edição surgir do salário do magistério, sempre economizado para investir no sonho [...] através da palavra” (GEMAEL, 1988, s.p).

É também parte da postura sempre intelectual: “Daqui por diante, já adivinhamos as inavaliáveis contribuições de sua parte, liberando aquele ‘esprit de finesse’ muito típico dos intelectuais.” (PILOTO, 1992, s.p). O mesmo que a faz dizer que não acredita no valor de sua obra e que pode ou deve parar de escrever: “Helena nunca ficou satisfeita com o resultado de seus poemas. O seu sentimento de insatisfação continua.” (HELENA..., 1992c, s.p). Outro fato que potencializou sua carreira e, conseqüentemente, a representação de expoente da poesia paranaense, foi a produção, em 1992, de um filme sobre sua trajetória poética:

‘A Babel da Luz’, uma homenagem a poetisa Helena Kolody, foi um dos grandes vencedores do 25º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro[...]o último sábado, o público ficou, segundo Sylvio, fascinado ‘era um silêncio total e no final eles bateram palmas por longos minutos’. Sylvio conta ainda que durante os outros dias do festival, o público e os outros diretores ficavam indagando quem era Helena, onde ela estava e como era mesmo o poema que começava. (PRÊMIO..., 1992, s.p).

Os reconhecimentos chegaram à vida da Poetisa, e a imprensa, que sempre a divulgou, agora fazia com ênfase e aparente satisfação pelos epítetos e homenagens que Kolody passou a receber. Ao final de 1992, Helena Kolody tinha uma enorme biografia de livros, construída e veiculada pela imprensa ao longo de 50 anos (Fig. 4).

O caminho de análise realizado, diante dessas representações, trouxe algumas constatações. Apesar da contemplação de dezesseis jornais, alguns repetiam o mesmo tema, como, por exemplo, o aniversário da poetisa, homenagens e lançamentos de livros. Com relação às imagens, dizem muito também, pois por algumas vezes Helena Kolody era descrita como a senhora da face iluminada, com cabelos brancos e olhos azuis que lembram o céu. Esta imagem (Fig. 5) representa a maioria, em que Kolody já aparece idosa, com mensagens positivas e homenagens que denotam a representação que se desejou e construiu: a intelectual paranaense, modelo feminino, mais um mito.

Figura 4 – Livros de Kolody até 1992

■ *Paisagem Interior*. Edição da Autora. Curitiba (PR), 1941. ■ *Música Submersa*. Edição da A. Curitiba (PR), 1945. ■ *A Sombra do Rio*. Edição Centro de Letras do Paraná. Curitiba (PR), 1951. ■ *A Sombra do Rio e Poemas Escolhidos*. Edição da A. Curitiba (PR), 1957. ■ *Trilogia*. Edição Centro Paranaense Feminino de Cultura. Curitiba (PR), 1959. ■ *Poesias Completas*. Edição de alunos e ex-alunos de Helena Kolody. Curitiba (PR), 1962. ■ *Vida Breve*. Edição da A. Curitiba (PR), 1962. ■ *20 Poemas*. Edição da A. Curitiba (PR), 1965. ■ *Era Espacial e Trilha Sonora*. Edição da A. Curitiba (PR), 1966. ■ *Antologia Poética*. Edição da A. Curitiba (PR), 1967. ■ *Tempo*. Edição da A. Curitiba (PR), 1970. ■ *Correnteza*. Edição da A. Curitiba (PR), 1977. ■ *Infinito Presente*. Edição da A. Curitiba (PR), 1980. ■ *Poesias Escolhidas*. Edição Sociedade Amigos da Cultura Ucraniana. Tradução de Wira Wowk. Curitiba (PR), 1983. ■ *Sempre Palavra*. Edições Criar. Curitiba (PR), 1985. ■ *Poesia Mínima*. Edições Criar. Curitiba (PR), 1986. ■ *Viagem no Espelho*. Edições Criar. Curitiba (PR), 1988. ■ *Ontem Agora*. Edição Secretaria da Cultura do Paraná. Curitiba (PR), 1991.

Fonte: *O Estado do Paraná*, 14 out. 1992.

Figura 5 – A representação da sensibilidade religiosa



Fonte: *O Estado do Paraná*, 01 fev. 1989.

Novamente um termo sacro “canonizada” surge em direta relação com suas poesias. Portanto, é a produção de um tipo de mulher, associado sempre a termos religiosos que denotam um lugar social produzido a ser considerado.

Assim é possível concluir que Helena Kolody fora notícia nos jornais paranaenses e que sua representação reúne atributos desejáveis a uma mulher exemplo para a sociedade, tais como: o sentimento religioso, suas profissões – professora e escritora – e seu perfil social. Tais representações da intelectual, muito pelo fato da imprensa colocar em circulação a Helena Kolody modelo, contribuiu ao mesmo tempo para produção e veiculação de sua história e de seu projeto intelectual.

Apesar do projeto de reconhecimento intelectual pela poesia não ser evidenciado pela imprensa, e às vezes até negado, e da representação da professora Helena Kolody não ter conexão como profissão na sua vida; é fato a admiração por sua obra poética e a aceitação do seu posicionamento. Isso acaba por se tornar seu projeto coletivo, pois a veiculação do mito é potencializada pelo apoio da imprensa periódica paranaense.

1.3 A (AUTO)REPRESENTAÇÃO COMO TÁTICA DE LEGITIMAÇÃO

LIÇÃO

*A luz da lamparina dançava
frente ao ícone da Santíssima Trindade.*

*Paciente, a avó ensinava
a prostrar-se em reverência,
a persignar-se com três dedos
e a rezar em língua eslava.*

*De mãos postas, a menina
fielmente repetia
palavras que ela ignorava,
mas Deus entendia*

(Helena Kolody, 1980)

A (auto)representação de Kolody se estreita em muito com o poema “Lição”. Para ela, a aprendizagem marcante de sua infância era sua avó lhe ensinando a rezar em eslavo, o fato de ser “fiel” a sua cultura familiar, desde menina, a coloca em um patamar de obediência. Após a velhice, entendera que o ato, mesmo que ingênuo, de repetição, foi sim uma lição, valorizada por Deus. Veremos que as representações de si são muito próximas dessa ligação familiar, dessa obediência e da expressão de fé.

É a partir de uma visão ampla e sociocultural do intelectual explicada por Sirinelli (1996) que intencionamos responder como Helena Kolody constituiu-se intelectual por meio da análise documental de entrevistas publicadas em jornais, revistas e livros, partindo das representações inicialmente discutidas. Dessa maneira, objetivamos elucidar quais (auto)representações a favoreceram a ponto de ser uma referência feminina para a sociedade paranaense.

Dentre as fontes, foram selecionadas oito entrevistas publicadas: pelo Museu de Imagem e Som (MIS), em 1973; pela revista Quem, em 1980; uma coletiva pela Biblioteca Pública do Paraná (BPP), em 1986; pelo jornal Nicolau da Secretaria de Cultura do Paraná, em 1988; novamente pelo MIS, em 1989; em um livro sobre a vida de Helena Kolody escrito por Paulo Venturelli, em 1995; pelo projeto Memória Paranaense da rádio Central Brasileira de Notícias (CBN) e fundação INEPAR (empresa paranaense de telecomunicações), ambas em 1998; e pela revista Rumo Paranaense, aproximadamente entre os anos de 1985 a 1989.

Visto que as profissões que Kolody exerceu a favoreceram nesta trajetória, ao ser indagada sobre a construção de amizade com suas alunas, ela relata: “vinham conversar comigo, até os assuntos particulares delas. Chegavam a ir até minha casa [...] Acabava dando muitos conselhos, porque gente jovem leva as coisas ao extremo. (KOLODY, 1998, p. 26).

Um ponto sempre destacado é um pouco da história pessoal de Helena Kolody, sua família, sua educação escolar e seus deslocamentos até se entender como professora e poetisa, o que muito diz sobre seus posicionamentos na sociedade. Ela conta: “meu pai era ucraniano [...] Veio em 1895. Tinha 13 anos e já teve que lutar, porque sua mãe era viúva. [...] Minha mãe só veio em 1911 [...] e não sabia falar português.” (KOLODY, 1980, p. 19).

Kolody sempre destaca sua origem e a constituição de sua família como humilde. Explica: “nasci em 12 de outubro de 1912, [...] no recém-fundado núcleo colonial de Cruz Machado, em pleno sertão paranaense.” (KOLODY, 1973, p. 5). Apesar de historicamente ser uma situação comum, já que o estado se expandia e precisava dos imigrantes para seu crescimento populacional e estrutural, para ela, “foi um começo de vida muito difícil – não existia energia elétrica e água encanada! [...] tudo muito primitivo.” (KOLODY, 1998, p. 22).

Entretanto, apesar de relatar essas dificuldades, Kolody sempre mostrava seu olhar positivo: “eu aprendi a amar a natureza [...] tive essa vida assim bem interior [...] o riacho Três Barras, era tão estreitinho que a gente pulava por cima das pedras e passava para o outro lado. (KOLODY, 1989, p. 13). E, diante de todas as barreiras, o incentivo à leitura e aos estudos foi algo sempre presente em sua vida familiar:

Me lembro ainda menina, [...] à noite, o lampião no meio da mesa, mamãe de um lado e papai de outro a lerem. Lembro que ela lia em ucraniano, tanto que eu sei de cor algumas coisas do Tará Schewtchenko, considerado até hoje o maior poeta ucraniano. E, como tinha sede de leitura também, aprendi com ela. (KOLODY, 1998, p. 23).

Mesmo com propostas de emprego para a filha, o pai de Kolody foi resistente e insistiu na ideia de que ela deveria estudar. Tinha a tia professora e uma madrinha que morava na capital e, por vezes, foi morar com elas para continuar sua educação formal e informal em instituições de qualidade.

Segundo Campos (2015, p. 104), essa “[...] representação prometeica que os intelectuais produziram a respeito deles mesmos precisa ser problematizada. As representações produzidas por eles são textos, discursos, imagens que necessitam ser analisadas pelos estudiosos.” Neste contexto, discorreremos sobre duas temáticas que ganham relevo na (auto)representação de Kolody: a relação entre religião, exemplo feminino e as profissões que se somam em sua trajetória intelectual.

Sobre a relação possível entre religião e exemplo feminino em Helena Kolody, é fato público e notório que sua vida e obra se revelam muito espiritualizadas, o que se evidencia já nas primeiras reportagens publicadas em jornais, destacando e ressaltando sua devoção ao catolicismo. Ao ser entrevistada, essa relação pode ser melhor contextualizada: “Desde criança tive o pensamento voltado as coisas do espírito[...] Deus é uma presença tão grande acima da nossa compreensão[...] Quando o Papa veio ao Brasil, lembrei a minha avó me ensinando a rezar eslavo.” (KOLODY, 1980, p. 20). Kolody novamente relaciona sua trajetória a uma herança familiar.

Em meio à sociedade paranaense que vivia a efervescência do feminismo e do movimento anticlerical na primeira metade do séc. XX, ter na educação feminina professoras com esse perfil podia ser algo muito desejável: “Acho que as mulheres agridem os homens. Acho que todos têm o seu valor e as personalidades é que são diferentes. É um erro a mulher querer se equiparar ao homem.” (KOLODY, 1980, p. 20). Sobre sua formação ela ainda discorre:

em primeiro lugar, eu sempre tive um espírito muito religioso. Em segundo, tive uma formação católica desde criança. Por causa de minha família eu sou muito mística, assisto à missa com verdadeiro fervor. Mas isso não me impede de ser tolerante. [...]. Só tenho pena de quem não crê... (KOLODY, 1995, p. 28).

Tal postura persiste em todas suas falas. Kolody se posiciona sempre com a devida prudência de uma intelectual já influente. Além disso, o catolicismo era quase um signo cultural, Almeida cita (1998, p. 168): “a igreja reinava toda poderosa sobre a maioria católica e tinha espaço garantido na vida social [...] As missas aos domingos, as quermesses, as festas dos santos padroeiros eram momentos de confraternização e encontro.” A poesia de Kolody foi tão bem aceita que a igreja concedeu ao poema “Prece” um Imprimatur, depois que sua aluna o leu e acabou por desistir do suicídio. Ela então explica:

‘mas, como?’, eu lhe disse, ‘um poema só é uma oração quando acontece algum milagre’. E ela me contou o milagre: estava com depressão, a ponto de pensar em se suicidar, mas, ao pegar o meu livro ‘Paisagem Interior’ que eu tinha lhe dado em seu casamento, abriu na página dessa poesia: “Conceda-me, Senhor, a graça de ser boa, de ser o coração singelo que perdoa, a solícita mão que espalha, sem medidas, estrelas pela noite escura de outras vidas, e tira d’alma alheia o espinho que magoa...” E fechou o livro, jogou fora o veneno e desistiu de se suicidar. (KOLODY, 1998, p. 26).

Ao mesmo tempo que a intelectual se orgulha de sua poesia ter sido reconhecida pela igreja como oração e de ter “salvo” uma vida, já entra com uma autoavaliação da importância que sua poesia tem, pois quando as alunas não estão em sua presença, leem seus livros, que ela mesma distribuiu.

Nesse processo, que ocorre paralelamente, Kolody não se intimida por falar de si. Pelo contrário, sua fala contribui para a representação produzida, da “Santa Helena”, como cita Leminski (1985, s.p). Kolody é bem aceita principalmente entre os homens intelectuais paranaenses, dentro do campo das letras, educacional e religioso, já que se apoia nos professores e poetas para divulgar suas poesias e no conselho dos padres para guiar suas escolhas. Um ponto sempre questionado em suas entrevistas foi o motivo de não ter casado e não ter tido filhos. Ela então explica: “houve um tempo em que eu chorava por estar sozinha [...] mas eu sempre transferei este instinto maternal, que é tão forte, para os irmãos, para os alunos” (KOLODY, 1998, p. 27).

Sobre suas paixões ela cita duas. Na primeira, que nem relacionamento se efetivou, ela diz: “era diretor do ginásio, de família importante e já gostava de alguém [...] tinha pudor, por isso nunca revelei.” (KOLODY, 1998, p. 27). Já uma segunda paixão, que foi até o noivado mas não deu certo, é explicada da seguinte forma: “ele também era escritor, uma pessoa

formidável, mas ele bebia e eu tive medo [...] justamente porque eu queria ter filhos, eu desmanchei.” (KOLODY, 1998, p. 27).

Tais posicionamentos femininos de pudor, medo e escolha reforçam a postura de recato e comedimento que cultivava. No jornal Nicolau, o assunto vai para um campo mais pessoal quando Kolody é questionada sobre sua sexualidade. Então, ela explica: “eu venho de uma época em que a mulher solteira tinha que ser virgem. Por aí você já pode tirar uma conclusão [...] eu não tenho experiência nesse lado.” (KOLODY, 1988, p. 2). O sentimento de pudor e recato, muito alimentado pelo catolicismo certamente, novamente pode servir de referencial e modelo às mulheres paranaenses, assim como o desejo pelo casamento, mesmo sem ter chegado a constituí-lo, o que se revelou como uma escolha mais “nobre”, orientada pela moral.

A família era quista por ela devido a sua sólida formação católica. Era “natural” casar-se e ter filhos, no entanto, a dedicação ao trabalho como professora substituiu tais anseios socialmente. Ela ainda ressalta: “todo mundo tem seus sofrimentos, mas a gente sempre precisa saber superá-los.” (KOLODY, 1998, p. 31). Apesar do posicionamento positivo na maioria das falas, Helena Kolody às vezes traz uma melancolia em seu discurso,

não faço mais nenhum projeto. Cada dia pode ser o último. A morte está sempre presente. O que me consola é a certeza da eternidade. Sou muito religiosa, uma católica daquelas: comungo todos os domingos. Então me sinto feliz e otimista, porque tenho a outra vida para diante da morte, que é só um túnel, uma fronteira. Gostaria de ter morrido moça, porque amo a beleza e a velhice nos despoja de tudo. (KOLODY, 1988, p. 3).

Para Chartier (2002a, p. 132), a “[...] prática discursiva é, portanto, uma prática específica ‘estranha, escreve Foucault em algum lugar’ que não reduz todos os outros ‘regimes de prática’ a suas estratégias, suas regularidades e suas razões.” Sendo os discursos não regulares, pois estão inseridos em contextos diversos para o indivíduo, pensamos que as (auto)representações não são falsas, mas, sim, algo que se deseja destacado, conhecido e constituinte de posicionamentos, entretanto, elas não estão sempre presentes.

Nunca houve uma época tão contravertida, instável, angustiada e violenta. O progresso tecnológico contrasta com a miséria dos homens, miséria em todos os sentidos. Como cristã e como professora, coloco o Amor e a Educação como pedras angulares para a reformulação da vida e a construção de um mundo melhor. (KOLODY, [19--]e, p. 1).

É pela educação e pelo amor que Helena Kolody acredita ser possível superar as dificuldades e alcançar um mundo melhor. A relação entre seu posicionamento e a formação religiosa com a constituição da representação de exemplo feminino é, neste sentido,

potencializada em suas falas, escolhas e atitudes que são de fácil aceitação pela sociedade, pela positividade e esperança que alimentam.

Sobre as profissões que representam e formam a intelectual, Kolody aliou a sua trajetória a poetisa e a professora, que, ao final da sua vida, recebem pesos e projeções diferentes, sendo mais reconhecida pela poesia que pela docência, para Almeida (1998, p. 211), “uma profissão pode ser desenvolvida com a técnica, mas se houver realização no seu desempenho, tanto melhor, dado que a competência técnica não pode substituir o desejo, a vontade, o prazer.” Embora tenha se dedicado à educação e atuado em diferentes frentes, sua realização estava na poesia, em ler poesia para suas alunas, em alcançar seus sentidos pela palavra poética. A docência foi o caminho que possibilitou esse reconhecimento, que lhe permitiu publicar seus livros e difundir sua obra, formar discípulos, produzir uma nova sensibilidade estética.

Ainda no magistério, Kolody já frequentava reuniões de poetas e se apoiou em amigos professores, como Olavo Medeiros, para imprimir suas poesias e fazer seus primeiros livros. Talvez por essa relação tão imbricada com o campo educacional, ela mesmo se (auto)representasse muito mais vezes como docente: “sou uma simples professora normalista e tenho muito orgulho disso”. (KOLODY, 1973, p. 7). Ou entendia que parte inerente de um projeto intelectual é o reconhecimento dos pares e não produzir essa representação sobre si mesma pode ser uma pista do que pretendia alcançar. Estamos tateando aqui no campo das hipóteses, mas importa apresentá-las como inferências possíveis de serem feitas.

Helena Kolody dedicou-se ao magistério e logo foi nomeada para trabalhar pelo estado. Como ela mesma sempre cita sua origem humilde, era hora de entrar para o mercado de trabalho. Segundo Almeida (1998, p. 71), “o maior motivo de as mulheres terem buscado o magistério estava no fato de realmente precisarem trabalhar!”

Comecei a lecionar no Grupo Escolar Barão de Antonina, de Rio Negro, em 1932, no mesmo grupo em que aprendera a 1ª letra. Já em 1933, fui convidada a trabalhar no curso normal, tendo lecionado nas Escolas Normais de Ponta Grossa, Jacarezinho e Curitiba. Já no Instituto de Educação da Capital, lecionei cerca de 23 anos. (KOLODY, 1973, p. 7).

Em cada cidade que passou, Kolody deixou a sua marca. Ainda hoje paranaenses dessas regiões a homenageiam com seu nome em escolas e bibliotecas. Sua influência está presente no campo das letras, da educação e da imprensa, como ela explica:

quando eu estive em Ponta Grossa, eles me pediram que eu fizesse a página literária, uma página feminina, e, às vezes, faltava colaboração. Então, eu fazia como se fossem

de outra pessoa: um trabalho meu em prosa com pseudônimo, uma crônica muito diferente da minha poesia para completar o espaço. (KOLODY, 1998, p. 26).

A imprensa foi de grande importância para as mulheres no período, pois, de acordo com Almeida (1998, p. 27), as “[...] mulheres instruídas aproveitaram esse espaço aberto no mundo das letras para se fazer ouvir e expor uma nova maneira de pensar [...]”.

Kolody sempre teve uma postura muito política, no sentido de saber se posicionar e discursar o que era aceitável e até mesmo admirável, apesar de se apresentar como uma “simples professora”. Enquanto lecionava, escrevia, editava seus livros e os distribuía para seus pares, suas alunas, também tentava divulgá-los fora de seu estado. Tal atitude é claramente uma demonstração de um conjunto de táticas⁹ mobilizadas no sentido de ampliar a circulação de seus textos e alcançar maior visibilidade no campo literário, mas não apenas.

Suas alunas eram consideradas potenciais leitoras e conquistar leitores parecia ser fundamental para Kolody. Para Chartier, “Um livro existe sem leitor? Ele pode existir como objeto, mas, sem leitor, o texto do qual ele é portador é apenas virtual.” (1998, p. 154). Tal compreensão justifica o investimento de Kolody na publicação e divulgação de suas obras.

Helena Kolody estreitou relações com grandes poetas, principalmente homens e do Paraná, como Andrade Muricy, já que na época as mulheres escreviam muito, mas eram pouco reconhecidas. No entanto, também demarcou seu espaço como mulher nesse campo da cultura, associando-se ao CPFC, como já ressaltamos anteriormente. Mesmo sem ter uma editora lhe apoiando, Kolody teve a “coragem” de enviar suas poesias a Carlos Drummond de Andrade e a Cecília Meireles. Referindo-se à importância das revistas como divulgadoras de seu trabalho, ela explica: “eu tive correspondência com pessoas até do Uruguai [...] Este tipo de divulgação é muito importante, antes da gente publicar um livro.” (KOLODY, 1995, p. 31). Tais práticas, no entanto, indicam uma postura que nada se parece com a de uma pessoa tímida conforme algumas representações produzidas a seu respeito.

Em meio ao magistério, além dos professores, escritores e impressores de seus livros, as alunas também tiveram grande importância: “eu nunca separei a poesia do magistério. Às vezes, no meio de uma aula, minhas alunas me pediam uma poesia.” (KOLODY, 1988, p. 1). Ela ainda explica: “meus alunos sempre amaram minha poesia, divulgaram-na pelo Paraná afora.” (KOLODY, 1986, p. 198).

⁹ Certeau (1994) nos contribui com o conceito de táticas, como meios para poder ocupar esses lugares “jogando com o terreno que lhe é imposto”

Apesar de todos os esforços e reconhecimentos em meio aos pares e alunas, Kolody queria mais. Então, aos 73 anos, já aposentada das salas de aula, começou a ter sua obra publicada, traduzida e vendida. Apesar disso, seus lucros sempre foram revertidos em exemplares para distribuição, mas ela se declarava não satisfeita:

eu creio que deveria tudo ter acontecido antes. Mas o importante é que estão querendo os meus livros, principalmente as gerações mais novas. E isso acaba sendo um modo de a gente permanecer. Se eu perder estas chances, depois ninguém se interessa mais. Mas, no fundo, estou um tanto descrente, não dos que querem me publicar, mas dos que poderiam ajudar a publicar e acabam não fazendo nada... (KOLODY, 1995, p. 46).

A intelectual ainda fala sobre a questão financeira: “até hoje, acho que não é possível viver de literatura. Mantive-me como professora e, depois que meu pai morreu – porque fez falta o ordenado dele – fiz o concurso de inspetora federal.” (KOLODY, 1998, p. 29). Esta condição está de acordo com o que Almeida (1998, p. 213) aponta, pois o “[...] salário que recebiam serviu para que ajudassem financeiramente a família, para cuidar de entes queridos e de si próprias.” E sobre entrar para APL, Kolody também era crítica e até mesmo irônica em relação a esse reconhecimento um tanto tardio acerca de sua contribuição literária:

fiquei assustadíssima e, na verdade, não quis entrar. Porque eu pensava: o que eu vou fazer lá? Quem me abriu as portas foi dona Pompília e hoje eu sou a única mulher ali. Espero que venha outra logo. [...] Acho uma honra muito grande tudo isso para mim, mas tenho certeza de que as outras pessoas que fazem parte da casa são muito mais importantes. Já disse isso outras vezes, mas penso que a Academia deveria dar entrada à gente mais jovem, porque entrar lá com 80 anos, como aconteceu comigo, é entrar já na sepultura. (KOLODY, 1995, p. 32).

Houve quem ainda acreditasse que era pouco. Kolody teve campanhas para entrar na Academia Brasileira de Letras (ABL), mas, novamente, uma aparente modéstia prevalece: “quem sou eu para ser envolvida em tal coisa? pertencer à academia daqui já é demais, [...], há muito mais gente que merece...” (KOLODY, 1995, p. 33). Ou seria um conflito entre o reconhecimento tardio e a satisfação de ter alcançado o lugar que queria ter chegado, escrito no poema “Fio d’água”. Novamente tateamos no campo das hipóteses.

Suas profissões acabam sendo, para ela, um campo de atuação intelectual, conforme a mesma ressalta: “eu penso que no magistério, se você é poeta, acaba imprimindo uma beleza maior nas coisas que se diz, [...] faz com que a mensagem passada cale mais na alma dos alunos.” (KOLODY, 1995, p. 35). Ela ainda complementa: “Tenho certeza de que Deus me queria poeta e eu canalizei toda esta energia para o escrever [...] Os meus filhos se tornaram os

poemas. E também minhas alunas.” (KOLODY, 1995, p. 36). Perguntada sobre que mensagem queria deixar as próximas gerações, Kolody explica:

meu instrumento de arte e de trabalho sempre foi a palavra. Aprendi a conhecer o poder extraordinário que a palavra tem e adquiri consciência da responsabilidade que a palavra gera. Ela tem um valor presente e um alcance futuro incalculável. Quantas vezes, depois de muitos anos, vem uma aluna dizer-me: "A senhora não sabe como tal coisa que me disse influenciou em minha vida.” **O que dizemos deixa marcas indelévels na inteligência e na sensibilidade dos outros.** A palavra tem um poder que nem sempre sabemos usar e muitas vezes usamos mal. São as palavras que decidem a sorte dos homens e o destino das nações. Que a nossa palavra esclareça, encoraje, console, encaminhe, seja uma luz no mundo, um instrumento de paz e de fraternidade. (KOLODY, 1973, p. 11, grifo nosso).

A formação da intelectual pela poesia se efetivou através do dia a dia como professora normalista, dos escritos nas páginas literárias em jornais, nos livros impressos com apoio da intelectualidade masculina e, somado a isso, no trato dessa palavra que, sempre poética e ponderada, proporcionou uma aceitação de sua obra que ultrapassa diferentes tempos dentro da sociedade paranaense.

Tendo o objetivo de elucidar como suas entrevistas, entendidas aqui como espaços de (auto)representação, favoreceram a produção de uma Helena Kolody como um ícone para a sociedade paranaense, expusemos algumas de suas falas no sentido de pensar como elas se articularam e reforçaram algumas das representações produzidas sobre si, abordadas anteriormente, como, por exemplo, ser uma filha agradecida de Deus. Dessa maneira, seu posicionamento acaba sendo uma referência, inclusive para os homens, e uma dedicação extrema a sua poesia e a seu trabalho como docente a ponto de terem se tornado sua própria vida.

Helena Kolody constituiu-se como intelectual por diferentes caminhos, mas se apoiando muito fortemente nas representações produzidas sobre si, por outras pessoas ou por si mesma. Ambas largamente difundidas e endossadas pela imprensa periódica. Olhar para a produção desse sujeito que fala e seu lugar de fala é fundamental para entendermos os intelectuais em suas trajetórias. Homens e mulheres que enfrentaram as questões de seu tempo, que se moveram impulsionados por anseios, sonhos, realizações, frustrações, e que se posicionaram na vida social de modos distintos. Os quais mobilizaram estratégias e táticas em projetos e causas comuns ou antagônicas, intervindo de forma direta na organização da sociedade. Desse modo foram compondo um modo de estar na cena social e, ao mesmo tempo, buscaram assegurar uma narrativa de suas histórias.

Além disso, como cita Campos (2015, p. 97), a história intelectual é o lugar da “[...] narrativa historiográfica que tem por objetivo problematizar e explicar as autorrepresentações construídas pelos intelectuais.” Percebemos, assim, que a palavra, falada ou escrita, contribuiu para Kolody ser aceita e representada como exemplo de profissional e de mulher.

Helena Kolody, enfatiza fatos de sua vida que denotam ao leitor e/ou ouvinte sua dedicação, assim vemos a importância das quatro (auto)representações: a poetisa, a professora, a sensibilidade religiosa e o exemplo feminino. Todas favoráveis e, quanto mais agradam, mais são veiculadas, constituindo representações na imprensa e trazendo coerência na efetivação de um projeto intelectual dentro de uma trajetória.

1.4 A CONSOLIDAÇÃO DE UM PROJETO INTELECTUAL E O REFORÇO À PRODUÇÃO DO MITO (1993-2015)

POESIA MÍNIMA

*Pintou estrelas no muro
e teve o céu
ao alcance das mãos.*

(Helena Kolody, 1986)

“Poesia Mínima” é um dos poemas mais conhecidos de Helena Kolody, escrito em muros de escola, por exemplo, ele se perpetuou. Ter acesso ao “céu”, pode parecer uma utopia, entretanto, até as utopias são aproximadas da realidade pela visão positiva e atuante que Kolody expressava. O período que analisaremos a seguir tem relação com a consolidação do projeto de Kolody. Ela chega em 1993, publica de diversas formas e pertence à Academia de Letras de seu estado.

Entendemos que após a entrada de Helena Kolody na APL, o reconhecimento intelectual estava realmente cancelado. É neste período que o posicionamento, os discursos e sua obra poética conferiram à professora e poetisa a admiração dos paranaenses e de outras pessoas, inclusive do exterior, como indício de um processo de internacionalização de sua obra. Retomamos aqui as representações produzidas e veiculadas pela imprensa sobre Helena Kolody, tentando apreender nesse momento, já de reconhecimento pleno e consolidação de seu projeto intelectual, o que muda nas narrativas sobre esta mulher que se tornou ícone da literatura e expressão feminina de relevo na produção cultural do Paraná.

Helena Kolody, adquiriu um nome no meio intelectual que, segundo Bourdieu (2006, p. 186), “institui uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas suas histórias de vida possíveis.” E, para Kolody, esses campos e essas histórias são cada vez mais amplos, dado evidenciado pela gama de escritores que acabam escrevendo sobre ela. De acordo com Fontes (2012, p. 35), dentro do campo das letras,

reverberam nos mais de 500 textos, localizados e elencados em sua fortuna crítica, o aval de Adonias Filho, Alice Ruiz, Andrade Muricy, Arnaldo Antunes, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Euclides Bandeira, Fanny Luiza Dupré, Ítalo Moriconi, Josely Vianna Baptista, Miguel Sanches Neto, Nelly Novaes Coelho, Olga Savary, Paulo Leminski, Paulo Venturelli, Reinoldo Atem, Roberto Gomes, Rodrigo Júnior, Sérgio Rubens Sossélia, Sylvio Back, Tasso da Silveira, Temístocles Linhares, Valfrido Piloto, Valêncio Xavier, Wilson Bueno, Wilson Martins, entre muitos outros, ao longo do século XX e transbordando-o.

Desde o início, nos anos de 1940, Helena Kolody “custeava a publicação de seus livros, de maneira artesanal, sem a mediação de uma grande editora nesse processo, mais por insistência sua e apoio de suas redes de sociabilidade que contribuía em todo o processo: da impressão, à divulgação e à crítica, para que lançassem, assim, um reconhecimento. Segundo Alves (1998, p. 241), “a luta para publicar e continuar no cenário literário passava pelo crivo dos críticos e intelectuais da época, que faziam suas análises e divulgavam a obra.” No caso de Kolody, assim que a primeira editora investe, o aumento de sua tiragem acontece, daí para frente, os holofotes alcançam a poetisa, que chega a ser alçada ao lugar de “melhor poetisa do Paraná”:

Aos 84 anos a maior poeta do Paraná recebe, pela primeira vez, direitos autorais. No vigésimo sexto livro, ‘Sinfonia da Vida’, Helena Kolody finalmente é tratada como escritora. Até agora, coubera a Helena sempre uma remuneração de diletante, paga em exemplares de seus próprios livros. ‘Sinfonia da Vida’ dá à poeta novo status e uma tiragem extraordinária, 60 mil volumes, e leva sua arte a qualquer pessoa que possa desembolsar R\$ 1,80, que é o preço da capa. É uma antologia de cem páginas organizada pela Professora de Literatura Brasileira Tereza Hatue de Rezende e editada pela Letraviva, de Curitiba. (NASCIMENTO, 1997, s.p).

O crivo literário, como abordaremos melhor a seguir, dependeu muito do apoio masculino no campo das letras, o que Kolody sempre teve. Entretanto, como tiveram outras professoras que também escreviam – e dentro do Paraná a quantidade era expressiva¹⁰ –, o

¹⁰ O livro do Centro Paranaense Feminino de Cultura, *Um século de poesia* (1959), traz Helena Kolody entre outras quarenta e duas poetisas paranaenses, em uma coletânea com biografia e trabalhos produzidos,

percurso de reconhecimento foi longo. E isso ocorreu pelo olhar de Roberto Gomes, ao perceber que “Curitiba precisava amar alguém”, precisava ter um ícone, um mito, alguém para se identificar. Mas quem teria o perfil desejado? Kolody já era alguém muito amada na educação paranaense, suas poesias encantavam seus leitores, era um exemplo de mulher que poderia ser alçada a modelo da cultura feminina curitibana, bastava expandir esse reconhecimento. Para Almeida (1998, p. 208),

gostar desse trabalho, acreditar na educação e nela investir como indivíduo, também configura-se como um ato de paixão, a paixão pelo possível, sentimento derivado do sentido do ser e da existência, que incorpora o desejo às possibilidades concretas de sua realização.

Nesse sentido, pode-se dizer que Helena Kolody conjugou a paixão pela poesia à educação como um caminho possível de articulação do “desejo às possibilidades concretas de sua realização”. Pela educação, a professora Helena tornou a poesia amada por suas alunas, que a admiravam; ao conhecer seu trabalho como poetisa, amaram a professora que escrevia com a mesma leveza com que as aconselhava. Segundo Kolody,

a escola era meu segundo lar. A sala de aula, o meu mundo. Lecionei diversas matérias, mas a que mais me apaixonou foi biologia educacional. Não há nada mais fascinante, mais sagrado do que a vida. E a vida era o assunto das lições. O trabalho intenso não impediu que o pássaro da poesia pousasse na minha imaginação e se pusesse a cantar. Como uma liana florida, a poesia enlaçou-se na árvore da ciência e ambas completaram minha vida. **Quantas vezes, terminada a lição de Biologia, as alunas erguiam os olhos adolescentes e pediam: - Agora, diga uma poesia! As papoulas do sonho floresciam entre as espigas de trigo. E eu já não sabia se o sonho era meu, ou era delas.** (KOLODY, 1997a, p. 2, grifo nosso).

Nessa fala e em outras, Kolody expressava um posicionamento de modéstia, posto que não admitir a grandeza que a ela atribuíam como escritora. Entretanto, para pensar o sentimento empregado nas suas profissões e o quanto isso reverbera em sua ascensão intelectual, a citação anterior torna-se relevante. Como cita Almeida (1998, p. 55), “o importante é perceber o entrevistado como indivíduo, resultado da síntese das relações sociais em que está envolvido, encaminhando as reflexões para o mundo dos valores vividos e experienciados onde o ser humano constrói e partilha experiência.”

Por mais que os anos tenham passado e a história das mulheres tenha ganhado força, tanto em pesquisas quanto em inserção social e reivindicações, o meio intelectual era (e, em larga medida ainda é) dominado por homens, sendo até hoje difícil elencar as mulheres reconhecidas nessa categoria. Alves elenca quatro categorias que devem ser observadas durante o estudo na história das mulheres que escrevem e que podem

iluminar certos interditos da sociedade com relação a mulher: 1. A posição social que as autoras detinham enquanto vivas, 2. A formação intelectual e a penetração no espaço público como escritoras; 3. Que tipo de público sua produção atinge; 4. Como a categoria de gênero e classe interferem nos discursos das autoras. (ALVES, 1998, p. 233).

Analisando o que Alves nos traz, ainda pela representação nos jornais paranaenses, Helena Kolody é considerada de uma posição social não privilegiada. “Apesar de ser filha de imigrantes ucranianos [...] conserva pouco as tradições eslavas e se considera ‘uma cabocla’ de Cruz Machado” (BRAGA, 1993, s.p). Porém, o fato de sua família não ter tido uma condição financeira privilegiada, não a impediu que tivesse acesso a bens culturais, como o estudo formal e informal, com aulas diversas, como o piano. Morar na capital e estudar no IEP permitiu ter contato com a intelectualidade paranaense, o que também se fez importante.

Durante toda sua vida, Kolody divulgou seu trabalho distribuindo livros, e mesmo após sua ascensão intelectual, ela manteve essa prática. “A poeta curitibana Helena Kolody doou 20 volumes para a campanha SOS Livros, lançada para ajudar a montar bibliotecas nas escolas públicas municipais” (HELENA..., 1993, s.p). Acreditamos que essa ação era uma maneira de continuar a representação de doação.

O que nos importa entender é que a posição social e econômica de Kolody, por si só, não a favorecia em seu projeto. Entretanto, o esforço de sua família em mantê-la sempre estudando, nem que para isso tivesse de morar com madrinhas e tias, mudar-se de município, foi de extrema importância para estar em contato com pessoas do meio intelectual, já que no início do século, os estudos, principalmente o curso normal, ainda era privilégio de poucos, o que contribuiu para ampliar seu capital cultural e social.

Foi dessa maneira, que Helena Kolody formou suas redes de sociabilidade, ainda normalista, e a representação feminina que manteve até o fim de sua vida: “Olhos de um azul profundo [...] e uma capacidade imensa de observar o mundo e traduzi-lo em poesia” (BRITTO, 2001, s.p). Até mesmo após a sua morte: “simples, mas não simplória, ela fez canções à vida, abordando a solidariedade, a natureza e a inquietude da condição humana” (SATO, 2014, s.p).

Essa penetração pública de Kolody continua ao ser professora de normalistas e é nesse meio que conquista o seu primeiro e eterno público: “A escritora Helena Kolody virou um ícone para Curitiba: sua figura doce e simpática, características pela qual sempre é lembrada, ‘propiciou’ uma espécie de ‘marca Helena’ na cidade.” (RUPP, 2012, p. 3). Marca essa, que persiste até os dias atuais e que constitui um importante dado de seu posicionamento intelectual, que em grande parte lhe conferiu o alcance de seu projeto.

Kolody tornou-se conhecida para além de suas redes apenas a partir dos anos de 1980. É curioso perceber o apagamento dos caminhos de sua trajetória. Contudo, há uma justificativa para esse fato, produzida por Roberto Nicolato (2000, s.p), mas que pouco condiz com suas ações:

uma vida simples, longe da exposição pública e dos holofotes da mídia marcaram a trajetória da poeta Helena Kolody. [...] essa maneira um tanto reservada, ‘antimundana’, de não misturar a atividade poética com a vida social, como diz o cineasta Sylvio Back, explica em parte, o fato dessa poeta curitibana não ser conhecida nacionalmente.

Não podemos concordar com Nicolato, pois Kolody sempre esteve inserida no que pôde em suas duas profissões, através de associações, eventos e na imprensa periódica, nunca esteve longe da exposição pública. É claro que ela misturou a vida poética com a vida social ao distribuir seus livros, ler suas poesias a cada aula e fazer discursos, sempre aumentando seus contatos através da docência. Concordamos um pouco mais com Miguel Sanches Neto (1994, s.p), quando ele relata:

artista 24 horas por dia, usa todo seu talento para viver em espírito poético, o que é muito mais importante do que escrever diariamente a poesia. [...] Despida de toda vaidade de sucesso literário, a poeta usa seu dom para criar mais do que leitores, mas amigos. Isso explica a seita de Helenófilos, da qual faço parte. A poeta-poesia cativa, criando laços de família.

Apesar de Miguel Sanches Neto escrever que Helena Kolody era despida de vaidade, o que não se aplica à Kolody que analisamos como intelectual, tal fato favorece a sua representação como exemplo feminino de simplicidade, equivocadamente traduzida como exemplo de modéstia ou pouca ambição. Este era um posicionamento que agradava, assim, como seus discursos cristãos e patriotas.

Kolody aparece com o mesmo perfil nesta representação desde os anos 1960, mas é interessante perceber, por meio da *Gazeta do Povo*, no ano 2000, a necessidade de representá-la, nos seus 88 anos, com vários adjetivos que se inserem nesses atributos de boa moça, que em nenhum momento aparece tecendo nenhum tipo de questionamento ou crítica à sociedade.

Ao se falar em Helena mesclam-se dotes intelectuais e pessoais; capacidade, bondade, que embasam outras características com rima – Afinal falamos de poeta: honestidade, amizade, simplicidade, jovialidade, solidariedade, autenticidade, cordialidade, humildade, amabilidade, generosidade, dignidade, fraternidade, sensibilidade, integridade, espiritualidade, responsabilidade, hombridade, criatividade, aliadas ainda às que não rimam mais completam o perfil: empatia, gosto pela vida e satisfação pelo que recebeu. (SANTOS, 2000, s.p).

Durante toda sua carreira e com o passar dos anos, Kolody teve muitos problemas de saúde e isso foi veiculado como uma maneira de superação: “de uma vitalidade indomável, mas de organismo frágil, Helena espera se fortalecer para produzir novas poesias. Já passou por dez cirurgias e sabe que não tem mais idade para cometer excessos.” (BRAGA, 1993, s.p); “Os problemas de saúde, no entanto, não tiraram sua doçura”. (SAIKI, 2002, s.p).

Dessa maneira, insistindo nas categorias elencadas por Alves (1998), percebemos que a representação de Helena Kolody como exemplo feminino passou pela posição social de uma “cabocla”, mas que conseguiu ampliar seu capital cultural e social, fundamentalmente pela educação. Já sua inserção no espaço público e a quem atinge, foi divergentemente representada com a desculpa de um reconhecimento tardio. Por fim, os discursos de Kolody a fizeram ser apresentada com todos os atributos possíveis a uma boa moça. Sua principal representação, portanto, consiste em uma soma de atributos que a constituem, antes de tudo, como uma “mulher batalhadora” e de “grandes dotes morais”.

Já a representação da Helena Kolody articulada à sensibilidade religiosa que emanava, para nós está muito atrelada ao conceito de sensibilidade e educação dos sentidos que mais uma vez é reforçada nesse período: “Só podemos experimentar o mundo porque somos possuidores de um aparato sensitivo, o qual codifica as coisas do mundo conforme as impressões que elas causam em nós” (OLIVEIRA, 2017, p. 20). Mas, para além dessa visão de mundo sensitiva, é preciso considerar suas bases ancoradas na sólida formação católica. Isso porque,

entre os anos de 1920 e 1940, sob o comando de D. Sebastião Leme, o projeto da igreja frente à sociedade brasileira passava por duas estratégias complementares: o fortalecimento da própria instituição católica pela ampliação e maior solidez de seus quadros, mantendo o caráter clerical e hierárquico; paralelamente, uma constante preocupação de impor à sociedade brasileira os valores éticos e religiosos do catolicismo. (ORLANDO, 2017, p. 136).

Valores éticos e religiosos que já vínhamos expondo nos discursos de Helena Kolody. Pensamos que talvez, nesse período, essa representação tivesse perdido a força inicial, o que não aconteceu, pois continuaram veiculando a intelectual a sua expressão de fé, aliada à sua vida e obra ao fato de ser cristã, principalmente “católica convicta”.

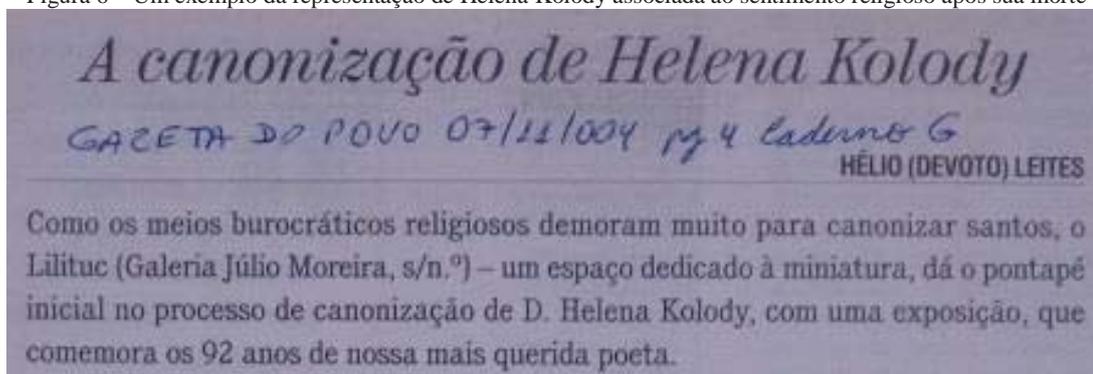
Essa continuidade nas representações produzidas nos permite pensar que o êxito do projeto intelectual da poetisa, nesse caso, passa pela construção do mito Helena Kolody e da consolidação de uma narrativa que pouco diferiu do período anterior, apresentando a coerência e solidez esperada dos modelos que são produzidos em uma relação simbiótica entre vida e

obra: “É difícil separar a vida da obra de Helena Kolody, que sempre se pautou por sentimentos nobres e elevados. Católica convicta, ela encara a poesia numa perspectiva ascendente e luminosa” (NICOLATO, 2001, p. 2); “A poesia de Helena Kolody é um alimento celestial” (OLIVEIRA, 2002, s.p). Essa representação religiosa volta a ser exposta principalmente após sua morte, “Santa Helena” recebe inúmeros atributos e relatos apaixonados pela imprensa.

Em vão buscou-se argumentar quão importante seria a presença dela para as mulheres intelectuais, para as mestras, para as alunas[...] O último argumento, todavia, sensibilizou-a sobremaneira. – Helena, Deus dotou-a de talento, carisma, sensibilidade, aperfeiçoados por você diuturnamente, não somente para seu uso e gozo exclusivo. Tampouco para uso interno. Ele quer que seu canto poético seja ouvido amplamente. Você evangeliza com seus versos e Ele quer ver seu testemunho na academia, com a naturalidade e sensibilidade que lhe são inatas. (BASSETTI, 2004, p. 12).

Hélio Leites (2004, s.p), assumidamente um admirador de Helena Kolody (Fig. 6), escreve: “Com a passagem de D. Helena por Curitiba, a cidade ganhou mais uma santinha Municipal, [...] D. Helena com seu dom tem realizado muitos milagres, pequenos é claro, mas milagres.”

Figura 6 – Um exemplo da representação de Helena Kolody associada ao sentimento religioso após sua morte



Fonte: *Gazeta do Povo*, 07 nov. 2004.

Após sua morte, a intelectual agora tinha seus “devotos”, que sendo admiradores de sua obra, contribuiriam na divulgação de seu trabalho ao longo dos anos. “Seus versos, vão muito mais longe. Universalizam-se! Servem para transformar e lapidar sensibilidades” (PACHECO, 2004, p. b4).

Apesar de algumas diferenças, assim como Maria Junqueira Schmidt, Helena Kolody foi uma “[...] mulher moderna católica que aliava traços de conservadorismo e inovação na sua vida e no papel social e político que exerceu.” (ORLANDO, 2017, p. 138). Papel este que se deu através da educação dos sentidos. Quanto à representação da Helena Kolody como Professora, “[...] foi um grande marco. Os alunos não sabem se exaltam mais a mestra pelo que

aprenderam de biologia ou de respeito humano, amor à poesia, à pesquisa.” (SANTOS, 2000, s.p). Nesse caminho, sobre a história das mulheres no magistério, Almeida (1998, p. 84-85) explica que:

a inserção dos estudos de gênero da área de Educação, em particular no trabalho docente feminino, permite elencar categorias de análise que levem em consideração alguns questionamentos: Como as professoras se vêem como pessoas e como mulheres? Que critérios pessoais e concretos determinam suas escolhas profissionais? Que ideais ontológicas relacionadas com o sexo estão implícitas na formação das professoras? Qual o significado, para professoras, do seu trabalho docente e como enxergam a feminização da sua profissão? Como as professoras se situam como pessoas e profissionais na área de Educação, tendo em vista sua identidade feminina? Esses questionamentos, embora não esgotem a totalidade das indagações acerca da profissionalização feminina e da feminização da carreira, podem servir como ponto de partida para, realmente, (re)construir-se uma história das mulheres na educação e no magistério.

Acreditamos que a partir de tudo que expomos até o momento, sobre a carreira de Helena Kolody, seja possível inferir algumas respostas. Kolody exerceu a carreira docente, mas deu pouca visibilidade a ela, não porque o tema da educação não interessasse à imprensa, mas porque pouco se envolveu efetivamente com os debates e as causas educacionais. A docência parece ter sido para ela um meio para concretizar seu projeto intelectual de reconhecimento literário, o qual, de certo modo, estava relacionado à educação, mas à educação pela poesia. O IEP foi, em larga medida, a incubadora desse projeto, onde gestou e encaminhou os primeiros passos nessa direção. Suas alunas, leitoras cativas, iam sendo educadas não apenas no gosto pela literatura, mas também na produção de uma sensibilidade que permitia ser tocada por ela. Desse modo, Helena Kolody difundiu valores relacionados ao modo de se relacionar com o mundo, imprimindo uma referência de beleza, simplicidade, espiritualidade e comportamentos tão delicadamente cultivados pela poesia.

Nesse sentido, pode-se dizer que sua carreira docente teve grande êxito, embora seja visível que todo o esforço empreendido ao longo da vida tenha sido no sentido de se promover como intelectual do campo das Letras. Parece que, na prática, o que Kolody percebeu, ou escolheu guardar nos seus registros de memória consultados já na “velhice”¹¹, foi o amor à arte de educar pela poesia. Por necessidade, escolheu o magistério, mas acabou encontrando ali terra fértil que permitia ver em ação os efeitos de sua escrita.

¹¹ Aproprio-me aqui ao termo usado por Ecléa Bosí para se referir aos registros de memória dos velhos em sua obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994).

Na entrevista que concede à *Gazeta do Povo*, ela fala sobre a importância de sua carreira, tanto como poetisa quanto como professora:

nestes seus 87 anos, o que foi o melhor até agora em sua vida? (Xavier) (Com alegria) O magistério. Fui a professora mais feliz do mundo. Porque era a minha vocação, a minha escolha. A poesia foi uma flor que nasceu à beira do caminho de magistério. Eu não adorei ser poetisa, eu adorei ser professora. Vivi o magistério. Eu poderia ser amargurada. Subia os degraus da escada principalmente aqui no Instituto de Educação [...] quando adentrava o recinto da escola sentia aquele prazer de ensinar. Aquelas normalistas eram as andorinhas no beiral da minha vida. Fui a professora mais feliz do mundo. E fui uma poetisa feliz, pois pude cantar naquele tempo meus sonhos. E hoje me faz falta a poesia: a poesia nasceu espontaneamente e o magistério foi a escolha. (KOLODY, 1999).

Dona Chloris Casagrande Justen (2004, p. b2), que também esteve no caminho entre a poesia e à docência, escreve: “Nesse ambiente, pontificava Helena Kolody. Com tão sérios estudos quanto grandes ideais educacionais, os alunos selecionaram seus preferidos e a totalidade ficara com Helena Kolody. O que de certa maneira nos faz retomar as indagações de Almeida (1998): a professora Helena se situou na área da Educação como profissional e como pessoa? A resposta a essa questão pode ser apreendida nas próprias fontes.

Nas palavras da Pró-Reitora, professora Maria Tarcisa Bega (2004, s.p), na ocasião do título honoris causa à Helena Kolody, ela ressalta que a “[...] homenagem se deve à exemplaridade de Helena Kolody, professora que virou poeta e poeta que sempre colocou em primeiro lugar sua missão de educadora.” O que talvez mais condiz com o que destacamos até aqui.

Para Isabel K. Mendes (2004, s.p), “Helena Kolody era a poesia em essência. Era a professora que ensinou com poesia, era a mestra que fez da missão de educar uma poesia [...] Assim foi sempre conhecida, respeitada, homenageada e imortalizada.” O que muito se deve ao fato de Kolody nunca ter deixado de citar a sua docência, sendo em toda sua trajetória um ponto a ser lembrado por ela.

Outro ponto muito relacionado à representação da Kolody como professora pelos jornais é a associação entre docência e maternidade: “Ela nos trata, mais que uma professora trata os alunos, qual mãe carinhosa trata dos seus filhos” (STOCCHERO, 2004, s.p). O que nos mostra que Helena Kolody enxergou um pouco este cargo como uma missão – ou uma compensação pela ausência de filhos – que lhe permitia exercer seu amor e educação maternal, como vimos, condizente com a formação que teve. Tal postura não a impediu de ser uma profissional, mas a representação que parece ter ficado para as suas alunas se deve mais a doçura e ao carinho do que ao trabalho pedagógico.

Algumas falas de Kolody podem ter contribuído para que a representação como professora tenha sido pouco e superficialmente veiculada, como ter escolhido o magistério por vocação, apesar de que era uma das poucas opções para as mulheres no período, por exemplo: “Não fui mais que uma professora, não tenho nem curso superior, sou simples professora normalista” (KOLODY, 1997a, s.p). Contudo, infere-se que o fato de não ter se destacado nesse campo pelas lutas políticas, nas quais não se envolveu, pelos debates, nos quais não se inseriu, pelo diálogo com as ciências da educação que embasavam as propostas pedagógicas da época; ou seja, por nunca ter escrito nenhum texto sobre educação ou pedagogia, se inserindo no campo da produção intelectual do campo educacional, tenha contribuído para que essa representação seja menos expressiva.

É importante reforçarmos que a representação como professora Helena mostra uma profissional dedicada à profissão por vocação e que exercer a docência era uma paixão, não apresentando as dificuldades quanto à feminização da profissão ou a falta de recursos. Sua percepção do campo educacional era fortemente marcada pelo discurso da vocação, como se a luta por condições melhores não existisse.

Falando da representação como poetisa, o período é ainda mais favorável para Kolody devido à intensa publicação, premiações e homenagens que recebeu a partir dos anos de 1990. É compreensível que na fase que representa a consolidação, final de sua vida, a imprensa tenha dado mais ênfase à poetisa. De acordo com Chartier (2014, p. 63), a “[...] construção do autor é uma função não apenas do discurso, mas também de uma materialidade, materialidade e discurso que na minha perspectiva de análise são indissociáveis.” É a partir dessa materialidade que Kolody efetivou a ascensão de seu projeto intelectual, como ela mesma cita em 1988: “de sonhos prisioneiros em poemas inventei muitos livros’ assim se auto apresenta a poeta maior Helena Kolody.” (KOLODY, 1993, s.p). Outras pessoas, editoras e associações passaram a apoiar Kolody, e esse apoio foi também veiculado pela imprensa.

Com o carinho das mãos está nascendo um livro para abrigar 28 poemas novos, em hai-kai e tanka, de Helena Kolody [...] O carinho vem das mãos de Nivaldo Lopes que num trabalho em tipografia manual edita o quinto exemplar da sua editora Ócios do Ofício e o terceiro da coleção Buquinista, da Fundação Cultural de Curitiba. [...] Com lançamento marcado para 12 de Outubro e que terá apenas 150 exemplares, todos numerados e autografados pela autora [...] (LOPES, 1993, s.p).

O *Correio de Notícias* então explica o título deste livro: “o título Reika vem do nome haicaista outorgado a autora pela comunidade nipo-brasileira em reconhecimento a dedicação, divulgação e grandiosidade que deu à poesia japonesa. Reika pode ser traduzido como ‘perfume

da literatura’.” (KOLODY, 1993, s.p). Um aspecto acrescentado a essa representação, nesse período, é a internacionalização da obra kolodyana, destacada em periódicos paranaenses: “o governador Jaime Lerner e o secretário de cultura Eduardo Virmond lançaram oficialmente a primeira feira interamericana do livro [...] Helena Kolody irá lançar seus poemas em francês.” (FEIRA..., 1997, s.p); “[...] Helena Kolody estará hoje, às 19h, na sede do Clube Ucraino-Brasileiro, autografando a edição bilíngue (português e ucraniano) de *Luz infinita*.” (LOPES, 1997, s.p).

Estes anos foram intensos em publicações e os jornais não deixaram de veicular tais fatos, colocando Kolody entre os grandes poetas e reforçando o título de maior poetisa do Paraná: “A maior referência poética que o Estado tem.” (SAIKI, 2002, s.p). Seu sucesso também apareceu nas notícias das reedições de seus livros, como no caso de *Viagem ao Espelho*.

Em 1988 [...] *Viagem no Espelho* [...] é considerado título determinante para a descoberta da autora paranaense pelo público brasileiro. Agora 13 anos depois, a sétima edição chega às livrarias, com 21 poemas inéditos. Tratam-se dos trabalhos mais recentes de Kolody. (BRITTO, 2001, s.p).

Livro este que também lhe rendeu tradução para o italiano e ucraniano. (JUSTEN, 2004, s.p). Sua obra ganhou traduções para o francês, ucraniano e italiano, o que lhe permitiu um reconhecimento que extrapolou as fronteiras de seu país. Para Chartier (2014, p. 50),

é preciso medir as consequências disso, ou seja, do fato de que aquele que é proprietário do objeto escrito não é mais proprietário do texto e que o proprietário do texto é aquele que, eventualmente, se desfez da propriedade do objeto. Temos então uma clara ilustração desta distinção fundamental entre o objeto, a forma material e o texto abstrato.

É neste caminho, citado por Chartier, que desde o início a poetisa Kolody encarou sua obra, pois a divulgava de diversas formas, a fim de que cada vez mais circulasse seu conteúdo poético, educativo e sentimental, como os dois poemas ‘Ser’ e ‘Conselho’ que puderam ser ouvidos pelo telefone (TELEPOESIA..., 1994, s.p). Constitui então, uma obra cada vez mais veiculada, assim como democrática, como em outra ocasião, quando teve suas obras transpostas para o braile (POESIA..., 2000, s.p).

Miguel Sanches Neto (1994, s.p) escreve, uma síntese dessa representação: “Helena Kolody que fez da vida um ato poético, tal como desejava Murilo Mendes em ‘O Discípulo de Emaús’ (Viver a poesia é muito mais importante do que escrevê-la), construiu uma obra que revela um olhar pensante.”

Nesse recorte temporal, também falamos do mito, este que se fez importante, pois o período é de ascensão, o que significa que Kolody estava sendo reafirmada através de uma imagem “completa”. Segundo Chartier (2014, p. 29), a função autor “Não é só função mas também ficção[...]”. E, neste caminho, é como se a trajetória de Kolody fosse de e para todos.

Ela tem revelado a muita gente a sua própria estrela [...] Quando você ver alguma coisa brilhando no seu destino pode ser uma estrela, a sua, então meu amigo, minha amiga, dedique-se a ela, pegue uma flanela [...] e vá dar lustro no seu brilho, para que o mundo também possa enxergar o seu brilho. Isto é Hekolodyr, o mais novo verbo da praça.” (LEITES, 2004, p. b2).

Sua obra tornou-se motivação para muitos, o que foi relatado em diferentes jornais: “Os versos de Kolody são lições de vida, meditações a partir de simplicidade desconcertante” (NICOLATO, 2001, s.p); “ela, o exemplo para tantos em tantas maneiras. Seu jeito simples, sua poesia que transcende e acende” (MEDEIROS 2004, s.p). A representação da Helena Kolody mito contempla uma “excelente poetisa”, com “lições” de vida (professora), “jeito simples” (mulher), o que “provoca meditações e transcendências” (sentimento religioso), ainda era a poetisa Helena Kolody, porém, agora, ainda mais exaltada.

O baiano Paulinho Lima além de produtor também é letrista [...] veio anos atrás a Curitiba dar um curso na Oficina de Música. Um dos exercícios consistia em criar um samba exaltação sobre a cidade. Numa pesquisa com os alunos, pediu a eles que citassem os ícones locais. Entre outros nomes estava o de Helena Kolody. Ao pensar em incluir um poeta paranaense na coleção [...] consultou a amiga Lúcia Camargo que indicou Helena. Um segundo telefonema foi feito, desta vez para o professor Wilson Martins. Repetiu-se a escolha. (LEITE, 1997b, s.p).

Um verdadeiro ícone para cidade tinha sido formado. Curitiba, enfim, “amava alguém!”, representação que atribuímos aqui à Helena Kolody através de uma construção plural e híbrida. A representação de Helena mito, principalmente após sua morte, teve ainda um gosto que faltavam palavras para “homenagens dignas”, pois, de acordo com Mendes (2004), “D. Helena sempre deu ao mundo muito mais do que por ele foi paga. Plantou mais árvores do que cortou. Soube regar com amor as boas sementes lançadas em sua longa, bela e útil caminhada.” Foi nesse contexto que o *Jornal do Estado* optou por lembrá-la sempre através da escrita de diferentes pessoas.

Falar em Helena Kolody, nunca será trabalho para uma única pessoa. Pela sua alta qualidade, sensibilidade e multiplicidade de compreensão exige –a participação de todos os que, puderem mostrar Helena Kolody, sob seu ponto de vista e é isso que pedimos, ao encerrar esta primeira veiculação pelo jornal do Estado. (PACHECO, 2004, p. b2).

O que foi de grande prazer para pessoas que conviveram, ainda mais aquelas que conheceram todas as representações aqui citadas, de diferentes perspectivas, como Casagrande Justen (2004, s.p) que relata: “dona Helena foi a minha inspiração e este sempre em um patamar de respeito e de amor, sem nunca percebermos que pelo penhasco das horas, a vida se precipita”. Ela, assim como outras mulheres no campo educacional e das letras paranaense, tem Helena Kolody como exemplo para suas próprias trajetórias:

É preciso lhe dizer, lembrar inúmeras e seguidas vezes que seu ideal se transformou em canção a embalar, estimular e influenciar milhares de pessoas. Nesses 88 anos muito contribuiu. Espalhou o dom acalentando vidas e as tornando mais significativas. Muito aprendemos com ela, muitas vezes repetimos e usamos suas poesias e escritos para referendar e enriquecer afirmativas. (SANTOS, 2000, s.p).

Foi assim que o mito Helena, se uniu equivocadamente com a identidade da autora: “Há aí uma primeira tensão entre a liberdade, o hábito, a desenvoltura do eu, de um lado, do outro, os mecanismos sociais e institucionais que constroem o autor, a identidade do autor [...]” (CHARTIER, 2014, p. 31). Uma identidade que, no caso de Helena Kolody, foi produzida em larga medida pela imprensa periódica: “Dona Helena, tenho medo até de cortina que se mexe com o vento. Mesmo assim, adoraria revê-la. Dai-me esta graça. E apareça.” (FERNANDES, 2012, p. 3). Os últimos anos de vida de Kolody foram dignos de uma celebridade, até em situações do cotidiano, como, por exemplo, um almoço com sua irmã:

Dona Helena considerada por nós, como uma “celebridade!”, era vista e tratada como tal. Mesmo se lhe insistindo pela – cortesia da casa – recusava-se a tal regalia. Houve então, uma taxa simbólica, que agradava e se apresentava como justa e perfeita. Havia um carinho muito grande entre elas e um dos proprietários, Alô Guimarães Netto. Elas eram contemporâneas de sua avó, dona Elvira do Amaral Virmond, que estudaram juntas na cidade de Rio Negro. Ainda hoje, dona Olga e dona Elvira se encontram aos domingos no Alameda e colocam o “papo em dia”. (RESTAURANTE..., 2004, p. b2).

Toda essa admiração nos leva a pensar na nossa questão inicial, voltada para entender o papel que a imprensa teve na trajetória de Helena Kolody. Nesse sentido, tanto as matérias sobre ela, produzidas por colegas e admiradores, quanto suas próprias narrativas sobre sua vida serviram para projetar o mito, além de validar o reconhecimento intelectual no mundo das letras, projeto no qual Kolody sempre investiu. E, apesar de parecer um projeto individual, vinha carregado de um sentido que extrapolava esse limite e abria espaço para se considerar não apenas a presença feminina na vida pública, mas também a contribuição que as mulheres poderiam oferecer à sociedade, pela cultura e pela educação. Desse modo, sua marca, não

apenas como poeta paranaense, mas também aquela que “Curitiba amava”, não poderia ser entendida como reflexo da própria sociedade? uma espécie de autoimagem que se reflete nessa identidade? O que Curitiba amava, de fato? A representação de uma mulher ao mesmo tempo dócil e firme em suas convicções, dedicada ao trabalho, delicada no trato pessoal, sempre solícita, capaz de se relacionar com as pessoas, com uma sensibilidade religiosa afluída e de uma “modéstia” que apagava qualquer sinal de ameaça, disputa ou competição para quem quer que fosse. É esse conjunto de características, tão bem aceitas, que a colocaram como exemplo. E, talvez porque representasse a identidade que o povo paranaense quisesse cunhar para si mesmo, ela era alguém com quem se identificar.

Nesse período, temos uma das pouquíssimas matérias assinadas por Kolody (2000), cujo conteúdo não tratava de sua obra poética: “recomendo com muito empenho o romance *Em Busca Do Tempo Perdido*, de Marcel Proust. Eu falo isso porque é um livro eterno [...] hoje as crianças não lêem mais, porque estão presas à televisão, ao computador, à Internet.” (KOLODY, 2000, s.p).

Como intelectual, se posicionou de um modo que parece ter sido comum a algumas mulheres, especialmente, as do grupo católico e não apenas no Paraná. Elas se fizeram presentes intervindo de modo direto, embora sutil, na cena pública. Apontaram caminhos, orientaram, promoveram (ou não) determinados projetos, estabeleceram parcerias no campo intelectual, foram produtoras e mediadoras culturais. Kolody, não era claramente questionadora, seu caminho, muito marcado pela sua condição feminina, é construído de uma forma diferente de outros intelectuais, o que não passa despercebido:

enquanto Dalton Trevisan quis criar seu público, reeducando-o através do choque, Helena aceitou de bom grado o que já existia, deixando-se absorver por ele, alterando-se à medida que o horizonte de recepção se alterava. O fato de ela corresponder a algumas de suas expectativas não a obrigou, no entanto, a abrir mão das verdades essenciais que a moviam e movem. (SANCHES NETO, 1996b, s.p).

Se, por um lado, algumas coisas acontecem na vida de um intelectual por acaso ou por uma questão de oportunidade, como acontece com todos os seres humanos; por outro, algumas escolhas, posturas e posicionamentos são indicativos da clareza que tinha do lugar que ocupava ou que pretendia ocupar na vida pública. Helena Kolody se fez notar, de muitos modos, não apenas na imprensa. E essa circulação na vida pública do modo como a conduziu reforçava as representações veiculadas nos jornais da época.

A trajetória cheia de associações, discursos, impressões e, principalmente, de redes de sociabilidade foi o que verdadeiramente conferiu a ascensão de um projeto intelectual que se

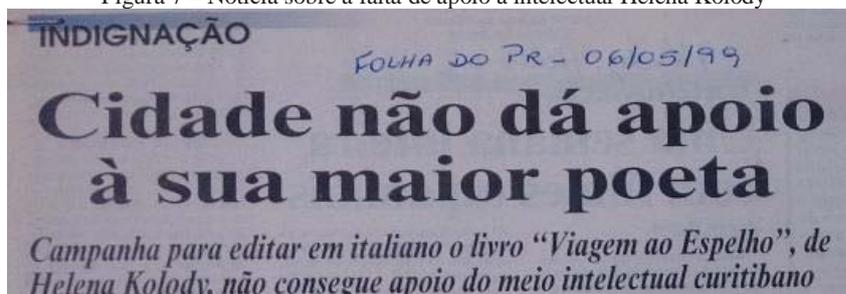
destinava primeiramente ao seu estado natal: “Ela criou amigos, histórias e esteve envolvida nas mais diversas manifestações culturais do Paraná e do Brasil.” (JUSTEN, 2004, s.p). No entanto, sua identidade, pela forma como foi construída e por suas escolhas, foi associada ao estado do Paraná: Helena Kolody era uma poeta paranaense. Alzeli Bassetti, cofundadora e vice-presidente do Instituto Ciência e Fé escreve:

após ter compilado em extensa matéria a vida e um estudo da obra Kolodyana, com fotos de épocas distintas e uma entrevista informal, esta escriba remeteu-a à Revista Brasília (DF), não tendo sido surpresa o retumbante sucesso naquelas plagas. Convites para lançamentos de livro, noites de autógrafos, tertúlias, palestras e confraternizações variadas na capital brasileira tornaram-se comuns. Era a possibilidade de um vôo extenso e um pouco relevante. A poeta ternura foi irredutível: ‘Não quero deixar Curitiba, meu estado do Paraná, meus amigos, alunos, colegas de escola e dos centros de cultura, não quero migrar para outra Terra!’ (BASSETTI, 2004, p. 12).

Apesar de, em alguns momentos de sua trajetória, demonstrar que queria ser reconhecida além das fronteiras do Paraná, seu foco primeiro e maior estava na identificação com seu estado.

Mas, como toda trajetória apresenta contradições, é importante chamar a atenção para o fato de que apesar do sucesso alcançado e da plêiade de admiradores, Helena Kolody encontrou, mesmo nessa época de reconhecimento, algumas recusas ou falta de apoio, como destaca a nota do jornal *A Folha do Paraná*, apresentada na Figura 7.

Figura 7 – Notícia sobre a falta de apoio à intelectual Helena Kolody



Fonte: jornal *Folha do Paraná*, 06 maio 1999.

A indignação do título refere-se à vontade descrita anteriormente: de tornar a obra de Helena Kolody conhecida para além do Paraná. Nesse caso, os esforços tinham a ideia de internacionalizar seu livro, como já visto, de maneira que seu projeto fosse acolhido e apoiado por todos. Tal indignação é evidenciada pelo artigo de Leite (1999, s.p.):

uma Campanha em torno do livro de Helena Kolody ‘Viagem ao Espelho’, que está sendo editado na Itália trafegou timidamente pelo setor judiciário e no Centro de Letras do Paraná (CLP), sem sucesso. De acordo com a proposta da editora Edizioni ETS, de Pisa (Itália), os amigos e admiradores da poeta deveriam adquirir dois volumes da obra, num valor em torno de US\$ 20 [...] Essa história começou em 1997

com a vinda a Curitiba do Professor Domenico Corradini Broussard, para dar aula magna dos cursos do Pós-graduação em Direito da Universidade do Paraná. Catedrático de Filosofia do Direito da Universidade de Pisa. Broussard é também poeta e autor de textos de grande beleza. Ele encontrou-se com Helena Kolody, a quem já conhecia através de seus livros, sendo que o episódio ganhou espaço na imprensa. Seria ele o responsável em verter para o idioma italiano o livro de Helena. Agora, quando se torna próxima a edição do livro, faltou interesse por uma parcela do meio intelectual local na aquisição da obra.

Posteriormente, como já vimos, a obra tem sua publicação na versão italiana, mas segundo Roberto Gomes (2003, s.p.), Kolody “abriu mão de receber dinheiro pelos direitos autorais referentes à sua obra. Preferiu trocá-lo por algumas dezenas de exemplares.” O que aqui já ressaltamos como uma das atitudes presentes na trajetória de Kolody, a atitude de “dar seus livros de presente” deve ser entendida para além de ser este um ato de pura bondade, tal gesto deve ser compreendido como tática de divulgação de suas obras e o investimento feito pela autora para demarcar o seu espaço e tornar-se conhecida no circuito literário, além de ampliar o seu público leitor. No fim de sua vida, parece que seu empreendimento logrou êxito:

Helena Kolody, a maior poeta paranaense, morreu na noite do último sábado, aos 91 anos, vítima de arritmia cardíaca, e foi sepultada ontem à tarde no Cemitério Municipal de Curitiba. Revelada tardiamente, depois de uma longa carreira no magistério, Helena se tornou uma unanimidade local ao longo das últimas décadas, cultuada entre os jovens, estudada por acadêmicos e lida por populares. Ela deixa um conjunto de mais de 20 obras e seu nome inscrito na linhagem de poeta brasileiros de forte apelo regional, como Manoel de Barros, Adélia Prado, Cora Coralina e Mário Quintana. (PARANÁ..., 2004, p. 6).

E para seus admiradores, o que lhes consolava era que “O seu maior feito foi ter alcançado ainda em vida o reconhecimento de todo o público” (MOREIRA JUNIOR, 2003, s.p). Essa capacidade de se afirmar sem enfrentamentos acabou não apenas se constituindo como um traço da sua identidade, mas, possivelmente, uma das principais causas de seu sucesso. O fato é que Kolody utilizou as ferramentas que possuía – comuns aos intelectuais – para transitar, comunicar, instaurar o novo, sem agredir o velho, e se afirmar como mulher em um universo marcadamente masculino e ainda receber o seu apoio e reconhecimento:

Foi o convívio com outros escritores, com o espírito da época, que lhe permitiu lançar mão das opções estilísticas mais sintomatizadas com a sua sensibilidade poética. Alma sempre aberta ao outro, ela jamais fez poesia rompendo com os seus conterrâneos, mas somando-se a eles, sem perder a sua marca da individualidade. E isso fez com que fosse aceita por todas as gerações. (SANCHES NETO, 1996b, s.p.).

A ordem com que retomamos as representações de Helena Kolody não se fez aleatórias. Pensamos que o fato de ter sido uma mulher sensível, pouco questionadora, com intenso

sentimento religioso – que na verdade foi o reflexo de sua vida cristã, principalmente, católica –, tenha contribuído significativamente para o seu livre trânsito no campo da produção cultural de Curitiba, o que culminou em seu reconhecimento intelectual. Em seguida, a carreira de docente, como já colocado neste trabalho, foi o caminho que viabilizou a possibilidade financeira e política de concretizar e materializar seus ideais, pela publicação de suas obras, mas também de perceber mais de perto os efeitos que sua poesia produzia em suas alunas e como, por meio dela, era possível educar. Ser poetisa, em diferentes aspectos, como ela mesma diz, foi um imperativo, mas também uma dedicação intensa que lhe permitiu ser conhecida e reconhecida em vida. Portanto, se estas representações põe em evidência uma Helena Kolody mito, mas que, antes e depois de tudo, aparece pela operação historiográfica como uma intelectual convicta.

2 CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO INTELECTUAL

CANTIGA

*A vida é linda,
mesmo doendo
nos desencontros
e despedidas,
mesmo sangrando
em malogrados,
áridos hortos,
searas maduras
de sofrimento.*

*Chegar ao porto
da vida finda
cantando sempre
sonhando ainda.*

(Helena Kolody, 1970)

Os caminhos de construção de um projeto intelectual na vida de Helena Kolody podem ter sido vivenciados em “áridos hortos”, “doendo nos desencontros”, mas a relevância de estar sonhando ainda o fazia permanente, sua permanente busca. Portanto, refletir sobre Helena Kolody e suas redes de sociabilidade caracteriza também uma reflexão de um grupo de mulheres docentes, concentradas em torno do reconhecimento como escritoras, o que confirma o conceito de prosopografia de Levi. Ao ser perguntada sobre os grupos de sua juventude, a intelectual responde:

tão importante quanto o hábito de ler, é o hábito de conversar. Nasce-se poeta, como se nasce pintor ou músico. Mas o ambiente em que o artista se desenvolve, o diálogo que tem com os outros, estimulam e aprimoram a sua expressão. O poeta precisa testar o que escreve na sensibilidade do outro, e se anima a escrever quando conversa sobre literatura com os que também escrevem. (KOLODY, 1986, p. 195).

Consideramos a trajetória de Helena Kolody situando-a em seu tempo e espaço, assim como suas relações de maneira dialógica dentro do espectro de mudanças constantes, mesmo que recortada em alguns aspectos, o que pode contribuir para os estudos no campo da História

da Educação. Neste capítulo, são dois recortes: a constituição da intelectual por meio da inserção em redes relacionadas à educação e à poesia.

O recorte do aspecto docente se faz relevante por este estudo estar inserido na História da Educação e se apoiar nos conceitos de paixão, utilizado por Almeida (1996), e poder, de Perrot (1988), que ao longo do texto serão pertinentes para discutirmos a trajetória docente de Kolody, problematizando seu apagamento nessa esfera a fim de compreender os caminhos formativos da intelectual para além da poetisa. Já com o recorte do aspecto da poesia, este é significativo por ser a via de reconhecimento e legitimação da intelectual Helena Kolody.

No Brasil, a inserção da mulher como profissional – que estuda e trabalha, constituindo uma carreira nesse processo – aconteceu somente a partir da segunda metade do século XIX, com mais acento no século XX, com o impulso do movimento feminista, que começava a se organizar, e o acesso ao ensino normal. Embora o magistério não tenha sido o único caminho de profissionalização das mulheres, não se pode negar o papel fundamental que as escolas normais tiveram em sua formação e, por consequência, em sua emancipação pela educação.

Para as mulheres a grande demanda pelo curso de formação de professores centrava em ser esta a única possibilidade de escolarização e profissionalização do período. Assim, o discurso normativo passou a ser acatado como forma de vencer barreiras sociais e resistências do segmento masculino. (ALMEIDA, 1998, p. 133).

No caso do Paraná, algumas pesquisas, como as de Pedro (1997), nos permitem encontrar um perfil dessa mulher paranaense, nas primeiras décadas do século XX, que utilizava da escrita e do magistério para se inserir na sociedade. Podemos dizer que essas mulheres, moradoras da capital, viviam em contextos de representações sociais parecidos. Como cita Pedro (1997, p. 281):

os jornais sulistas no final do séc. XIX e início do séc. XX não criaram os modelos ideais de mulher como boas mães, virtuosas esposas e dedicadas filhas. Esses modelos já faziam parte do imaginário ocidental, podiam ser encontrados na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais.

Às mulheres eram atribuídas funções domésticas, eram preparadas para o lar, para serem boas esposas e mães. Elas também eram consideradas um ser dócil que deveria se ater às questões religiosas e de caridade. Louro (1997, p. 447) ainda complementa que, “através do símbolo mariano se apelava tanto para a sagrada missão da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina.” Era o exemplo de Maria, mãe de Jesus, na constituição de um perfil mariano, com mulheres pouco questionadoras e devocionadas à caridade.

Nesse contexto, a instrução feminina sofreu a resistência social no que tange ao direito e à importância de mulheres frequentarem e se inserirem no meio educacional masculino, pois a intenção primeira deveria ser o casamento e a dedicação familiar. A aceitação só foi lentamente reconsiderada ao longo do início do século XX diante das necessidades encontradas pelos homens, como as guerras e a industrialização, situações em que a mão de obra masculina era essencial.

No Brasil, o período da primeira república exigia do país novas perspectivas para acompanhar o desenvolvimento industrial e, ao mesmo tempo, proporcionar o ensino, tendo professores e escolas para alfabetizar a população. Louro (1997, p. 444) escreve:

o discurso sobre a importância da educação na modernização do país era recorrente. As críticas ao abandono educacional em que se encontrava a maioria das províncias estavam presentes nos debates do parlamento, dos jornais e até mesmo nos saraus. Os anos passavam, o Brasil caminhava para o séc. XX nas cidades povoadas, sem falar na imensidão rural, grande parte da população continuava analfabeta.

Nesse cenário, a mulher instruída aparece como uma importante aliada. No entanto, era preciso considerar sua representação, proporcionando uma aceitação da sociedade diante de sua instrução e, conseqüentemente, de seu trabalho e circulação na vida pública.

No Paraná, assim como em todo Brasil, os desafios diante do crescimento econômico e social para o atendimento da população se fazia crítico. Além da educação: “outro desafio da época, posto para o prefeito de Curitiba, foi a reurbanização desta cidade, capital do estado. Esta cidade possuía 50.124 habitantes em 1900. Vinte anos depois Curitiba abrigava 78.986 habitantes.” (De Boni, 1998 apud ROCHA, 2003, p. 153).

Assim, a presença feminina nas escolas veio das necessidades do estado. Portanto, as modificações da representação feminina para o trabalho sofreram influências do projeto de crescimento da nação através do contexto educacional, bem como do crescimento econômico com mão de obra masculina em outros setores.

As questões que são postas diante desse período vão se alterando conforme necessidades maiores vão surgindo, dessa forma, a demanda educacional é um exemplo. Perante uma sociedade que se modernizava em produção econômica, as mulheres começam a ocupar lugares antes masculinos, como é o caso do ensino primário. Segundo Bueno (2003, p. 207),

era necessário educar as mulheres para uma sociedade que se modernizava, possibilitando-lhes o acesso à educação e aos direitos políticos. Essas conquistas atemorizavam a sociedade no sentido de que pudessem afetar o perfil feminino e comprometer as relações afetivas e familiares.

A inserção profissional feminina no magistério foi aos poucos trazendo um novo perfil para a educação. A sociedade agora presenciava mulheres sob uma nova, mas nem tão diferente perspectiva. Louro cita (1997, p. 450),

a saída dos homens das salas de aula – dedicados agora à outras ocupações, muitas vezes mais rendosas – legitimava a entrada das mulheres nas escolas – ansiosas para ampliar seu universo – restrito ao lar e à Igreja. A partir de então passam a ser associadas ao magistério atitudes tipicamente femininas: paciência, minuciosidade, afetividade, doação. [...] Tudo foi muito conivente para que se constituísse a imagem das professoras como trabalhadoras e dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras, o que serviria futuramente para lhes dificultar a discussão de questões ligadas a salário, carreira, condições de trabalho.

É perceptível que aos poucos as mulheres foram se inserindo no magistério e, paulatinamente, foram sendo incorporadas nos quadros docentes pelo Estado. Segundo Louro (1997, p. 454), “as escolas normais se enchem de moças. A princípio são algumas, depois muitas; por fim os cursos normais tornam-se escolas de mulheres.” Um ponto a ser considerado é a ascensão ao mundo da escrita que a formação para o magistério permitia a essas mulheres. Embora nem sempre essa acontecesse nessa ordem, como foi o caso de Helena Kolody, a formação abria as portas para um novo universo, servia como dispositivo de legitimação e impulsionava voos mais altos.

A acentuada presença dessas jovens normalistas no universo da poesia nos leva a constatar **o significado das escolas de magistério para a mulher ascender ao mundo da escrita**, e desta forma, viabilizar possibilidades para expressar opiniões, ideias e **projetos intelectuais**. (BUENO, 2003, p. 212, grifo nosso).

O acesso à educação levou muitas dessas mulheres a criarem redes de sociabilidade e se associarem em grupos que serviam para dar voz e maior legitimidade a projetos intelectuais, artísticos e/ou sociais. Nos anos 1930, um grupo de mulheres curitibanas organizou uma associação feminina que serviria para produzir um reconhecimento de suas associadas no campo da cultura. Bueno escreve (2003, p. 210),

em Curitiba, por volta de 1930, jovens universitárias, adeptas de opiniões acerca da modernização do papel da mulher na sociedade, reuniram-se ao redor da ideia de constituir um centro que tivesse como principal objetivo investir no aprimoramento intelectual, artístico e desportivo da mulher paranaense. Com essa finalidade, criaram o Centro Paranaense de Cultura Feminina¹² no dia 05 de Dezembro de 1933.

¹² O nome da instituição em questão se oficializou posteriormente para Centro Paranaense Feminino de Cultura (CPFC).

Nos anos de 1930, as mulheres passam a se reunir para falarem de seus anseios e compartilharem cultura. Independentemente de serem casadas, algumas mulheres curitibanas passaram a frequentar, paulatinamente, espaços sociais onde podiam expor sua opinião e, aos poucos, foram alcançando outros espaços de expressão e conhecimento. Para Trindade (1996, p. 256),

As associações oferecem um leque bastante amplo de opções ao gosto feminino, privilegiado, concomitantemente, a recreação e a assistência social. Esta última é obra preferencial de entidades como as Damas de Caridade, a Associação da Cruz Vermelha e as Filhas de Maria, praticantes de filantropia, enquanto as atividades literárias são o móvel das reuniões do Centro de Letras do Paraná ou do Centro de Cultura Feminina.

Ocupar lugares exclusivamente masculinos, para muitas mulheres, iniciou-se como já visto pela Escola Normal. Muitas atuaram na docência, outras, não. Mas, ao longo da história, esse foi um dos caminhos que permitiu às mulheres conquistarem outras profissões e espaços na sociedade, como foi o caso de Helena Kolody. A educação foi a porta de entrada para a mulher na cena pública, até mesmo na criação do centro. Como cita Bueno (2003, p. 213),

os dados indicam que grande parte delas teve sua formação nas escolas de magistério, criadas no Paraná e se ocupou de atividades relacionadas ao ensino, como fundar escolas, ministrar aulas e inspecionar ensino. Essas incidências chamam a atenção do pesquisador no sentido de constatar que o magistério era também uma possibilidade de inserção das mulheres no seio da intelectualidade paranaense, com desdobramentos para a produção literária e, particularmente, para o campo da poesia.

Além da educação, a literatura foi outro campo pelo qual as mulheres expressaram seus sentimentos, opiniões e visões de mundo, intervindo, desse modo, na produção estética e cultural de seu tempo. Foi também o caminho pelo qual muitas dessas mulheres tornaram-se reconhecidas como intelectuais. Nesse sentido, as escolas de formação para o magistério e a vinculação a associações, como o CPFC, foram fundamentais. E Helena Kolody utilizou essas duas portas na construção de sua trajetória intelectual.

Portanto, a fim de discutir a trajetória de Kolody elucidando os caminhos formativos da intelectual e a construção de uma rede de sociabilidade fortemente articulada aos campos da educação e da poesia, utilizamos fontes documentais públicas e inéditas. As fontes já publicadas se referem aos jornais e revistas paranaenses, a livros dela e sobre ela. As fontes inéditas são as

atas do IEP, os documentos funcionais de Helena Kolody como servidora pública do Estado¹³ e alguns discursos coletados *in loco* no CPFC.

2.1 A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO DE VIABILIZAÇÃO DO PROJETO INTELECTUAL DE HELENA KOLODY

CANTIGA DE RODA

*Ao som de ingênua cantiga,
Gira, ligeira, uma roda.*

*Bailam cabelos de linho,
Brilha a cantiga nos olhos,
Saltam, leves, os pezinhos.
Os grandes cedros antigos,
Também, se põem a bailar:
Cantam os ramos no ar,
Dançam as sombras no chão.*

(Helena Kolody, 1964)

Estar entre os jovens foi sempre uma questão de sobrevivência para Helena Kolody, ao “Girar, ligeira, uma roda” mudam-se os sujeitos, anos e turmas chegam ao fim. Entretanto, “brilha a cantiga nos olhos” e “saltam, leves, os pezinhos”, como um encontro com a felicidade, a satisfação, o amor. O que em larga medida a professora Helena compartilhou com suas alunas.

A rede de sociabilidade construída em torno da educação, diferentemente daquela construída em torno da literatura, foi alimentada pelo itinerário formativo da professora e inspetora que transitou por várias instituições no Paraná, a exemplo dos grupos escolares que sempre a prestigiaram como paraninfa e patrona nas formaturas.

¹³ Esses documentos estavam sob a guarda do Estado e, até o momento, não haviam sido liberados para pesquisa. Talvez, por essa razão, pouco tenha se discutido sobre a atuação de Helena Kolody como professora. A ausência de fontes ou a indisponibilidade das mesmas, de certo modo, pode ter contribuído para a produção de uma representação desta mulher vinculada quase que exclusivamente ao campo da Literatura.

Encontrar mulheres intelectuais que possuem suas bases ancoradas na educação é o mais comum no início do século XX. Entretanto, no caso de Helena Kolody, ocorre um apagamento, na pesquisa, de sua carreira docente. Kolody já fora muito estudada no campo da Linguística, com dissertações e teses sobre seu trabalho poético. Sua vida surge em segundo plano, no entanto, a carreira docente, assim como na imprensa paranaense, só ganha espaço com poucas informações, como se a docência tivesse tido um lugar menor ou um papel secundário em sua vida.

A ausência de fontes de sua vida como professora e inspetora federal do ensino secundário nos motivou a compreender melhor suas contribuições na educação, entre os anos 1930 e 1970 no estado do Paraná. Nesse caminho, foi possível considerar as fontes relacionadas ao campo educacional no qual Kolody atuou como expressão de táticas que mobilizaram a construção da intelectual.

Em suas entrevistas, Helena Kolody fala de sua paixão pelo trabalho: “nasci professora e sempre amei ser professora! a poesia foi um canteiro de flores que nasceu à beira do meu caminho do magistério” (KOLODY, 1998, p. 26). Suas frases poéticas, até mesmo quando concedia entrevistas, principalmente quando estas deixavam claros seus objetivos, enveredam pelo lado da paixão que viveu com o magistério, favorecendo assim a produção de uma representação da professora que se doava pelo amor a carreira, alunos e sociedade. Mas se pode dizer que nem só de paixão ela é constituída, como indicam os documentos funcionais disponibilizados pela Secretaria da Educação do Paraná e que hoje fazem parte da divisão de documentação do Estado do Paraná no arquivo público.

Trabalhar por mais de trinta anos na educação paranaense como professora normalista do Estado e inspetora federal lhe rendeu ganhos financeiros, trânsito em funções diversas e, principalmente, reconhecimento do seu trabalho pelo Estado. Sobre sua formação educacional e sua atuação docente, apesar da paixão, Helena Kolody fala pouco em algumas entrevistas¹⁴, quando tornou-se reconhecida por seu trabalho como poetisa. Sobre sua formação, ela explica:

eu tinha sede de estudar, e em Três Barras, não havia uma escola que prestasse, quem dava aula era a filha do coletor. Minha tia, que era professora primária, veio passar o Natal conosco e foi tomar minha lição, mas eu não sabia nada. Então, ela disse para o meu pai que eu estava perdendo tempo naquela cidade e que eu poderia ir com ela para Rio Negro, se ele permitisse. Fui e fiquei três anos morando com ela em Rio Negro, para tirar o primário. (KOLODY, 1998, p. 23).

¹⁴ Ainda hoje são essas as únicas fontes públicas que estão distribuídas em alguns acervos. Os consultados para esta pesquisa foram o da BPP, do IHGPR e do CEB.

Ao contrário do que muitos pensam, Kolody não nasceu com a vida financeira estável. De modo que ter a oportunidade de estudar, mesmo morando no interior do estado, graças aos grupos escolares do período, para ela foi um “privilégio” que exigiu “muito esforço”:

Eu fiz o primário do tempo em que Prieto Martins, fez a reforma, um dado histórico, este. Então em Rio Negro aconteceu uma coisa que hoje não fazem mais. O Grupo do Rio Negro era um dos melhores do Paraná[...] Então era assim, se a gente dava conta de uma série, no meio do ano a gente passava para a seguinte. Eu fiz o Grupo em três anos. (KOLODY, 1980, p. 19).

Kolody não especifica o ano de sua passagem como aluna do grupo escolar de Rio Negro. Sobre o reformista citado por ela, Miguel (2008, p. 13) escreve que, “em 1920, Prieto Martinez iniciou uma reforma de ensino no Paraná, de base racionalizadora. [...] realocou escolas nos lugares de maior presença da população em idade escolar, proibiu a transferência de professores fora do período de férias, reorganizou os programas e horários[...]”. É interessante compreendermos que as modificações no campo educacional no início do século XX se inserem em um projeto de nação, principalmente na visão política – o que inclui religião – de seus reformistas. A escola normal, como formadora de professores para a nação que se deseja, terá suas bases alicerçadas em várias modificações.

Novos rumos que a Escola Normal irá tomar a partir do início do século XX, pois se constata aqui uma nova concepção de sociedade, de homem e de mundo: a sociedade industrial e o homem que a escola irá formar, como aquele que será o novo trabalhador. (MIGUEL, 2008, p. 10).

Já moça, com 15 anos, ela e a família foram viver na capital, próximo ao centro da cidade. Em 1927, ela entrou para a Escola de Professores de Curitiba, atual Instituto de Educação do Paraná. Sobre sua decisão de ser uma normalista, Kolody (2012, p. 27) relata: “o fascínio pelos livros, me levou a Escola Normal de Curitiba – uma das poucas opções para mulheres que se interessavam pelos estudos, na época.”

Essa frase “uma das poucas opções para mulheres” remete ao início desse capítulo quando discutíamos as opções de ascensão social e profissional das mulheres no Paraná nos primeiros anos do século XX. Em relação ao campo da Educação, estava acontecendo no estado um conjunto de reformas educacionais que deveria dar novos rumos tanto para a escola primária quanto para o ensino secundário. Prieto Martinez se incumbiu das reformas no ensino primário. Segundo Miguel (1997, p. 27),

o governo trouxe para ocupar o cargo de Inspetor Geral do Ensino o então diretor da Escola Normal de Pirassununga [...] É possível identificar, nas idéias que moveram a ação educacional de Prieto Martinez, a lógica racionalizadora do trabalho industrial e a valorização do homem como recurso humano para o progresso da nação.

Mas, com relação à concepção pedagógica adotada pelo ensino normal no Paraná, vemos uma outra influência pedagógica que marca e distingue a educação para os alunos que chegavam a este nível de ensino, mas também apresenta um modernismo conservador que postula novos métodos sem romper totalmente com as heranças da pedagogia moderna do final do século XIX, especialmente de matriz herbartiana. Sobre isso, Miguel afirma (2008, p. 14):

o curso especial compreendia principalmente as metodologias que seguiam a pedagogia de Herbart, e eram ministradas de acordo com os passos formais dessa pedagogia. A leitura de Herbart foi aplicada segundo a compreensão que dela tiveram dois pedagogos argentinos: Patrascoiu e Pablo Pizzurno, os quais Lysímaco conheceu em viagem à Argentina para comercializar erva-mate. Deste modo, se o conjunto da reforma educacional paranaense empreendida por Martinez teve a influência racionalizadora da sociedade industrial paulista nascente, a reforma na Escola Normal recebeu influência mais tradicional, uma vez que a pedagogia de Herbart na visão dos pedagogos citados, era segundo Erasmo Pilotto, bastante ultrapassada. Porém, segundo o mesmo Pilotto, “isso, porém, não deve diminuir a importância da reforma que devemos a Lysímaco Ferreira da Costa”.

Foi nesse cenário educacional, que buscava aliar tradição e modernidade no campo pedagógico, que Helena Kolody se formou. Um dos orgulhos de Kolody era dizer que tinha sido a primeira aluna de sua turma, e até mesmo isto a favoreceu posteriormente em sua carreira. O curso normal era dividido em geral ou fundamental, em três anos, e o curso especial ou profissional, em três semestres. No Quadro 2 estão representadas as notas de Helena Kolody no primeiro semestre do curso especial, do ano de 1930, indicativas não apenas do seu empenho, mas também de algumas das disciplinas que estudou:

Quadro 2 – Notas nos exames finais do curso especial em 1930/1º semestre

1º semestre do curso especial				
Metodologia da Leitura e Escrita	Metodologia Geral	Higiene e Agronomia	Psicologia	Metodologia do Desenho
10	10	9,7	10	9

Fonte: quadro elaborado pela autora com base na ata do IEP de 1930 em posse do APP, 2018.

Metodologia do desenho não teria sido o forte de Helena Kolody, o que ela mesmo ressalta, apesar de ser 9 a sua nota mais baixa. Já metodologia da leitura e da escrita, como já

esperado por ser uma poetisa, tirou nota máxima, assim como em metodologia geral e psicologia, as quais, por curtos períodos, seriam matérias lecionadas por ela posteriormente.

No Quadro 3, estão representadas as notas do 2^a semestre do curso especial, no ano de 1930:

Quadro 3 – Notas nos exames finais do curso especial em 1930/2º semestre

2º semestre do curso especial					
Metodologia de Aritmética	Metodologia de Geografia	Metodologia de Ciências Naturais	Moral e Educação Cívica	Método do Ensino Intuitivo	Metodologia do Vernáculo
10	10	9,8	10	9,3	9,8

Fonte: quadro elaborado pela autora com base na ata do IEP de 1930 em posse do APP, 2018.

Duas disciplinas que posteriormente seriam importantes na sua carreira de docência não obteve a nota máxima. Na disciplina de metodologia de ciências naturais, ficou com 9,8, apesar de esta disciplina ter ligação direta com a biologia educacional, matéria que seria lecionada por Kolody em sua carreira docente. Nessa disciplina, foi uma das poucas que ela não teve o 1^a lugar da turma, ficando abaixo de outras duas colegas. Já na disciplina de método do ensino intuitivo, uma grande questão do momento, que futuramente lhe exigiria um aprofundamento maior na temática, ela foi avaliada com 9,3. Apesar de ser a segunda nota mais baixa da normalista, ainda foi a maior da turma, trazendo também “mérito” à Helena Kolody.

No Quadro 4, estão representadas as notas do 3^a semestre do curso especial, no ano de 1931:

Quadro 4 – Notas nos exames finais do curso especial em 1931/3º semestre.

3º semestre do curso especial			
Metodologia de Música	Ensino dos Trabalhos Manuais	Prática e Crítica pedagógica	Metodologia dos Exercícios Físicos
10	10	9,2	Distinção

Fonte: quadro elaborado pela autora com base na ata do IEP de 1930 em posse do APP, 2018.

Das quinze matérias que Kolody frequentou na modalidade especial do curso normal, percebemos dedicação em todas, com nota máxima em oito disciplinas, sendo 9,0 sua nota mais baixa.

Apesar de Kolody ter se formado em Curitiba e alguns anos depois ter sido professora da mesma escola, sua carreira como professora paranaense passa por alguns entraves: “e quando eu me formei em 1931, fui para Rio Negro, casa da minha tia, porque tinha que ir para o interior;

eu não tinha pistolão.” (KOLODY, 2012, p. 22). Kolody então foi trabalhar em um grupo escolar no interior do Paraná, mesma cidade onde cursou o ensino primário. Seu primeiro cargo foi como professora adjunta.

Fui nomeada para Rio Negro; [...] fui como adjunta da professora América Sabóia; depois vim a diretoria de ensino, e digo por que não saiu minha nomeação? Tem que esperar, porque é que não tem vaga[...] fui a escola normal, o secretário que era sr. Julio da Luz[...] disse: olha Helena, vou dar um conselho, você pegue sua certidão de notas, você foi a primeira aluna da turma,[...] que seu pistolão sejam suas notas [...] No outro mês eu estava nomeada. Quer dizer que também eles sabiam fazer justiça, que eu lá em Rio Negro era desconhecida, filha de imigrantes, não estavam sabendo quem era, assim viram pela nota, assim eu sabia dar conta do meu recado. Daí então, lecionei até o final do ano em Rio Negro, e nesse tempo, e essa certidão de nota me valeu depois por diante. (KOLODY, 1989, p. 23).

No entanto, ser designada para o interior não era um demérito. Segundo Miguel (1997, p. 93), os melhores alunos “[...] foram enviados às outras escolas de professores implantadas, com a missão de reproduzir o que haviam aprendido. Dessa forma, as escolas rurais constituíram-se importante campo de ação dos professores”. Era como um teste e, ao mesmo tempo, uma confiança depositada aos novos professores. Essa parece ter sido uma prática comum para a expansão da renovação educacional, não se restringindo ao Paraná. Segundo Vilela e Gasparello (2009, p. 54), “foi um período no qual observamos o surgimento de uma prática recorrente: a volta dos ex-alunos à instituição como professores, o que contribuiu para fortalecer um processo de formação de um grupo identificado com a docência e com a cultura escolar.” Kolody cumpre sua estada no interior, mas vai aos poucos conseguindo o que desejava de início, que era se estabelecer na capital paranaense, trabalhando na escola onde se formou.

Em 1933, logo após ser nomeada, Kolody acaba herdando a cadeira de um professor em Ponta Grossa, “o professor Erasmo Pilotto[...] veio para cá lecionar, e ficou vaga a cadeira. Como eu tinha sido a primeira aluna me levaram para lá. Com 20 anos eu era professora da Escola Normal de Ponta Grossa.” (KOLODY, 1989, p. 24). O professor Erasmo Pilotto, importante intelectual no meio educacional paranaense, tornou-se colega de Kolody; e ocupar a sua vaga em Ponta Grossa acabou sendo a primeira de algumas vezes que ela o substituiu.

As alunas eram mais velhas que eu, porque tinham 15 mais moça do que eu das 60 [...] elas eram professoras com 15, 20, mais anos de serviço e vieram fazer curso especial; comigo, Então o medo que eu tinha! Estudava até meia noite! Então mandei buscar livros em São Paulo, no Rio de Janeiro, até, através do Rio de Janeiro, na Espanha. Sobre Escola Nova que eu não sabia. (KOLODY, 1989, p. 24).

Além da pouca idade e da responsabilidade que assumira, Kolody tinha a incumbência de conhecer, utilizar e difundir um novo método de ensino. Ela exemplifica:

aquela sempre responsabilidade. Mas ao mesmo tempo o amor pelo magistério, aquelas descobertas de coisas novas dentro do magistério. [...] havia aquele entusiasmo das crianças e tudo de trabalhar, porque era uma escola ativa, chama-se Escola Ativa, onde as crianças, por exemplo: fazer uma redação, não fazia passivamente. Então agora você é repórter, era o método de Munich então elas saiam (KOLODY, 1989, p. 24).

Helena Kolody trabalha nesse período com psicologia: “Em 1933, foi nomeada para reger a cadeira de psicologia e pedagogia da Escola Normal de Ponta Grossa.” (KOLODY, 1976, s. p.). Nesse sentido, é compreensível que cite o método de Munich, o qual fundamentou a renovação da pedagogia católica, mas a escolha desse método é indicativa do seu diálogo no campo pedagógico, uma vez que essa corrente se refere a uma apropriação católica do movimento escolanovista. Orlando (2008, p. 196), em sua análise sobre os livros didáticos de catecismo do padre Álvaro Negromonte, o qual também fez sua leitura do movimento escolanovista com base neste método, elucida:

método Munich, indutivo, também chamado de método psicológico. A este [...] estão ligados todos aqueles que defendem o ensino religioso de acordo com os avanços da pedagogia moderna e não se abstém da influência de outros métodos modernos como os centro de interesse de Decroly, o método de projetos de Montessori, a educação funcional de Claparède.

Essa leitura católica da escola nova possui uma marca de diálogo com o novo, com o moderno, especialmente pela psicologia, mantendo a indução que é uma das características da pedagogia de Herbart, não rompendo totalmente com modelos pedagógicos anteriores. Ao contrário, havia nesse modelo uma junção de concepções que buscava extrair de cada uma aquilo que oferecessem de melhor. Do ponto de vista prático, em outra entrevista Kolody (1998, p. 26) exemplifica como a redação poderia ser trabalhada nesse método ativo:

em Ponta Grossa, eu fui professora de metodologia e, naquele tempo, as crianças viam as coisas passivamente [...] eu estudei e aprendi um método ativo. Então, chegava na sala, pegava os alunos e dizia “Agora vocês são repórteres e vão fazer uma entrevista, sem barulho”. Eles saiam de lápis e papel na mão e iam entrevistar a diretora, a cantineira ou alguém que estava entrando na escola, uma porção de gente... Enchiam, às vezes, duas páginas e traziam para sala de aula.

Kolody traz em sua carga de memória a atuação com o método ativo como um importante fator no início de sua carreira. Ter tido esta formação e poder mediá-la na formação

de professores demonstra sua articulação com seu tempo, pelo alinhamento com os projetos pedagógicos em voga. Ainda sobre o método ativo, Miguel (1997, p. 92) escreve:

a pedagogia da Escola Nova consolidou-se na formação do magistério[...] dava-se relevância ao aluno como centro do processo de ensino-aprendizagem, à metodologia ativa, à ação educacional pautada nos avanços científicos da Psicologia, da Biologia e da Sociologia.

Psicologia foi a primeira disciplina que Kolody ministrou. Entretanto, posteriormente, a biologia educacional seria seu campo mais atuante. O período em Ponta Grossa terminou em 1937, ano em que ela retornou à capital: “Em 1937 passou a lecionar na Escola Normal de Curitiba, estabelecimento onde foi professora 23 anos” (NOTAS..., 1976, s.p).

Nesse período, no IEP, Kolody teve a oportunidade de conviver com diferentes pessoas, professores e alunas, mas também retomou o seu círculo de convivência de quando era normalista. A análise dos seus documentos funcionais, de 1943 a 1961, indica sua ascensão profissional na capital, com passagem por diferentes cargos e funções, o que paulatinamente foi tornando-a cada vez mais reconhecida no campo educacional. Ser professor, segundo Vilela e Gasparello (2009, p. 56), era

uma profissão intelectual que não os afastava do grupo de letrados, mas que agregava uma conotação específica – o ofício de ensinar – com suas funções correlatas: produzir livros didáticos, relatórios, participar de bancas de exames, respondendo ao desafio constituído por demandas institucionais, burocráticas, pedagógicas e sociais que confluíam para o campo do ensino.

De professora normalista de 2ª classe da escola de professoras da capital passou à professora catedrática do ensino médio padrão U¹⁵ na disciplina de biologia educacional. E dentre as funções que desempenhou no auge de sua carreira no IEP, podemos destacar: avaliadora de concursos para professor auxiliar, parecerista de cartilha, fiscal das escolas normais livres, parecerista sobre organização do ensino normal no estado e assistente técnica em substituição de Erasmo Pilotto, cargos importantes na organização do campo educacional, que pouco são destacados em sua trajetória. Todavia, é importante ressaltar que, se Kolody não os utilizou como bandeira de luta em defesa de projetos educacionais, tampouco podemos considerar sua presença nesses espaços como algo sem muita expressão. Talvez, sua presença tivesse o sentido da modernização conservadora, assegurando a viabilidade de determinados

¹⁵ Referência, por ordem alfabética, de evolução salarial em plano de carreira.

projetos e orientações no campo pedagógico de maneira moderada, sem grandes enfrentamentos. Sua orientação católica e alinhamentos com pares desse grupo representava um leque de escolhas e encaminhamentos consoantes com projetos que visavam modernizar sem romper com a ordem estabelecida. A idoneidade, representatividade e boa articulação de Helena Kolody com a intelectualidade paranaense, sobretudo curitibana, o alto prestígio que foi construindo e a delicadeza no trato pessoal lhe permitia ser ouvida sem maiores questionamentos.

Kolody declarou em algumas entrevistas a matéria que lecionara: “sempre lecionei biologia, há coisas mais fascinantes que a vida?” (KOLODY, 1980, p. 20). O amor à disciplina de biologia é perceptível em sua poesia. A dificuldade com a disciplina de literatura, no entanto, é uma surpresa,

eu nunca fui professora de Literatura. Lecionei Biologia. Tanto que, se você fizer uma sabatina de Teoria Literária, eu tiro um zero bem redondo. [...] A poesia só me serviu para chantagear minhas alunas. Eu dizia: se fizerem um exercício tal de genética, eu declamo um poema para vocês. Elas adoravam. (KOLODY, 1985, p. 5).

No IEP, além de Kolody ter sido professora de biologia educacional foi também de geografia do Brasil e geral, anatomia e metodologia. Aposentou-se pelo Estado em 1961, mas ainda atuou alguns anos como inspetora federal do ensino secundário,

paralelamente as atividades do magistério, exerceu as funções de Inspetora Federal do Ensino Secundário, após ter sido aprovada em concurso de títulos e provas do DASP. Nessas condições prestou serviços junto a diversos estabelecimentos de ensino secundário em Curitiba; exerceu as funções de Secretária do Fundo Nacional de Ensino Médio e mais tarde as de Inspetora Itinerante da Inspeção Seccional de Curitiba. (NOTAS..., 1976, s.p).

Por meio dos acompanhamentos, das fiscalizações e dos relatórios, Kolody pôde participar, do outro lado, de uma forma igualmente ativa, do desenvolvimento da educação no Paraná até a década de 1970. Referente à importância desses documentos, Miguel (2008, p. 1) esclarece: “estes documentos oficiais sejam eles leis ou relatórios dos presidentes da Província, e mais tarde dos governadores do Estado, bem como os relatórios dos inspetores, manifestam a visão institucional [...]”.

Sobre o ingresso nesse cargo, era necessária uma titulação acrescida de aprovação no concurso. Para Kolody, o que valeu foi já ter publicado seu primeiro livro de poesias em 1941: “O Inspetor na época era o professor padre João Camargo. Ele aconselhou-me e orientou-me

para o concurso. Então inscrevi no MEC o meu livro paisagem interior como título. Foi o que me valeu.” (KOLODY, 1980, p. 19).

Os trabalhos de Kolody ao IEP foram reduzidos desde o ano de 1952, até que, em 1958, seus dados funcionais trazem o termo “cooperativa mixta”, referindo-se a sua atuação como professora com apenas duas aulas semanais de biologia educacional e o cargo de inspetora federal. Em 28 de Agosto de 1961, Ney Braga e Mario Braga Ramos assinam a aposentadoria de Kolody como professora do Estado do Paraná. A essa altura, ela já era uma figura pública de relevo na cultura paranaense. Paralelamente ao ofício docente, escreveu poesias e as publicou nos jornais, teceu redes no campo da educação e da literatura, marcou sua geração pela sensibilidade estética de sua poesia e fez ecoar na cena pública uma voz feminina entre dois ofícios: o de escritora e de professora.

Helena Kolody sempre escreveu. Desde sua adolescência já era conhecida por seus próximos como poetisa, mas soube pelo seu pai a importância da instrução. Percebeu que ser professora era um caminho de sustento financeiro. Mostrou poder quando utilizou de seu desempenho como primeira aluna de sua turma para ser nomeada professora pelo Estado e para ir mudando de cidade até retornar à capital, à escola que a formou, o IEP.

Kolody atuou em um magistério marcadamente feminino, mas, em sua maioria, comandado por homens. Seus caminhos se cruzaram algumas vezes com Erasmo Pilotto e, por força do acaso ou não, sua aproximação com este intelectual lhe rendeu algum prestígio. Se as duas vezes que substituiu o professor parecem ter sido uma feliz coincidência, não podemos esquecer que, em ambos os casos, eram cargos preenchidos por indicação. Para Vilela e Gasparello (2009, p. 56),

uma situação que leva a marca da sociedade hierárquica e dominada por homens: as professoras situadas em patamar inferior ao status de intelectuais, sendo principalmente reconhecidas pela maior ou menor proximidade social com os indivíduos que se notabilizavam por funções de autoridade política ou intelectual.

Helena Kolody participou da história do ensino secundário do Paraná e é notório o apoio que recebeu de alguns homens intelectuais representativos de diferentes grupos, como o padre João Camargo e o professor Erasmo Pilotto. Esses contribuíram não apenas para que ela ocupasse um lugar de destaque no campo da educação, mas também como tática de legitimação para o seu reconhecimento no campo intelectual.

Seus primeiros livros foram publicados por conta própria e ter usado seu primeiro livro de poesia como produção intelectual no concurso da Inspeção Federal do Ensino certamente

ampliou sua circulação em outros circuitos, possibilitando maior respaldo da autoridade intelectual.

Podemos dizer que a trajetória profissional de Helena Kolody fez convergir docência e letras à mesma carreira. Segundo Vilela e Gasparello (2009, p. 55, grifo nosso),

os intelectuais/professores além de **atuarem no magistério publicavam diferentes gêneros literários** [...] O grupo dos professores que atuavam no ensino secundário e superior circulava em estruturas de sociabilidade geridas no interior das instâncias educacionais, culturais e administrativas.

Infelizmente, apesar de toda contribuição prestada ao IEP, a escola relata que as possíveis fontes estavam em posse do APP, mas ainda não disponível à pesquisa, o que demandou conseguir autorização da SEED para manipular toda a documentação de Helena Kolody que está sob a guarda do arquivo. No entanto, é notório que as Atas da escola já haviam sido manipuladas pois praticamente não há registros da sua atuação, exceto por uma única ata, datada em 09 de outubro de 1952, na qual Kolody, ao assumir a direção do IEP, escreve ao sr. Roberto Accioli, diretor, à época, do ensino secundário, do Ministério da Educação e Saúde, com sede no Rio de Janeiro:

Sr. Diretor. Tenho satisfação de comunicar-vos que estou respondendo pelo expediente deste ginásio, em cumprimento de vossas determinações. Peço permissão para certificar-vos de que sou professora do curso normal deste estabelecimento, conforme comuniquei por telegrama, consultando se há incompatibilidade funcional. Enquanto aguardo a solução que vos solicitei, estou assinando as guias de transferência mais urgentes. Sirvo-me deste ensejo para reiterar-vos meus protestos de alta estima e distinta consideração. Helena Kolody. (INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ, 1952).

A falta de documentação sobre a sua atuação como docente nos levou a entrar em contato com a família a fim de encontrar algumas respostas, como, por exemplo: onde estão todos os cadernos dos planejamentos e das escritas, utilizados em sala, e os relatórios que escreveu em função do cargo de gestão que ocupou no IEP? Ainda sem respostas, a família relata, entretanto, que tudo já foi distribuído e doado em vida, nos apoiando nas tentativas de elucidar também a carreira docente da poetisa. Uma das poucas pistas que nos fica é uma educação fortemente pautada pela “mobilização ou afetação dos sentidos”, alinhada com o que Oliveira (2017, p. 22, grifo nosso) traduz em relação ao método intuitivo:

Fundamentalmente o método intuitivo, que seria uma das pedras angulares de um movimento de renovação pedagógica que, genericamente, ficou conhecido como **Escola Nova**. Desde o seu lançamento no Congresso Internacional Pedagógico de

Bruxelas, no início da década de 1880. Em todo o ideário do movimento de renovação pedagógica a educação dos sentidos aparece com grande destaque, **sempre atrelada ao entendimento da criança como ser ativo, o que motivaria a exploração das suas experiências e o papel do professor como um estimulador**, às vezes dispensável, daquelas. Logo, o desenvolvimento da inteligência e, sobretudo, da moral, **decorreria da exploração adequada da natureza pela mobilização ou afetação dos sentidos**.

Portanto, o que nos acalentou, de certo modo, a continuar a discutir a carreira docente, para além dessa ausência de informações, foi o fato de ter encontrado um braço deste corpo ainda disperso da documentação, braço este que nos é muito caro e talvez seja uma das fontes que mais contribuem para o estudo do pensamento intelectual de Helena Kolody. São diferentes discursos, todos já digitados, em posse do CPFC, os quais abordaremos a seguir.

2.1.1 Os discursos de paraninfa como vestígios de um caminho percorrido

NUNCA E SEMPRE

*Sempre cheguei tarde
ou cedo demais.
Não vi a felicidade acontecer.*

*Nunca floresceram
em minha primavera
as rosas que sonhei colher.*

*Mas, sempre os passarinhos
cantaram
e fizeram ninhos
pelos beirais
do meu viver.*

(Helena Kolody, 1991)

Kolody sempre faz analogias com o seu projeto e a sua carreira docente. Ela fala que o magistério foi a escolha e a poesia o canteiro de flores no caminho; apesar disso, ela cita que “nunca floresceram em minha primavera as rosas que sonhei colher”. Embora se agradar com

“os passarinhos cantaram e fizeram ninhos pelos beirais do meu viver”, demonstrando a importância de suas alunas neste percurso.

A fonte privilegiada, neste texto, são os discursos realizados no âmbito educacional paranaense como paraninfa de formaturas, que hoje fazem parte do acervo do CPFC. Segundo Vilela e Gasparello (2009, p. 48, grifo nosso), “a Historiografia contemporânea na perspectiva cultural tem sublinhado que as **palavras** não são unicamente um reflexo (descrição ou representação) da realidade, mas **são instrumentos que produzem e que transformam a realidade**”.

Mesmo que estes textos não tenham sido publicados como uma autobiografia, fazem parte de uma exposição na qual a intelectual se colocou como exemplo. Nesse caminho, é interessante analisar tais discursos como constituintes da intelectual, que quando fala de si, revela como se constrói para o seu público: alunos, leitores e pares.

No contexto estreito entre a religião católica e a formação educacional, as primeiras décadas do século XX trazem consigo uma agitação muito grande no Brasil, da qual política e religião aproximavam-se e afastavam-se conforme os interesses e reivindicações daqueles que obtinham o poder. No centro deste “cabo de guerra”, estava a educação como o melhor veículo de projetos para a nação.

A educação escolar era percebida pela hierarquia clériga católica como capaz de contribuir para a romanização e para recuperação da hegemonia católica, auxiliando a Igreja a iniciar o processo que será conhecido na história eclesiástica brasileira como “restauração”. (MESQUIDA, 2006, p. 10).

Dessa maneira, como o Estado se declarou laico, separando-se da igreja a partir da proclamação da república, a reivindicação entre os católicos passa a ser a de que a educação pública brasileira ainda tenha uma instrução na fé, através do ensino religioso.

Será exatamente a promessa do apoio da Igreja em nível nacional que fornecerá a Francisco Campos o argumento político capaz de convencer Getúlio Vargas e levá-lo a assinar o decreto de introdução do ensino religioso nas escolas públicas. (HORTA, 1994, p. 104).

Apesar de diferentes movimentos dentro do Estado e seu projeto de nação, católicos sempre estiveram no poder, seja pela força da população seja pela mediação de políticos claramente intencionados a trocar favores com a igreja. Horta ainda explica que (1994, p. 100), “Na prática, ensino religioso equivalia a ensino da religião católica.” No contexto paranaense,

pouco se modificava, pois o catolicismo na educação era predominante. Sobre a década de 1920 e o contexto educacional no Paraná, Miguel (1997, p. 20) destaca:

Caetano Munhoz da Rocha, então governador do Paraná, era católico praticante e Lysimaco Ferreira da Costa também professava o catolicismo. É possível que esse fato explique o motivo pelo qual os professores do Ginásio Paranaense (na maioria considerados livres-pensadores) não continuaram a lecionar no curso de Magistério, após a implantação da reforma. Para as aulas da Escola Normal Secundária de Curitiba foram chamados professores recém egressos do curso de magistério.

Com os movimentos de renovação e o advento da escola nova no país, intelectuais começaram a se reunir na defesa de seus ideais. Segundo Horta, havia duas correntes do pensamento católico brasileiro, uma conservadora e outra progressista. Para atender os interesses de “ordem”, Estado e Igreja, acabavam se aliando. “Vargas ‘recupera’ aqui os valores ligados à religião e à família, elementos fundamentais do autoritarismo estadonovista.” (HORTA, 1994, p. 109).

A educação entra neste espaço de interesses, bem como os professores, que serão responsáveis pela execução dos projetos de maneira direta ou indireta. Para Mesquida (2006, p. 9), “percebe-se, portanto, uma clara preocupação não somente com a formação de professores católicos, mas também com a sua presença no aparelho escolar a fim de exercer a influência almejada pela Igreja.” Uma das ações de restauração da hegemonia católica teve a ação de,

Jackson de Figueiredo intelectual convertido ao catolicismo- cria em 1921, a revista A Ordem e no ano seguinte o Centro Dom Vital, sendo esses órgãos a primeira expressão leiga da reação católica contra os ideais socialistas e liberais [...] Em 1928 Alceu Amoroso Lima assume a presidência, abandonando a tendência Até então política [...] para se empenhar numa linha religiosa e filosófica. Nesse período, mais precisamente a partir da constituição de 1934, a igreja se vincula novamente ao estado. (RODRIGUES, 2005, p. 138-139).

No Paraná, tal movimento de restauração católica contou com o apoio de um laicato dentro de um projeto de romanização. Para Campos (2010, p. 18), nesse estado “[...] o grupo intelectual católico estava em sintonia com o projeto nacional. As suas intervenções perpassaram pelos espaços da escola, da imprensa, dos centros de cultura e dos poderes públicos.”

É perceptível que a Igreja sempre esteve no centro político e a educação foi o palco da disputa de poderes e apoio social. Nesse contexto histórico é que muitas normalistas se formam e começam a atuar e Helena Kolody é uma delas, em sintonia com o projeto de nação instituído no período, que aliava Estado e igreja, ainda que oficiosamente, pela educação. No caso do Paraná, essa aliança informal e aparentemente sutil pode ser vista no fato do governador

Caetano Munhoz da Rocha e do diretor do IEP, Lysimaco Ferreira da Costa professarem abertamente a fé católica.

Essa marca na sua formação católica além de possuir um sentido político permite compreender o desenho, que constrói para suas alunas, de uma vida construída pela obstinação, sacrifício e resiliência, da qual ela mesmo podia ser tomada como exemplo. Nessa produção discursiva, Kolody foi um modelo pedagógico muito utilizado pela Igreja – a pedagogia do exemplo – especialmente em relação à vida dos santos. Às normalistas formandas, ela disse: “espero que não julgueis que vossos estudos se acabaram. Agora é que realmente eles começam. Apenas aprendeste a estudar. E nós procuramos dar-vos o gosto do estudo.” (KOLODY, 1956b). Sobre o período na Escola Normal ela relata em entrevista a Valfrido Piloto:

minha tia Rosa era professora. Quando estive estudando no grupo, já tinha vontade de ser professora também. Aqui em Curitiba, quando entrei na Escola Normal, foi um Sacrifício. Eu morava na rua Itupava e vinha a pé, a rua era de lama. Isso em 1928, o quadro urbano acabava no grupo Zacarias, o resto era barro, nem luz elétrica, nem água encanada havia naquela época [...] (KOLODY, [19--]f, p. 33).

Percebe-se, nessa fala, como em algumas já citadas, a importância de ter pessoas que apoiassem a busca pela formação educacional no período. Para Helena Kolody foi sua tia, bem como seus pais, já que se mudavam de local segundo as necessidades familiares de cunho formativo educacional para seus filhos. No estado do Paraná, em 1922, Lysimaco Ferreira da Costa expõe seus pensamentos diante da importância da formação feminina na Escola Normal:

preparar a mulher paranaense que, à frente da sua escola será a continuadora da mulher-mãe que lhe entrega o filhinho querido para que seja guiado ao deixar o doméstico e santo lar, o cálido e terno regaço maternal, e iniciar-se ao cenário inquieto e ruidoso da escola, em que, somente, a suavidade e afeição da mulher-mestra poderão tornar menos sensível essa primeira e brusca transição da vida social da criança. (COSTA, 1987, p. 120).

Posteriormente, em seus discursos, percebemos que Kolody compactuava, ou ao menos reproduzia, a visão de Lysimaco, mesmo sendo professora há mais de dez anos: “O magistério é uma doação constante de si mesmo. Dareis todos os dias, uma parcela de vossa vida, a melhor parcela da vossa mocidade.” (KOLODY, 1942, n.p). E ainda aconselha as normalistas a serem obedientes, determinadas e patriotas:

Sede apóstolos. O progresso se faz com a audácia dos bandeirantes, que rasgavam caminhos na floresta, deparando com obstáculos imprevistos e inesperadas riquezas, e, no entanto, sabiam criar os processos indispensáveis às necessidades do momento. Sede bandeirantes. (KOLODY, 1942, p. 2).

Kolody dá a ver, dessa maneira, que a formação que recebera, alicerçada no patriotismo e catolicismo, foi efetiva a ponto de convencê-la de que era a melhor maneira de se viver em sociedade e de dar respostas, ao seu tempo e às demandas que ele trazia, com coragem. Estaria ela falando de si mesma? Por sua atuação no IEP e como inspetora federal do ensino secundário, Helena Kolody foi constantemente convidada para ser paraninfa das formaturas no estado, mesmo de escolas nas quais não ministrava aulas e cultivava nas alunas a prática do aconselhamento sempre que sentissem necessidade.

Se as tempestades do mundo se abaterem sobre vós e vos encherem de espanto ou de dor, abrigai-vos, por um momento, no porto seguro deste colégio. Elas estão aqui, as vossas mestras queridas, no seu alcandorado mister de servir. Aqui encontrareis a palavra amiga, o conselho prudente. Daqui saireis de ânimo alegre e alma retemperada. (KOLODY, 1953, n.p).

Assim como orientava, Kolody também buscou os conselhos daqueles que considerava que poderiam lhe ajudar. Foi assim que conseguiu ser aprovada no concurso para a inspetoria federal, depois de seguir o conselho de um padre amigo. Católica, ela frequentava as missas na capela do Bom Jesus, na praça Rui Barbosa, toda semana. Isto porque,

a expansão da igreja católica no Paraná foi uma realidade no transcorrer do período, quer no sentido espiritual, quer no material, pela extensão de paróquias e pela disseminação dos colégios e pelo incremento das solenidades religiosas [...] favorecida pela presença de imigrantes que, majoritariamente, participavam dessa expressão de fé. (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001, p. 90).

O cargo na inspetoria contribuiu financeiramente para a vida de Helena Kolody, visto que seu pai acabou falecendo cedo e a ela coube ajudar no sustendo da família. Outra contribuição que acabou resultando dessa prática de buscar orientações e ajuda foi a “publicação” de seus primeiros livros, custeados por ela e confeccionados com a ajuda de alguns amigos. No ano de 1942, surge o primeiro e assim ela conta:

O meu primeiro livro, “Passagem Interior”, eu pensava em publicar porque meu pai ia fazer 60 anos e queria lhe fazer uma surpresa. Naquele tempo na Escola Técnica do Paraná tinha um professor, o Lauro Medeiros, que era muito amigo dos jovens escritores. Então, fui até ele perguntar o que precisava para publicar meu livro de poesias. Os alunos aprendiam artes gráficas, mas produziam apenas um mostruário. Como eu queria que ficasse perfeito, eu acompanhei o processo, inclusive comprando o papel- pergaminho de quarenta quilos, sem marca d’água. Fizeram quatrocentos livros e me enviaram para outro lugar, para costurar e fazer a capa- que foi obra de minha amiga Euvídia Leite. (KOLODY, 1998, p. 29).

O período é datado de uma intensa discussão sobre os anseios da educação feminina. Sobre esse ponto, seu discurso, apesar de fortemente marcado pelo catolicismo, estimula as normalistas a conquistarem seu espaço na sociedade que se apresenta diante delas: “mas há uma sombra de gravidade em vossos olhos. É que sabeis que, embora a **terra de Canaan** se estenda prodigiosa diante de vós, é preciso conquistá-la.” (KOLODY, 1956b, p. 1, grifo nosso). Em escolas confessionais, Kolody não mudava seu discurso, mas o modulava e, Deus era citado mais claramente como única solução para os problemas da humanidade, como a referência a não se perder de vista.

Meus jovens amigos: ‘vos sois o sal da Terra’, ‘vos sois a luz do mundo’ como disse Cristo a seus próprios discípulos. Mas um mundo melhor em Cristo é com Cristo! Não renegueis nunca a boa semente do Cristianismo que este educandário semeou na terra fértil de vossas almas. (KOLODY, 1965, p. 3).

Os discursos eram dotados de intensa relação com o sentimento religioso, tanto que um deles foi considerado como uma “oração proferida” quando foi paraninfa do Ginásio São José, em Curitiba, no ano de 1953: “É o trabalho dos mestres, sobretudo o das dedicadas irmãs, que hoje brilha em flores nesta solenidade. A floração é magnífica. Queira Deus frutifique em pensamentos e ações, num clima de virtudes cristãs.” (KOLODY, 1953, p. 1). Era um momento de verdadeira catequese, conforme constatamos na continuação do discurso:

vezes sem conta, a ciência profana afastou as almas da verdade divina. O espírito do mal não dorme. Onde Deus semeia o trigo, sempre o demônio procura semear o joio. Deus dá a inteligência; Satã, sorrateiro derrama na seara a cizânia do orgulho. E grandes inteligências orgulhosas têm se precipitado no abismo das trevas. (KOLODY, 1953, p. 2).

Discursos estes que contemplavam todas as formandas, independente de sua dedicação ao lar ou ao trabalho: “Estudai, sim. Estudai muito. Estudai sempre. Seja, porém, vosso estudo iluminado pela Eterna Luz que vem do alto [...] A vós que pretendeis dedicar-vos à vida do lar, eu lembraria aquele conselho de Jesus. ‘vigiai e orai’.” (KOLODY, 1953, p. 2). Helena Kolody, como era de uma família de ucranianos, aparenta ter empatia com a presença dos imigrantes na educação do Paraná, como a mesma relata: “acertei na vocação, segui o meu chamado e a esta profissão dediquei minha vida. [...] encontrei, entre minhas alunas, descendentes de vários povos: poloneses, alemães, italianos, árabes e portugueses.” (KOLODY apud ZANETTI, 2012, p. 27). Dessa maneira, Kolody expõe o trabalho como professora a partir de uma “vocação”, o que entendemos como sendo uma construção social e cultural pelas experiências as quais esteve

exposta e pelo próprio repertório do período em relação ao magistério, sobretudo, o magistério primário:

o verdadeiro Mestre, no vosso caso, a mestra autêntica, possui, além da sólida preparação profissional, um conjunto de qualidades que agrupamos sob o nome genérico de ‘vocação’ o imponderável tesouro interior que marca o mestre autêntico, o amor profundo ao magistério, aquele amor que não mede sacrifícios e nem marca em minutos o tempo de sua dedicação. (KOLODY, 1956a, n.p).

Com isso, ela produz uma visão positiva de sua carreira como professora por ter sido conduzida por essa “vocação”. É fato que tal postura remete a um perfil mariano, por Kolody (1953, p. 3) citado: “e sempre, desde Eva e de Maria, as mulheres representaram um papel decisivo, tanto na perdição, como na salvação dos homens. A mulher é a força e a integridade do lar, sua pedra angular e sua viga mestra; sua bússola e seu leme.”

Kolody apresenta, em suas falas, um perfil plural pela quantidade de temas sobre os quais opina e, ao mesmo tempo, híbrido pelo modo de se adequar ao perfil do grupo a que fala. A ideia de paixão, no entanto, é associada à profissão como missão e vocação: “se a missão do professor sempre foi excelsa, hoje, mais do que nunca, ela se agiganta e diviniza” (KOLODY, 1942, p. 1); “a importância do trabalho que elegestes agiganta vossas figuras até as iluminadas proporções do heroísmo” (KOLODY, 1968, p. 1). Mas, nem só de vocação se fazia esta profissão. Era necessário empenho, dedicação, atualização permanente para realizar o trabalho de modo a ter sentido para si mesmas:

O próprio professor necessita renovar-se constantemente, atualizar o seu saber. [...] Não vos descuideis desse aprofundamento cultural e dessa renovação constante. A rotina é um empobrecimento interior, uma espécie de morte por letargia. [...] Não necessitam de outro patrimônio que o da boa vontade, nem de outra arma que a sua inteireza moral. (KOLODY, 1956b, p. 4).

Kolody ressalta, ainda, com muita clareza, seu entendimento sobre a contribuição que poderia dar à sociedade, por meio da educação, e orienta suas formandas a uma determinada direção. Estas deveriam se incumbir da tarefa de formar a inteligência dos futuros cidadãos de modo que fossem “livre de preconceitos” e que prezassem pela “verdade”. Para isso, como educadoras deveriam cultivar um forte “senso de justiça” e ter a sensibilidade necessária, pois dessa forma conquistariam seus alunos. Mais uma vez, Kolody nos deixa pistas dos caminhos de construção de si mesma no exercício docente.

As grandes realizações requerem a soma gigantesca de milhares de pequenos esforços anônimos. [...] Formai em vossos alunos uma inteligência livre de preconceitos, que

se curve com respeito ante a verdade, onde quer que ela brilhe[...]O bom educador deve ter um agudo senso de justiça...O sentimento de justiça, revestido da necessária sensibilidade, cativará a simpatia do aluno. (KOLODY, 1958).

Entretanto, como a educação foi utilizada por Kolody para o sustento financeiro de sua vida e de seus sonhos, em sua fala chama atenção também para esse aspecto que, em muito se associa com a história das mulheres: “Sedes modestas e desprendidas. A mulher tem a tendência a preocupar-se demais com o aspecto utilitário da existência e facilmente se deixa levar pela ambição das riquezas. Talvez, porque sobre seus ombros repouse o equilíbrio econômico do lar.” (KOLODY, 1953, p. 2).

Todavia, a tônica de seus discursos parece ter como foco privilegiado a orientação existencial, moral e pedagógica. Para Trindade (1996, p. 50), “[...] em todos esses espaços, em todos esses momentos, para as mestras, mais do que para as alunas, há sempre a preocupação com a moral e os sentidos.” Podemos dizer que, nesse aspecto, a sutileza e o estilo que Helena Kolody empregou em todas as suas ações, resultantes dessas duas faces conjugadas – professora e mulher católica – foi essencial para sua constituição e/ou aceitação intelectual, assim como o livre trânsito que exerceu entre diferentes grupos sociais.

Que a sombra de Deus vos acompanhe como aquela nuvem que acompanhou o povo eleito em sua longa peregrinação em busca da Terra prometida: nuvem que era sombra protetora durante o dia e coluna de fogo a iluminar a noite[...] E, ao fim da jornada, quando avaliardes o esplendor das colheitas em vossa seara humana, possa cada uma de vós dizer de todo o coração: Valeu a pena viver! Bendito seja Deus! (KOLODY, 1968, p. 4).

Sabe-se, portanto, que ter uma formação familiar católica pesou muito na sua personalidade. Manter esta fé a fez ser aceita pelos educadores do período que também a professavam; e utilizar deste posicionamento em seus discursos acabou por construir a representação de mulher dedicada, com retidão e sensível.

Sedes alegres impregnai-vos dessa alegria santa que sobe dos corações puros e das consciências tranquilas dessa inefável alegria que aureola o dever cumprido, a caridade perfeita, a beleza inocente. Deus, quando fez as rosas e os pássaros, decerto estava sorrindo. Sois como as rosas e os pássaros. Que vossa alegria seja um reflexo do sorriso divino. (KOLODY, 1953, p. 2).

Helena Kolody não foi uma militante declarada a favor do catolicismo, mas seus discursos eram impregnados destes valores, como podemos verificar em alguns trechos: “tende sempre à flor dos lábios uma palavra de estímulo, de consolo, de perdão.” (KOLODY, 1956b, p. 4); “[...] a vossa alegria já me une o coração como um óleo santo.” (KOLODY, 1958, p. 1);

“meus caros afilhados: Deus abençoe o caminho de seus passos e inspire suas decisões, em todas as circunstâncias da vida.” (KOLODY, 1964, p. 2). Sutilmente, Kolody acabava evangelizando e sendo um braço da igreja na escola pública, principalmente na formação das futuras professoras e mães da sociedade paranaense.

Entendemos que sua atuação não se reduziu à religiosidade, mas certamente sua expressão de fé produziu uma sensibilidade sempre exposta em seus discursos. E, pela sua própria fala, podemos dizer que Kolody tinha consciência do papel social que exercia. Como ela mesmo expõe: “a professora deve possuir uma personalidade amadurecida e bem equilibrada, pois sua missão mais alta é a de contribuir para a formação da personalidade de seus alunos.” (KOLODY, 1968, p. 3).

Seu posicionamento religioso pode ser visto em sua vida de obediência, sensibilidade e doação em suas diferentes profissões. Ela não casou e não teve filhos, mas usufruía da docência como uma forma de exercer sua “vocação” maternal com suas alunas. Leigas ou não, as professoras ajudaram na manutenção de uma ordem que favorecia a política e a igreja em seus projetos, especialmente quanto ao monopólio de poderes que se consolida pela educação, pela orientação das almas. Vejamos um claro exemplo:

a pouca densidade de valores morais criou n’alma do homem moderno aquele centro de baixas pressões para onde as tempestades se precipitam. A concepção materialista da vida esvaziou a personalidade humana dos valores eternos, que lhe davam densidade. E as tempestades que se acumularam na alma humana estalaram fragosas e vieram convulsionar a face do mundo. Porque toda modificação externa, na ordem dos acontecimentos, tem como antecedentes uma transformação interna, na ordem moral. A desorientação individual traz a desorientação coletiva. A miséria do mundo é um reflexo da miséria do homem. (KOLODY, 1956b, p. 2).

Segundo Vilela e Gasparello (2009, p. 48), “as formas de pensar e agir dos intelectuais/professores com base em um contexto histórico e cultural específico constituem-se como problema que pode ser situado nos domínios da história da educação em diálogo com as contribuições de uma nova história intelectual.” Nem a docência e nem as ações no âmbito do pensamento educacional brasileiro foram seu projeto intelectual, mas o favoreceram, sendo veículo para difusão de suas poesias, sustento financeiro e campo político.

Para além da paixão, mas chegando ao poder, ser professora e inspetora do ensino secundário na trajetória de Helena Kolody significou, dentre outras coisas, inserção social e política, sociabilidade intelectual, sustento financeiro e meio material. O que tornou possível a materialização de sua obra poética publicada em livros, culminando com o reconhecimento desta escrita pelo campo entre os anos de 1985 e 1992.

2.2 A PRESENÇA DE HELENA KOLODY NO CAMPO CULTURAL PARANAENSE

CONVERGÊNCIAS

*Convergem as vidas
que a dor aproxima.*

*Antenas sensíveis
permutam mensagens.
As almas desnudam
cruciantes feridas.*

*Depois da partilha,
o fardo é mais leve,
mais claro o caminho.*

(Helena Kolody, 1980)

Convergir é o ato de se aproximar em um caminho, para Helena Kolody com a “partilha o fardo é mais leve”, e o percurso “mais claro”, neste sentido se associar e estar em meios culturais foram de extrema relevância para sua trajetória. No Paraná, o nome de Kolody está associado a várias instituições de cunho educacional e cultural. Aquelas que em vida foram visitadas ou frequentadas por ela, mesmo que minimamente, possuem um acervo com seus escritos, suas fotos, seus livros e sua representação na imprensa. Segundo Fontes (2012, p. 211),

entre outras, Helena Kolody integrou, luminosamente, as seguintes instituições: Academia Paranaense de Letras; Academia de Letras José de Alencar; Academia Feminina de Letras do Paraná; Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana; Sociedade Ucraniana do Brasil; Academia Rio-Grandense de Letras; Casa do Poeta, de São Paulo; Confraternidad Universal Balzaciana, de Montevideú; Casa Del Artista; Instituto de Cultura La Plata, de Montevideú; Centro de Letras do Paraná; Centro Paranaense Feminino de Cultura; Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná; Centro Brasileiro de Cultura, de Curitiba; Instituto Brasileiro de Cultura, do Rio de Janeiro; Clube de Poesia, de Campos, Rio de Janeiro; Centro Cultural Humberto de Campos, de Vitória; Associação de Cultura Guiratinga, Minas Gerais; Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê; Clube Curitibano.

Diante do exposto, concluímos que a participação em instituições ultrapassou o Paraná, apesar de Kolody relatar que não pretendia sair de seu estado natal, e pouco ter saído, de fato. Todavia, a rede articulada com várias instituições, dentro e fora de seu estado, pode ser

entendida como uma estratégia comum mobilizada pelos intelectuais tanto para ampliar a interlocução quanto para se inserir em um circuito de produção intelectual e cultural mais ampliado; como também para alcançar reconhecimento no campo, entendendo este como algo que extrapola fronteiras geográficas. “Uma análise sociológica dos modos de produção social das opiniões e dos gostos – tal como a praticam sobretudo Pierre Bourdieu e seus discípulos – pode se revelar proveitosa.” (SIRINELLI, 1996, p. 247-248). Acreditamos que assim como outros intelectuais, Helena Kolody teve dentro de seus campos de atuação pessoas com as quais obteve apoio, mas que também apoiou seus projetos, formando assim redes de sociabilidade. O que condiz, em parte, com o divulgado pela imprensa na Revista Rumo Paranaense, no texto de autoria de Ali Bark, conforme Figura 8:

Figura 8 – Associações Literárias e Culturais que Kolody pertenceu

ASSOCIAÇÕES LITERÁRIAS E CULTURAIS A QUE PERTENCE:
Academia de Letras “José de Alencar” — Curitiba — Paraná.
Centro de Letras do Paraná — Curitiba — Paraná.
Academia Feminina de Letras do Paraná — Curitiba — Paraná.
Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense — Curitiba — Paraná.
Centro Paranaense Feminino de Cultura — Curitiba — Paraná.
Instituto Brasileiro de Cultura — Rio de Janeiro — RJ.
Casa do Poeta — São Paulo — SP.
Academia Riograndense Feminina de Letras — Porto Alegre — RS.
Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno — Fortaleza — Ceará.
Clube de Poesia — Campos — Estado do Rio de Janeiro.
Confraternidad Universal Balzaciana — Montevideo — Uruguay.
Casa del Artista — Montevideo — Uruguay.
Instituto de Cultura Americana — La Plata — Argentina.
Liga Afetiva Portugal — Brasil — Lisboa — Portugal.
Associação de Cultura — Guiratinga — Mato Grosso.
Sala do Poeta — Curitiba — Paraná.
Título honorífico — Cidadã honorária de Malu (ex Terra Boa) — PR.

Fonte: Ali Bark, Revista *Rumo Paranaense*, Ano II, n 35.

A relação do magistério com a leitura e a escrita é estreita na vida desta intelectual. Helena Kolody lia muito e relata, em algumas entrevistas, que os livros a atraíram para a profissão docente. Já a escrita, principalmente de poesias, começou antes mesmo do magistério, apesar de seu primeiro livro só ser impresso e distribuído em 1942:

Mais ou menos aos 13 anos, quando comecei a ter consciência mais aguda de meu próprio ser e do mundo, quando minha personalidade começou a afirmar-se e entrou em choque com as dos outros. Senti-me incompreendida e refugiei-me no sonho. E o sonho, ou melhor certos sonhos tiveram necessidade de expressão em palavras.

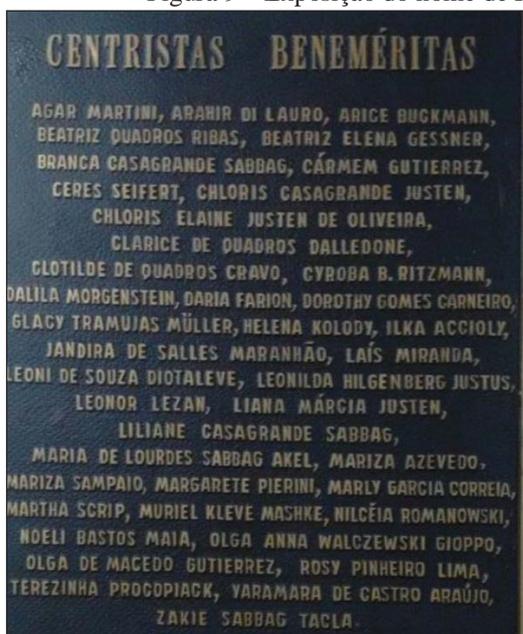
Comecei a escrever por um imperativo interior, sem nenhum conhecimento de arte literária. (KOLODY apud NOTAS..., 1976).

Ao morar na capital aos 15 anos, Kolody já inicia seu contato social e começa a viver politicamente na sociedade curitibana. Mantendo seus primeiros contatos com intelectuais das letras, através de amigas do magistério, ela escreve poesias para revistas e começa a investir na sociabilidade intelectual a partir de encontros literários:

No meu tempo de novíssima, também se formava grupos. Uma poetisa modernista que se destacava nesse grupinho de jovens era Ilnah Secundino, hoje radicada no Rio. Ilnah frequentemente reunia, em sua casa, os novos. Convidava para essas reuniões escritores visitantes, sobretudo escritoras. (KOLODY, [19--]e).

Desse começo, a poetisa, mais do que a educadora, alcançou tanto prestígio social que seu nome passou a servir de “selo de distinção” para algumas instituições, como o CPFC e o IHGPR¹⁶, os quais mantêm seu nome em seus quadros (Fig. 9), embora não tenhamos localizado uma forma efetiva de participação nesses espaços. Entretanto, é importante lembrar que a poetisa sempre teve apoio do público feminino, bem como do CPFC. Segundo Bueno (2003, p. 218), “o centro manteve a tradição de apoiar a mulher escritora, suas iniciativas intelectuais e sua integração no ambiente cultural de sua cidade, criando um acervo de obras de autoras exclusivamente paranaenses.”

Figura 9 – Exposição do nome de Helena Kolody como partícipe do CPFC e o IHGPR



Fonte: foto da placa na entrada do CPFC, dez. 2016.

Institucional		
PERSONALIDADES		
De uma maneira ou outra, pertenceram ao quadro associativo do IHGPR...		
Nome	Admissão	Nota
Afonso Alves de Camargo	(1900)	Governador do Paraná
Alberto Santos Dumont	(1916)	"O Pai da aviação"
Alfredo Romário Martins	(1900)	Idealizador do IHGPR
Benjamin Franklin Ramiz Galvão	(1900)	Barão de Ramiz
Bento Munhoz da Rocha Neto	(1950)	Governador do Paraná
Cândido Mariano da Silva Rondon	(1939)	Marechal/sertanista
Carlos Cavalcante de Albuquerque	(1900)	Governador do Paraná
Francisco de Paula Dias Negrão	(1906)	Historiador/genealogista
Francisco Xavier da Silva	(1906)	Presidente do Paraná
Generoso Marques dos Santos	(1900)	Presidente do Paraná
Helena Kolody	(1974)	Professora/poetisa
José Bernardino Bormann (Marechal)	(1900)	1º Presidente do IHGPR
José Francisco da Rocha Pombo	(1900)	Historiador
José Maria da Silva Paranhos	(1911)	Barão do Rio Branco
Luiz Câmara Cascudo	(1957)	Antropólogo/historiador
Nilo Cairo da Silveira	(1906)	Fundador da UFPR
Ruy Barbosa	(1916)	"O Águia de Haia"
Ruy Christovam Wachowicz	(1968)	Professor/historiador
Telêmaco Augusto Enéas M. Borba	(1900)	Sertanista
Vitor Ferreira do Amaral	(1900)	Fundador da UFPR

Fonte: site do IHGPR, jan. 2017.

¹⁶ É válido ressaltar que estas instituições estão tensionadas aqui devido à disposição de seu acervo para pesquisa, o que não aconteceu com todas contactadas.

As mulheres da sociedade curitibana utilizaram do Centro, bem como da escrita, para inserir sua voz nos meios sociais, sendo que muitas delas eram profissionais do âmbito educacional, realidade que também encontramos na trajetória profissional de Helena Kolody. Em geral, o acesso “[...] ao mundo da escrita esteve restrito às moças da classe média e alta, cujos pais acreditavam na necessidade de boa educação como requisito de um bom casamento, ainda que este nunca chegasse a acontecer.” (ORLANDO, 2017, p. 129). No caso de Kolody, como não vinha de família privilegiada economicamente, construiu um bom capital intelectual e cultural pelos campos por onde transitou: a religião, a educação e as letras.

Este trecho da nota do boletim da secretaria de educação e cultura do Paraná traz a representação de Helena Kolody, já em 1952, para o ensino: “As grandes qualidades intelectuais e profissionais, reúne a ilustre Professora peregrinos dotes morais, encantando a todos os que têm a felicidade do seu convívio, pela lhanza do seu trato social, modéstia, lealdade e alto espírito de compreensão.” (PARANÁ, 1952). Uma professora de biologia educacional, mas que se destacava pela escrita, a ponto de escrever e ser a diretora da revista deste órgão. Percorrendo a biografia da autora, sabemos que sua dedicação ao ensino caminhava com sua dedicação às letras. Suas poesias não foram abandonadas pela carreira docente mas potencializadas.

Em 1951, Helena Kolody teve o apoio do Centro de Letras do Paraná e, em 1959, do CPFC (UMA ESTRELA..., 1992, s.p). Essas instituições favoreceram seu reconhecimento literário: “As mulheres que enveredaram por esse caminho utilizaram a palavra impressa – nos livros ou imprensa periódica – como forma de intervenção social e circulação na vida pública.” (ORLANDO, 2017, p. 129).

Kolody foi muito homenageada ainda em vida. Podemos destacar, entre as principais, a sua entrada para APL, bem como uma de suas últimas homenagens ainda em vida. Como publicado em um periódico paranaense: “a Universidade Federal do Paraná (UFPR) concedeu na noite de ontem, em sessão solene do Conselho Universitário, o título de doutor honoris causa à poetisa paranaense.” (MOREIRA JUNIOR, 2003, s.p). Um exemplo do poder que Kolody alcançara está na aceitação masculina, mesmo em instituições masculinas, no caso do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, pois ela não deixa de ser representada positivamente:

Helena Kolody, a grande poetisa e professora paranaense, que sempre dignificou as letras do Paraná, exemplo e modelo para muitos, que ensinou a milhares, que honrou a Academia Paranaense de Letras. Que honrou pai e mãe. Foi temente a Deus. Que, afinal, em 15 de fevereiro de 2004 se despedia de Curitiba, do Paraná e do mundo, para poetar e lecionar nas plagas celestiais, deixando muitas saudades. Sua obra, porém, permanece e é imortal (CELESTINO, 2014, p. 120).

A fala de Celestino, como de outros homens, enfatiza seu perfil cristão e exemplar de filha obediente e “temente a Deus”. Sabemos que trajetórias não são lineares, pois “essa continuidade é dada a posteriori pelo autor que produz uma biografia, ou coisa que o valha”. (DAMASCENO, 2009, p. 24). E por compreender que múltiplos fatores influenciaram a trajetória de Helena Kolody, é seu projeto intelectual que colocamos em questão neste texto, alguns de seus posicionamentos e os campos pelos quais circulou, buscando destacar os espaços onde buscou legitimação intelectual, como o campo cultural.

Kolody conheceu muita gente. Ao escrever poesias para alguns jornais, foi ampliando suas redes, como reforçam suas palavras: “desde o início, encontrei estímulo e apoio, embora os poetas da ‘velha guarda’ daquele tempo lamentassem minha paulatina libertação do metro e da rima. Naquela época ainda imperava o soneto.” (KOLODY, Revista Rumo, [19--], p. 9).

Nesse período, jovens se reuniam ao redor da escrita e da arte. Mas, para Mignot (2002, p. 128), a “[...] poesia havia assumido uma função ornamental para as jovens em cerimônias, festas e casamentos.” E isso é perceptível quando sabemos quantas outras normalistas ou professoras escreviam:

Informalmente, nos reunimos com o professor Calderari, na rua Comendador Araujo, todos os domingos no salão nobre do colégio, a partir das dez até meio-dia. E um puxava uma poesia, outro dizia outra, uma trazia o jornal ‘Olha, eu li isso, li aquilo’ então, era uma conversa e, às vezes, um subia a tribuna para recitar uma poesia...Era tudo uma brincadeira (KOLODY, 1998, p. 25).

Mas, Helena Kolody não buscou as letras como recurso de entretenimento apenas. Ela fez dele o seu campo de produção intelectual, pela nova forma literária e estética que instituiu em seus poemas e pelos sentidos que pôs em circulação, através dos temas que abordou. Ela usou a poesia para educar, para forjar uma sensibilidade alinhada com um projeto de sociedade: reta, justa, bela e de inspiração cristã. E, não satisfeita, ela não buscou apenas difundir sua obra e ampliar o seu público leitor. Ela também selecionou um público específico, junto ao qual buscava incessantemente alcançar o reconhecimento literário. Foi ter feito das letras o seu projeto intelectual, o que diferenciou Helena Kolody de tantas outras escritoras de seu tempo.

Segundo Rémond (apud SIRINELLI, 1996, p. 231), “[...] o comportamento político dos intelectuais merecia por si só um estudo”. No caso de Kolody, é interessante como passa quase despercebida o investimento na sociabilidade intelectual, não apenas como algo prazeroso, mas também com a política que praticou para se inserir no campo da produção cultural paranaense, sendo aceita de maneira praticamente incontestada. Mas, em suas falas, ela deixa pistas dessa rede

e da gratidão que nutria em relação aos seus amigos. Em suas entrevistas, frequentemente cita algumas pessoas:

Devo muito a muitos amigos. Como, porém, os primórdios são os mais difíceis, preciso assinalar os primeiros incentivos. Vieram-me ainda nos tempos de normalista, de duas grandes amigas: Helvídia Leite e Iva Mendes. Mais tarde, Ilnah Secundino, em cuja casa sempre se reuniam intelectuais, foi amiga generosa que divulgou largamente meus poemas, bem como Eolo Cesar de Oliveira, Heitor Stokler, Rodrigo Junior. Devo muito a crítica construtiva de Andrade Muricy. [...] A publicação foi, sempre, um angustiante problema pecuniário. Tive, porém, a sorte de editar a maioria de meus livros pela Escola técnica e pelo SENAI, aos quais rendo meu tributo de gratidão. (KOLODY, [19--]f, p. 9).

Reunir-se na casa de Ilnah Secundino foi parte de uma tática de entrada e reconhecimento no campo das letras da capital, mas Kolody participou de muitos espaços de sociabilidade e não se tornou apenas conhecida, mas reconhecida, no meio literário paranaense. No entanto, é importante chamar a atenção para o fato dessa dimensão humana de sua vida não aparecer na construção do mito. As tintas com as quais a pintaram, retrataram, com frequência, uma mulher muito tímida e modesta em relação a sua obra e a sua contribuição à sociedade paranaense. Mas percebemos que a sua timidez, demonstrada nos momentos em que era elogiada, fazia parte de uma postura, talvez um jeito de ser cultivado pela formação católica; porque ela sempre soube da qualidade de seu trabalho, pois foi incansável para que sua produção fosse difundida e reconhecida por intelectuais já renomados, como Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles. Na entrevista que deu à biblioteca pública, ela põe isso em evidência:

É uma comunicação necessária, esse convívio com os outros do mesmo meio. Somos, até certo ponto, frutos de nossa época. Mudam os tempos, muda a poesia. Nestes nossos tempos novos, os poetas moços estão criando poesia. Tudo já foi feito, tudo já foi dito, mesmo dentro da poesia moderna. Por isso, o artista de talento inova e renova. O Leminski, por exemplo, está criando uma poesia diferente, só dele. Ele desintegra as palavras, cria termos novos, desmancha a própria lógica e inventa uma nova, só de seu poema. É imprescindível essa renovação incessante, pois, quanto mais depressa passa o tempo, mais ligeiro as coisas envelhecem. Hoje, os moços escrevem muito. Livros bons e livros medíocres. Contudo, é importante que todo mundo escreva. Mesmo os mais fracos se enriquecem com a experiência. E o tempo se encarregará de fazer a seleção. (KOLODY, 1986, p. 196).

Apesar de todo investimento feito, Helena Kolody fala sobre seu reconhecimento literário somente em 1988, quando já tinha 75 anos:

começou em 1988, quando foi publicado pela editora Criar, de Roberto Gomes [...] A partir de “Viagem no Espelho”, porque, antes disso, o meu era um nome local. Alguns me conheciam mais longe, porque eu mandava minhas poesias para o estrangeiro, mas era pouca gente. A partir daí, foi um conhecimento maior. Foi um total de vinte publicações. (KOLODY, 1998, p. 29).

Segundo Sirinelli (1996, p. 235), “para quem estuda a ação dos intelectuais, surge obrigatoriamente o problema de seu papel e de seu ‘poder’ [...] teriam esses intelectuais, em uma determinada data, influído no acontecimento?”. Está claro que Kolody tinha intenção de ser conhecida e agiu nessa direção, de modo que conseguiu ter sua escrita conhecida por Drummond e Cecília Meireles, por exemplo. Não foi um acaso, porém, mais uma tática de legitimação não apenas de sua poesia, mas também do que ela representava: uma escrita feminina que rompia com um modelo antigo de se fazer poesia, marcada pelos sonetos. Kolody fazia parte desse novo grupo que cita e se arrisca a “influir no acontecimento”, como sugere pensar Sirinelli, revelando um traço de ousadia que pouco condiz com a natureza modesta e tímida que tentaram lhe atribuir.

No Paraná, alguns nomes vão surgir no mesmo período, influenciando um movimento literário e artístico em consonância com o modernismo do país em busca de identidade própria. Para Trindade (2001, p. 106), “funcionaram como contraponto de Dalton e Poty, outros artistas como o pintor Guido Viaro e a poeta Helena Kolody que, menos questionadores, não deixaram de contribuir para esse novo momento da cultura paranaense”. Não falando exatamente sobre poesia, Helena Kolody nos dá indícios de sua intenção ao difundir sua obra fora do estado e até no exterior. Era preciso colocar o Paraná no circuito dos acontecimentos e dos debates:

aqui éramos sempre esquecidos. Pode reparar. Até quando fazem previsão de tempo na tevê, ignoram a gente, não sei explicar isso, talvez seja porque o Paraná, antigamente, fazia parte de São Paulo, não tinha autonomia ou, então, isso é resultado dos próprios paranaenses que não se prestigiam. (KOLODY, 1995, p. 31).

A cada oportunidade, ela foi construindo seus itinerários, conceito de Sirinelli, explicado por Alves (2012, p. 116), entendido como “a capacidade de observação para elementos do contexto histórico que se traduzem em vivências cotidianas, que marcam a sensibilidade, as escolhas, as afinidades, as aproximações, e os deslocamentos que conformam o desenho da trajetória do intelectual.” O amor pelo estado, através da cultura, um desses itinerários percorridos.

Assim como Helena Kolody, outras escritoras, escritores, artistas e professores procuravam suas redes, suas associações, necessitavam se reunir para legitimar seus projetos, pois “o debate estimulava a criação de associações feminina de natureza diversa.” (MIGNOT, 2002, p. 153). E, com o tempo, essas associações enquanto legitimavam também usavam o prestígio de suas associadas como forma de distinção social.

O acesso restrito a documentações e a pouca informação nos traz à conclusão de que Helena Kolody, por exemplo, não atuou, efetivamente, na constituição dos espaços do IHGPR

e do CPFC, mas se fez presente à medida que tais espaços eram benéficos ao seu projeto, ou sua participação, mesmo que simples, era benéfica para a instituição.

No IHGPR, o acervo disponibilizado guarda entrevistas, reportagens e livros nos quais a intelectual é representada, o que foi de grande relevância para esta pesquisa. Entretanto, a relação com tal instituto se restringe a ponto de não termos dados a expor, o que reforça os questionamentos: por que é tida como personalidade desde o ano de 1974? Admiração? Conveniência? Atuação sem registros? Pela lista exposta no site, ela é a única mulher presente no instituto. Então, por que razão seu nome foi incorporado no quadro?

Já o CPFC nos permitiu algumas inferências a mais. Sobre este espaço, Miranda registra (1997, p. 19):

no dia 05 de dezembro de 1933, aconteceu a sessão inaugural do Centro Paranaense feminino de cultura, contando com a presença do interventor Manoel Ribas e de diversas autoridades. A instituição nasceu da ideia de um grupo de jovens que resolveu criar uma associação, cuja finalidade seria enriquecer os conhecimentos da mulher paranaense, tanto na cultura como na arte.

As discussões do CPFC têm sua ligação com Kolody por seu propósito cultural. “Em sua sede, as apresentações litero-musicais reuniam intelectuais, poetisas, pianistas, algumas de passagem por Curitiba.” (SOUZA, 2013, p. 117). No entanto, ela não foi uma das fundadoras, não ocupou cargo, e as atas de registro de participação não nos foram disponibilizadas. O que favoreceu a escrita desse texto foram documentos que ligam Kolody ao CPFC, como cartas de centristas e livros de publicação da instituição.

Hoje Helena Kolody é prestigiada em diferentes locais, e isso nos provoca a reflexão sobre o modo pelo qual ela se tornou um ícone para essas associações. No caso do CPFC, tecemos algumas ponderações: a inauguração dessa instituição é datada de 1933, em Curitiba. Nesse período, ela vivia em Ponta Grossa, retornando para a capital somente em 1937:

As sucessivas transferências, a interminável procura de uma solução espacial, um local concreto que viesse a se transformar em lugar, produziram seus efeitos. Notas esparsas indicam que algumas associadas se dispersavam. As remanescentes se reuniam ora aqui, ora ali, as alunas que acorriam aos cursos sabiam que seu itinerário cotidiano poderia ser modificado de um dia para outro, a condição de provisório era permanente. (SOUZA, 2013, p. 26).

A constituição de um espaço, bem como de objetivos do centro, teve seu tempo de adequações. Kolody não aparece nesse momento inicial. Ela parece ter sido reconhecida pelo centro apenas em 1959, com a publicação de um livro que reuniu a biografia e alguns trabalhos

de poetisas paranaenses. Mas, é interessante observarmos o que Damasceno (2009, p. 25) lembra:

ao participar de um determinado campo, o indivíduo permanece, mesmo que indiretamente, suscetível ao *habitus* que impera nesse campo, dessa forma, sendo atraído por alguns grupos e afastado de outros, faz-se participe do processo de disputa por bens simbólicos de diversas espécies “reconhecimento, prestígio, poder, etc.”.

É fato que Helena Kolody estava no CPFC, assim como em outras associações curitubanas, sem um engajamento ainda esclarecido, mas com um reconhecimento que se transforma em prestígio a partir da consolidação da sua obra literária. Alguns eventos eram imprescindíveis para aqueles que, como ela, tinham seus objetivos claros: “As reuniões festivas ali realizadas atendiam ao mesmo propósito e traziam para aquele espaço pessoas consideradas de destaque no âmbito cultural paranaense.” (SOUZA, 2013, p. 111).

Três dos livros, com os quais temos contato hoje, produzidos pelo CPFC, Kolody aparece não com um engajamento na sua constituição, mas como uma personalidade a ser considerada. O primeiro livro, *Um século de poesia*, escrito em 1959, traz Helena Kolody entre outras 42 poetisas paranaenses, numa coletânea com biografia e trabalhos produzidos, no caso de Kolody, três livros foram destacados: *Paisagem Interior*, *Música Submersa* e *A Sombra no Rio*.

O segundo livro publicado pelo CPFC, *Mulheres que escrevem*, de 1997, traz um pouco do histórico de conquistas e futuras pretensões do centro, bem como outra coletânea de poesias de cinquenta centristas de Curitiba, dentre elas Kolody, e outras quatro de Rio Negro, cidade que Helena Kolody viveu na infância.

Denise Gerak dos Santos, ao escrever sobre o motivo de criarem uma filial em Rio Negro, escreve com orgulho sobre Kolody: “nossa cidade é berço de grandes poetisas a exemplo de nossa grande e internacionalmente conhecida poeta Helena Kolody, que aqui estudou em seus primeiros anos de vida.” (apud JUSTEN et al., 1997, p. 191).

É possível que esse prestígio com o qual influenciava novas associações e projetos intelectuais em torno da poesia já existisse, pois como citado, Helena Kolody atribui o ano de 1988 a sua consagração e reconhecimento nacional. Seriam, então, para a poetisa, sete anos como uma intelectual no campo literário.

Partindo das três noções essenciais para o campo da história intelectual, baseadas no estudo de Sirinelli (1996) – os itinerários de formação, a geração e a sociabilidade –, podemos inferir que estar em contato com associações, ser conhecida em sua cidade e até mesmo em seu estado, ser lembrada e participar quando se tratava de produções de poesias e ter uma tradição

de escrita poética feminina, bem como um engajamento cultural no estado, favoreceu seu projeto que, a longo prazo, foi se efetivando. Tudo contribuiu a ponto de Kolody tornar-se um capital simbólico também para as instituições que passaram a usar seu nome em seus quadros como propaganda.

Tais constatações ganham relevo, por exemplo, ao observarmos a produção do terceiro livro, *Boletim casa Romário Martins: Centro Paranaense Feminino de Cultura* (2013), que traz em sua estrutura várias lembranças com Kolody, mesmo que ela não tenha sido uma presidente, secretária, tesoureira ou professora dessa instituição. Entretanto, como centrista, tornou-se ao fim de sua vida a conselheira primeira quando o assunto se tratava da obra poética das centristas: “O assunto foi deliberado à reunião, deliberando-se que o livro fosse encaminhado para a poetisa Helena Kolody poder ‘manifestar-se a respeito’” (SOUZA, 2013, p. 132).

Nessa obra, Kolody é lembrada por ter sempre suas poesias recitadas nos eventos do CPFC: “[...] além de várias outras apresentadas ‘por sócias e por srtas’ da sociedade, como *sinos de paz*, de Helena Kolody.” (SOUZA, 2013, p. 118). Hoje, como forma de homenagens, que se multiplicam de tal maneira, seu nome é atribuído a diversos locais: “a área inclui ambientes nomeados pelas centristas: Biblioteca Lygia Carneiro, Oficina de Artes Ilka Munhoz, Salão Nobre Helena Kolody, [...]” (SOUZA, 2013, p. 141). Além de ser utilizado para nomear eventos, como destacado pela mesma autora: “Em seu calendário anual, o Centro Paranaense Feminino de Cultura inclui outras atividades culturais, como o Dia da Poesia Paranaense, comemorando o aniversário de Helena Kolody.” (SOUZA, 2013, p. 162).

Algumas cartas e discursos proferidos para e por Kolody são parte do arquivo do CPFC e comprovam as relações de conselheira que ela estabeleceu com as centristas, a partir do momento em que passou a ser vista como uma poetisa consagrada. Ceres de Ferrante, centrista e poetisa, escreve: “Deusa-menina? / Helena...Helena.../ Revivida em cada verso/ que semeou na vida”. Em seu aniversário, as homenagens faziam parte dos eventos no CPFC. Lygia Lopes dos Santos (1995, n.p.) escreve uma poesia em homenagem aos seus 83 anos: “Helena, sua existência o mundo enobrece, /Deixa-nos agradecidos por mais esta festividade, /Celebrada com o louvor que o amor enaltece. [...]”. Em 2001, foi a vez de Marli Garcia Correa (2001, n.p.), professora, escritora e fundadora no MIS, escrever sua poesia à poetisa primeira do Paraná: “[...] Kolody, Helena/ de uma beleza plena/ plena de luz/ poeta inspirada/ serena, linda. Uma fada!”

As representações que surgem das centristas reforçam a visão de uma pessoa importante, um exemplo a ser seguido. Para suas admiradoras, ela é mais do que só um talento, é uma inspiração. Leonor Lezan (2004, n.p.), que seguiu os mesmos passos de Kolody, foi sua

contemporânea, escreve uma poesia para homenageá-la no primeiro aniversário após seu falecimento: “[...] Circundou sua existência de paz, bem e concórdia/ Sensível oratório foi sua amizade/ com finura extrema entrelaçou corações [...]”.

A questão da identidade profissional que Helena Kolody construiu traz um carisma que conquista e que favorece seus títulos e representações apresentadas hoje. De acordo com Mignot (2002, p. 62), “[...] se identidade pessoal e profissional se constroem, há uma interação, uma porosidade entre elas.”; o que também acreditamos. Porosidade esta que não impede de forjar espaços novos de atuação e legitimação de seu projeto.

Com relação ao que Kolody oferece direta e pessoalmente às centristas, ou poetisas que tem um contato com o CPFC, podemos destacar um trabalho inteiramente profissional, marcado por uma peculiar gentileza exposta em suas cartas. Como, por exemplo, nesta a que se refere à poesia de Graciette Salmon: “A poetisa sabe externar a riqueza de sua interioridade, transfigurada pela imaginação criadora em sugestivas imagens estéticas.” (KOLODY, [198-]). Graciette que já tinha sido comparada à Kolody na imprensa por David Carneiro (1985, s.p): “dona Helena Kolody e dona Graciette Salmon são os dois expoentes da nossa poesia feminina, ambas comparáveis, pela excelência da forma como vazam em versos o sentimento e as suas impressões”

Mesmo após a publicação de seu livro *Vida, Néctar e Veneno*, em 1994, Dária Farion fez questão de disponibilizá-lo para Kolody, recebendo por escrito sua avaliação: “Vida, Néctar e veneno é um livro de mestra culta, que vai aconselhando, filosofando, dando sábias lições de vida através dos versos.” Apesar de continuar a tecer suas opiniões ao final da carta ela escreve: “Desculpe a simplicidade deste comentário. Não tenho competência para julgar. Faço votos que seu livro colha os louros que merece. Cordialmente, Helena Kolody.” (KOLODY, 1995).

A frase “não tenho competência para julgar” demonstra muito a “modéstia” produzida por Helena Kolody. É por isso que tal projeto torna-se tão difícil de ser reconhecido. Ele não é claramente assumido, e a personalidade sensível que impera é interpretada como se não existisse intenções de um reconhecimento e legitimação no campo.

Para Sirinelli (1996, p. 249), “as estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados.” E nesse grupo analisado ao longo de décadas, percebemos que entre o CPFC e Kolody a sociabilidade sempre esteve presente. Apesar de a poetisa estar em outras associações com um maior foco nas letras, nunca deixou de ser uma centrista, uma mulher paranaense da cultura e, posteriormente, tornou-se um exemplo a ser seguido por suas companheiras de Centro e uma conselheira primeira quando se tratava de poesias. Mas até para fazer a crítica a um comentário considerado por ela como indevido,

Helena Kolody o fazia com sutileza e sem deixar transparecer que falava em causa própria, conforme apresenta na entrevista a Paulo Venturelli:

O doutor David Carneiro foi muito censurado por ter feito uma espécie de psicologia do paranaense e averiguar que nós não damos valor ao que fazemos. Certamente isso está mudando, mas antes, só tinha valor o que vinha de fora. Não havia olhos para os daqui, sempre vistos pelos defeitos que apresentavam. Parece que esta mentalidade está mudando. (KOLODY, 1995, p. 31).

Sendo reconhecida, hoje, para além das representações que tinha, trata-se do nome de uma intelectual. Ao ser perguntada para que serve a arte, diante de vários jovens, a escritora responde:

não serve. Não tem uma utilidade prática, nem uma razão de ser. Pode-se dizer que nasce de uma sem-razão. A arte não persegue à preocupação utilitária, tão avessa ao aspecto econômico sei de pintores que se recusam a vender seus quadros. Vocês não acham que parece um sacrilégio o autor vender seu livro? No entanto, precisa vendê-lo. Nem só em versos existe a poesia. (KOLODY, 1986, p. 197).

Nesse sentido, o intento de reconhecimento literário alcançado por Kolody em 1988, que passou por diversas táticas como aqui exemplificamos, passa a favorecer instituições que também se constituíram como seus espaços de sociabilidade. É como se a partir da legitimação de seu projeto, o contato com a intelectual, mesmo que mínimo, passa-se a ser um poder simbólico: “É com efeito esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo lhe exercem.” (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

Sua autorrepresentação, seu hibridismo e presença constante nesses espaços de sociabilidade cultural e intelectual, permitiram construir-se como uma intelectual que participou ativamente do campo cultural de seu estado como produtora e mediadora, acrescentando à sociedade paranaense um modo feminino de estar na história.

2.2.1 Os discursos em diferentes contextos

EUCARISTIA

*Em minha pobreza extrema,
O meu Rei me visitou.*

*Deixou pegadas de luz
Na minha argila obscura.*

(Helena Kolody, 1964)

Helena Kolody era católica praticante, via o encontro com a fé e com os ritos religiosos de extrema importância, para tanto, traduziu a ceia católica no poema “Eucaristia”, ao se apresentar como uma “pobreza extrema” ou como uma “argila obscura”, que se alimenta da fé para superar tal estado, ela reafirma o que coloca em vários discursos, a relevância de Deus em sua vida.

Kolody tinha o hábito de se esconder em datas comemorativas que, segundo ela, as deixavam encabulada. Sendo assim, em seus discursos salientava que não merecia tantas homenagens, tanto como professora quanto como poetisa, e essa postura se manteve até sua morte.

Meus caros amigos há situações em que a palavra é pobre para dizer a emoção que sentimos. Como a gente não agradece o canto dos pássaros, a beleza do dia, como é que vou agradecer esta festa maravilhosa, que vocês fizeram e que eu não mereço, que só revela o carinho de vocês. (KOLODY, 1999, n.p).

Porém, cada vez que recebia a oportunidade de falar, Kolody expunha em sua trajetória discursos que agradavam e lhe conferiam elogios. Como expõe Vieira (2015b, p. 10),

para além da identificação dos atores da vida intelectual, cabe ao investigador precisar qual é o potencial de poder político dos intelectuais em relação aos outros grupos sociais, assim como compreender os objetivos, as estratégias e as posições ocupadas pelos intelectuais no interior do campo cultural.

Desta maneira, além dos discursos como paraninfa, encontramos em posse do CPFC outros textos referentes a discursos de cunho cultural, político e ideológico, que corroboram com o que temos discutido até aqui sobre campos de representação e legitimação para Kolody. Segundo Orlando (2017, p. 122),

essas mulheres, ainda tão obscurecidas na historiografia em sua ação política e intelectual precisam ser encontradas e compreendidas em seus projetos, suas ações, sua condição feminina, os lugares ocupados como sujeitos que participam e movimentam o fluxo da história.

Dessa forma, abordamos aqui, como fontes privilegiadas, sete discursos: três ainda na esfera escolar, mas que se deram em comemorações festivas; dois discursos na esfera política propriamente, feito ao receber o título de cidadã benemerita de Curitiba e do estado na Câmara

de Vereadores e na Assembléia Legislativa do Paraná (ALP); um na esfera de atuação feminina para o Conselho Estadual da Condição Feminina; e, por fim, um na esfera religiosa que foi em homenagem ao Frei Hipólito.

Um desses discursos nos chamou especial atenção pelo lugar de onde veio, o Conselho Estadual da Condição Feminina, pois, como exemplificamos, Kolody não era uma feminista, tampouco falava das condições de emancipação, inserção e atuação feminina. O exemplo feminino que se elevou à representação era um exemplo quisto pela ordem do Estado e da igreja, uma mulher doce, pouco questionadora, exemplo de ternura. No entanto, sua fala no conselho assume outra conotação e podemos vislumbrar uma Kolody, que ao modular seu discurso em virtude do público que tem à frente, deixa vestígios de uma visão que, se nunca foi dita antes com tanta clareza, certamente foi posta em prática em suas ações, ainda que marcadas por um trato delicado:

Como nós, mulheres funcionárias, trabalhadoras, empregadas dessas empresas de Comunicação nos situamos?...Qual o nosso papel de cidadãs e comunicadoras frente o desafio de democratizar a informação, levando-a corretamente a um maior número de pessoas para que possam ser protagonistas de sua própria história? E quanto a nós? Estamos sendo –nós mulheres profissionais de Imprensa - protagonistas de nossa própria História de Vida? (KOLODY, 1997b, p. 2)

O convite feito por Alzelli Basseti – articulista do jornal *Gazeta do Povo* durante 35 anos e colaboradora de mais de seis jornais no Paraná e então presidente deste conselho – permitiu a Helena Kolody mostrar-se intelectualmente, discutindo novas temáticas, visto que o momento histórico também era outro. Ela se aproxima do discurso favorável que, para outras mulheres, desde o início do século, já existia, como ela mesma apresenta.

Se pensarmos na saga de Chiquinha Gonzaga, há cerca de um século, que teve de fazer a opção entre a família e a música, entre o matrimônio e o piano, diremos que avançamos muito. Se pensarmos que as mães de muitas de nós consideravam as atividades intelectuais como ler e escrever, nocivas às suas filhas mulheres pois poderiam fazê-las preguiçosas, diremos que avançamos muito. (KOLODY, 1997b, p. 2).

O posicionamento é tardio a exemplo do discurso feminista de Mariana Coelho, apesar de Kolody estar desde sempre sendo exemplo com os cargos que ocupa e atitudes de inserção no campo social. Segundo Bueno (2003, p. 209), essa era, no entanto, uma prática mais frequentemente encontrada: “coordenavam seus próprios negócios, fundavam escolas ou se empregavam como operárias [...] Por mais que adentrasse instâncias outrora de domínio essencialmente masculino, as mulheres, em sua maioria, conservavam as ideias tradicionais.” Mas, nesse discurso Kolody parece romper com esse conservadorismo e pleitear mais

abertamente o lugar de sujeito na história para as mulheres. Ela então continua com críticas bem contundentes:

sabemos que vivemos um projeto civilizatório - o patriarcalismo, [...] que esconde e subordina o feminino. A língua portuguesa - nosso principal instrumento de trabalho - é um exemplo disso. Se nesta sala houver 100 mulheres e um homem, homenageados, ai está, o plural deve ir para o masculino, pois esta é a regra da língua portuguesa a nós ensinada nos bancos escolares. Até mesmo a interlocução religiosa com o Infinito ficou no masculino. Deus nos é apresentado como um ente masculino, como um homem, um pai. Pai este que depois da colonização europeia, ganhou características da raça branca. Precisou João Paulo I, reinar como Papa da Igreja Católica por 28 dias para dizer que 'Deus é mais Mãe do que Pai'. (KOLODY, 1997b, p. 3).

Kolody se mostra plural, como já citado. Ainda que esta fala seja um discurso quase feminista, ela faz referência a sua posição católica, cita o Papa, e ao final a intelectual acaba aparecendo com o posicionamento moderado que lhe era habitual, remetendo seu discurso à ideia cristã de fraternidade, se resguardando, talvez, de uma possível crítica por parte de interlocutores mais conservadores:

Esse é o grande desafio para homens e mulheres. Citando outra vez Caetano Veloso 'Não queremos Pátria, nem Mátia, mas queremos Fátia...' Não queremos uma sociedade de dominadores ou dominados, ou o seu inverso. Tudo isso pode parecer um sonho, pode se assemelha a uma utopia. Na época da globalização da economia e da informação, na época do neoliberalismo, as utopias parecem ultrapassadas. Mas **creio que nunca o discurso na fé num futuro melhor e na sociedade humana foi tão necessário**. Acredito que a experiência feminina de dar Vida com nosso próprio corpo, nos torna mais sensíveis à luta pela preservação da Vida no Planeta. E sem dúvida, é esse o maior desafio de quem comunica a notícia. (KOLODY, 1997b, p. 4, grifo nosso).

Já no discurso da homenagem ao frei Hipólito, o sentimento religioso imperava. Kolody fala em nome de Deus, prega a caridade e o amor ao próximo e cita seu instrumento - a palavra - como um dom divino. Fatos esses que, em homenagem a um padre, não poderia ser diferente, mas, sim, intensificados:

sem aviso, o vento acaba de virar uma página de nossa vida espiritual, na Paróquia do Senhor Bom Jesus. Vai levar para outra seara religiosa o caro Frei Hipólito, que se dedicou com amor e competência à sua missão sacerdotal em Curitiba. **Há um sentimento de tristeza e de carência em nossa despedida. Um laço afetivo muito forte nos une àqueles que nos unem a Deus. Sem os sacerdotes, não teríamos acesso ao sagrado, pois são eles que nos ministram os sacramentos**. O sacerdote é a escada de Jacó, apoiada na terra e tocando o cimo do céu, que nos leva até o senhor. [...] Obrigada, Frei Hipólito, por tudo o que o senhor fez por nós. Deus abençoe sua vida e suas decisões nessa nova etapa de sua jornada sacerdotal. (KOLODY, [19--]b, p. 1).

Em seu discurso ainda aborda sobre convivência, paciência, egocentrismo e, então, conclui: “só o amor que é reflexo de Deus no coração da gente ensina a perdoar”. (KOLODY, [19--]b, p. 2). O fato é que na educação dos sentidos ela também deixava marcada na memória de cada admirador a importância da fé. Dessa forma, até coisas negativas, como o sofrimento, podiam ser superadas:

Foi a cruz de Cristo, a chave que nos abriu as portas do céu. [...] Difícil é perseverar na fé, quando perdemos a fortuna ou a saúde, quando morrem as pessoas queridas. Por mais sofrida que seja, nossa vida está sempre ao alcance de nossas forças. [...] À mais humilde das vidas, quando vivida com fé e coragem, é admirável e aureolada de heroísmo. Porque somos herdeiros do céu e fomos assinalados com o sinal da cruz, não podemos ser tristes. O mundo é lindo e a vida boa. É preciso alegrar o coração com as coisas boas que a vida nos oferece. A cada amanhecer, a gente deve alegrar-se porque Deus nos dá a graça de viver mais um dia. A cada novo dia, a vida oferece o tesouro das horas inteiramente nossas. Bendito seja Deus, que nos concede o dia de hoje e a graça de vivê-lo. (KOLODY, [19--]a, p. 3).

A cada leitura desses discursos nos deparamos com a confirmação de Kolody como uma importante intelectual católica. Entretanto, como escrevemos de uma intelectual até aqui chamada de plural, é fato que seus discursos não se restringiam à religiosidade.

Nesse sentido, destaco o discurso produzido na esfera política ao receber um título: “Eu supunha que não pudesse ser mais feliz do que tenho sido. Pela família que tenho. Pelos amigos. Pelos alunos que tive. Estou aprendendo, agora, que a felicidade não tem limites. Sempre se pode ser mais feliz do que se esperava.” (KOLODY, 1987, p. 1). O reconhecimento de que não estava sozinha neste projeto sempre a acompanhou.

Ela ainda ressalta: “felicidade de ser cidadã curitibana! Agora posso pisar com orgulho as ruas desta amada cidade-sorriso, ruas que **há tantos anos guardam a marca de meus passos.**” (KOLODY, 1987, p. 4, grifo nosso). Ao mesmo tempo que agradece, é no plano de fundo que coloca sua opinião, visto que são mais de cinquenta anos de dedicação à Curitiba, contando a partir do período que retornou à capital como professora.

Posteriormente, quando os títulos já não cabiam mais na estante, recebera também a cidadania benemerita de seu estado. Conforme a intelectual, “nós não realizamos nada sozinhos. Somos as células vivas dum organismo social, onde todos agem em sintonia e trocam entre si importantes elementos vitais.” (KOLODY, 1997a, p. 1). Já com 85 anos e mais ponderada no tamanho dos discursos, ainda que de forma indireta, agradece as suas redes de sociabilidade, afinal, após 1992, Kolody já havia alcançado seu reconhecimento intelectual por sua obra poética.

3 UM PROJETO FEMININO EM UM CAMPO MASCULINO: SEGUINDO OS RASTROS DE UMA REDE

FIGO DA ÍNDIA

*A casca espinhenta
guarda a macia doçura da polpa.*

(Helena Kolody, 1986)

Um dos impulsos masculinos mais importantes na vida de Helena, talvez tenha sido dado por seu amigo, “figo da índia”, que conhecendo Kolody, já idosa, pode contribuir com sua poesia, ressaltando a importância do haicai na sua vida e declarando sua “santidade” na imprensa. Paulo Leminski, não tinha um perfil simpático, por isso a “casca espinhenta”, mas com Kolody o encontro era de almas e ideais, sendo inegável a sua importância na vida da poetisa.

Através de todos os fatos que já expusemos aqui, sentimos a necessidade de destacar alguns apoios masculinos que Helena Kolody teve em sua trajetória na busca pelo reconhecimento intelectual. Sem esquecer a importância do público feminino, alunas e pares de Kolody dos círculos culturais e associações das quais fez parte – suas principais interlocutoras, talvez –, chama atenção o apoio que Kolody recebeu de alguns homens para se afirmar em um campo marcadamente masculino. O fato é que, mesmo com tantos avanços e reconhecimentos sociais para a história das mulheres, nos é caro discutir a questão de gênero, que ainda não se esgota.

Enquanto Júlia Lopes de Almeida vai entrar na cena pública através do marido[...] Anna Ribeiro vem a ser legitimada por uma carta de Taunay sobre seus dotes literários, reforçando seu nome de família [...] No caso de Amélia Rodrigues e Maria Luísa de Sousa Alves, **a via que encontram para legitimação irá ser o protetorado** da imprensa católica. (ALVES, 1998, p. 237- 238, grifo nosso).

É nesse contexto, de apadrinhamento masculino, que percebemos a trajetória de Kolody como intelectual vai se construindo. O que surgiram foram apadrinhamentos de diferentes formas e em diferentes redes, que nos fazem aderir à ideia de que esses apoios serviram impulsos, embora cada um precise ser pensado individualmente, pois são casos bem específicos. Começamos pelo primeiro, o pai Miguel Kolody: “A família e o meio social de

origem, os grupos de pertencimento, as adesões temporárias ou duradouras também oferecem elementos a serem agregados ao itinerário do indivíduo no seu processo de tornar-se intelectual.” (ALVES, 2012, p. 116).

Miguel Kolody (1881-1941), nascido na cidade de Bibrke (Galícia Oriental), veio com a família para o Brasil como menino de 13 anos. [...]acompanhando o fluxo da grande imigração que ocorreu nos idos de 1895, quando grupos da Polônia e da Ucrânia (tudo, então, Império austro-húngaro) deixaram a Galícia [...], antes de se casar, vivendo na capital paranaense, foi um dos membros-fundadores da primeira sociedade ucraniana (“Prosvita”) em Curitiba. De 1902 a 1909 exerceu as obrigações de tesoureiro da entidade. Era, também, membro do comitê editorial do Zoriá, o primeiro jornal ucraniano no Brasil (1907-1909). (FONTES, 2012, p. 56).

Guérios (2007, p. 198) explica a importância desse jornal, “Primeiro jornal publicado em língua ucraniana no Brasil foi o Zoriá [...] editado a partir de 1907 na tentativa de dar impulso às atividades da Sociedade Prosvita local.”. Dessa maneira, conseguimos traçar o porquê da importância que Miguel atribuiu posteriormente ao ensino dos seus filhos. “Segundo o editorial de Petretskai, os padres chegaram a ajudá-lo a compor os tipos para a impressão do primeiro número do Zoriá. Nos números seguintes, contudo, a luta entre a intelligentsia leiga e o clero veio à tona nas páginas do jornal.” (GUÉRIOS, 2007, p. 198).

Estar desde cedo inserido em tais grupos, através da imprensa, muito explica o fato da valorização da leitura e da religião que Miguel Kolody passou para sua família, o que está em concordância em parte com o que diz Fontes (2012, p. 112): “A existência de livros e jornais (o pai delas recebia regularmente jornais de São Paulo e da Europa) em casa serviu objetivamente como condição favorável à entrada no mundo da leitura.”

Mais tarde, Miguel começou a trabalhar abrindo estradas, foi assim que conheceu sua esposa, como Kolody (1998, p. 22) relata em entrevista a José Wille: “A vida para eles começou no interior do Paraná, na cidade de Cruz Machado...O papai trabalhava como agrimensor prático com o doutor Franco, que estava abrindo uma estrada, e lá conheceu a minha mãe, que morava na cidade”. Após estabelecer casamento e ter sua primeira filha, Helena Kolody, em 1912, Miguel começa a se dedicar ao comércio:

Boa parte da infância de Helena Kolody foi vivida em Três Barras, hoje Santa Catarina, na época, território paranaense (1914), alteração devida à Guerra do Contestado (1906-1916). O pai abriu com um primo, chamado João, um armazém de secos e molhados (vendia inclusive roupas, sapatos, chapéus...) que atendia basicamente os madeireiros da Lumber Corporation, serraria norte-americana que contava então com cerca de dois mil funcionários, vindos de diversas partes do mundo. A família Kolody morava em cima do armazém. (FONTES, 2012, p. 75).

Do lado da mãe, a leitura era algo muito valorizado também, conforme lembra Kolody: “No dia de folga, meu avô os reunia e lia jornais e livros importantes para eles. Aliás, dos dois lados, minha família era traça de livros, de tanto que lia.” (apud NICOLAU, 1988, p. 1). Mas, a questão do impulso de Miguel vai além dos livros, “o piano, eu fiz até o terceiro ano, depois não estudei mais, esqueci tudo, porque meu pai não pôde mais sustentar o piano [...] Só tocava piano quando estava na casa de minha tia.” (KOLODY apud SANTOS, 1989, p. 18).

É curioso que até a leitura passe pela condição econômica: “Mesmo incentivada pelos pais, que nunca relutaram em lhe oferecer estudo, as dificuldades financeiras fizeram com que a atual escritora ‘imortal’ passasse muito tempo dependente dos empréstimos de livros e das leituras em bibliotecas.” (HELENA..., 1992c, s.p). Fato este, sempre foi muito focado, conforme ao que Leite (2005, p. 159) explica: “as mulheres poetisas, escritoras e jornalistas possivelmente ampliaram a capacidade de compreensão da realidade a sua volta e se firmaram enquanto pessoas dedicadas à arte da escrita com ideias e conteúdos próprios, após terem vivenciado o ato da leitura.”

O incentivo ao magistério também é outro fator importante. Foi esse, como vimos anteriormente, que serviu para que Kolody pudesse sustentar sua família na falta de seu pai. “O Papai fazia questão dos estudos [...] de eu tirar boas notas! E as minhas notas foram as maiores e isso me serviu mais tarde.” (KOLODY, 1998, p. 25). Ela aprendera a dar valor às oportunidades que tinha, e o estudo, bem como a profissão do magistério, foi uma delas.

A perda do pai, em 1941, gerou uma comoção muito grande na vida de Kolody, o que explica em parte as boas lembranças que veiculou sobre ele: “A morte do meu pai gerou um clima de saudade. De repente faltou o esteio em minha família. Eu sou a mais velha e precisei assumir o comando. Quem sabe este fato esteja por trás da tristeza que há nos meus versos.” (KOLODY, 1995, p. 24). Apesar de tanta comoção, a existência e a ausência do pai justificaram mais um impulso, a escrita poética e, posteriormente, sua divulgação através da impressão de livros, que se iniciou para presentear-lo em vida e continuaram em sua memória.

Quando eu estava preparando o livro, meu pai teve um enfarte e morreu. Então, não quis publicá-lo. Mas me convenceram a publicá-lo, em memória dele. O livro diz assim ‘Sobre o seu túmulo, pai, a coroa de flores com que sonhei adornar teus cabelos brancos’. Eu queria festejar os 60 anos dele, então pus sobre o túmulo a coroa de flores (KOLODY, 1998, p. 25).

Pode-se dizer que o impulso familiar de nossa intelectual e a visão que ela tivera sobre a importância desta base, acabou por difundir em seus discursos. “Não há propriamente falta de amor, mas há uma dispersão da família. [...] A escola é a extensão da família: é por ela que a

família completa a obra de amor que lhe cumpre realizar.” (KOLODY, 1958, p. 7); “E ao fim da jornada, possam vossas mãos limpas juntar-se numa prece final: – Obrigado, Senhor, pela vida que me deste; pela Pátria, pela escola, pela família que me deste, obrigado Senhor!” (KOLODY, 1965, p. 4). Miguel Kolody representou para a filha um exemplo. Seu impulso foi no sentido de lhe conceder leituras, oportunidade de estudo, cobranças pela dedicação e, por fim, um exemplo da importância que tinha uma família estruturada na vida de alguém.

Seguindo este caminho, ao qual ela se refere, um segundo impulso teria vindo da escola. Dentro do percurso formativo de Kolody, e para nós, o ponto alto desta trajetória se refere aos anos como normalista e sua colocação na carreira. As fontes do campo educacional são as mais escassas, tanto pela disposição de documentos, quanto pelas entrevistas concedidas por ela, mas acreditamos que dois nomes precisam ser aqui citados: Lysimaco Ferreira da Costa e Erasmo Pilotto.

O papel que assumem certos estabelecimentos escolares na seleção das elites intelectuais, as instituições formadas no âmbito da rede escolar e que integram mecanismos de restrição ou de ampliação de acesso aos bens culturais que impactam em um certo tempo histórico, a própria abrangência da rede escolar, todos esses são aspectos que têm de ser agregados à configuração do itinerário. (ALVES, 2012, p. 116).

Neste caso, o IEP foi um importante reduto. Ao se formar na instituição, Helena Kolody ouviu e participou de uma educação formal ancorada, devido ao período, ao patriotismo e à formação cristã, apoiada no catolicismo já que o estado não se desvinculara efetivamente da igreja. Kolody acaba reproduzindo em seus discursos um posicionamento e fala bem peculiares ao projeto de Lysimaco Ferreira da Costa:

Quando se constrói uma parede, é indispensável que cada tijolo seja íntegro e se ajuste no devido lugar, para garantir o equilíbrio e a solidez de toda estrutura. Nesse trabalho, cada qual é responsável pela nação inteira, tanto os políticos que governam, quanto os industriais e comerciantes que fazem circular as riquezas, ou os agricultores que fazem florescer e frutificar os tesouros da terra, ou os criadores que multiplicam os rebanhos. (KOLODY, 1964, p. 2).

Foi então, a fala perpetuada de Ferreira da Costa, intelectual da educação que atuou nas estruturas formais educacionais paranaense no período de formação de Kolody, que muito lhe impulsionou a ser uma profissional que agradava: “Sobre elas recai uma carga de responsabilidade social que representa o auge do estatuto profissional outorgado à mulher, inserindo-se no plano maior da construção da sociedade liberal republicana, conforme palavras do [...] Dr. Lysimaco Ferreira Costa.” (TRINDADE, 1996, p. 81).

Ao estudar o posicionamento e discursos deste intelectual, Vieira e Daniel (2015, p. 47) apontam que identificaram “[...] a presença do discurso cívico nacionalista que visava afirmar o sentimento de identidade nacional e os princípios republicanos de governo”. O que em mesma medida, só que com um enfoque poético e feminino, encontramos em Kolody (1953, p. 1) quando discursa: “lembrai-vos do trabalho exaustivo dos mestres, que é como o labor incessante e obscuro das raízes. Todo mundo fala da beleza das flores e na excelência dos frutos. No entanto, sem o labor das raízes não há desabrochar de flores”. Ela era, desta maneira, um exemplo não só para suas alunas, futuras professoras, como também aos seus colegas de profissão:

Assim, embora formalmente a reforma na Escola Normal de Curitiba tivesse o significado de ruptura com o velho, com o tradicional alinhando-se no espírito das demais reformas estaduais, na verdade muitas de suas formulações traduziam o tradicionalismo das oligarquias. Tais assertivas expressavam-se na definição do bom professor: de preferência mulher, obediente e trabalhando por patriotismo, inclusive sem pretensão de aprofundar conhecimentos em curso superior. (MIGUEL, 1997, p. 49).

Assim os discursos, mesmo que para uma turma de normalistas, tinha um teor cívico de obediência à pátria e aos preceitos cristãos: “Cuidai como a vossa tarefa e sagrada e é tremenda a vossa responsabilidade de plasmadores de homens.” (KOLODY, 1942, p. 2). Entretanto, caso os caminhos seguidos não fossem os delineados pelo magistério, a missão ainda continuava como cidadãos de bem. Em um dos seus discursos de paraninfa, Kolody dizia: “Meus queridos afilhados: quer seja realizada com o cérebro nas searas do estudo, quer seja realizada com as mãos no labor material, quer seja no lar, educando os filhos, que vossa vida seja uma prece rezada com amor.” (KOLODY, 1965, p. 4).

É fato que os discursos de Kolody eram irradiados de emoção e sentimento poético, bem como transmitidos com toda docilidade, mas não eram menos admoestadores e prescritivos, por isso encaminhavam à missão da educação na escola ou no espaço da casa. possível. Segundo Vieira e Daniel (2015, p. 73), “A experiência familiar, a escola militar, a formação superior em engenharia, a confissão católica e a fé republicana incidiram sobre a visão pedagógica de Ferreira da Costa [...]”. O que nos faz concluir que a profissão se constrói pela formação e pelos ideais formativos adquiridos, que não fogem ao posicionamento intelectual.

Lysimaco Ferreira da Costa impulsionou Helena Kolody, assim como outras tantas profissionais, a seguir a carreira de maneira obediente e patriota, o que acabou motivando Kolody a participar também deste projeto de modernidade educacional.

Os passos de Kolody como professora e inspetora federal do ensino secundário foram, de certa maneira, tímidos e sem grandes repercussões. No entanto, em junho de 1947, segundo os documentos funcionais aqui usados como fonte, por um decreto, Kolody foi designada como substituta para exercer a função de assistente técnica do IEP enquanto perdurasse o impedimento do professor Erasmo Pilotto. Quase um ano depois, ela foi dispensada em abril de 1948, o que infelizmente não foi contextualizado por ela em nenhuma de suas falas.

Dessa forma, a intelectual participou, em alguma intensidade, do projeto de Pilotto: “É verdade que ele organizou sua equipe para levar à frente as propostas pedagógicas e muitos dos integrantes de sua equipe eram ex-alunos da Escola de Professores de Curitiba.” (MIGUEL, 1997, p. 109). O que nos faz considerar que Erasmo impulsionou Kolody intelectualmente, possibilitando que ela o substituísse duas vezes em sua carreira, sabendo de sua importância para tais instituições. Sobre o Projeto Intelectual de Pilotto, Vieira (2015a, p. 111) escreve;

formar o espírito do homem moderno para Pilotto significa, de um lado, preparar os jovens para ciência e as matemáticas que ensinam o cálculo racional e, através da experiência, a construção do saber objetivo; porém, por outro, demanda que esses saberes e integrem em uma visão de mundo articulada a razões existenciais profundas que agucem a sensibilidade estética, a firmeza ética e a determinação política de lutar por um mundo melhor. Se essas palavras que buscam sintetizar os objetivos da formação defendidos por Pilotto nos parecem estranhos nos dias atuais, não significa que Pilotto fosse um homem ingênuo, romântico ou idealista, mas sim que, talvez, nós perdemos a crença nas possibilidades de um mundo melhor.

Apesar de Erasmo Pilotto ter sido um intelectual com uma obra educacional, é fato de que seu impulso, no projeto de Helena Kolody, esteve também no campo das sensibilidades estéticas, na ética e na determinação por “um mundo melhor” através do trabalho docente. Mesmo com todos os caminhos delineados e os ideais traçados, Kolody chegou a pensar em desistir de tudo, já que se afastara por diversas vezes de sua atividade devido a sua frágil saúde. Foi nesse contexto que um novo impulso lhe chega por meio do conselho de um padre.

Fui falar com o padre Camargo, que detestava que as moças aparecessem na igreja de unha pintada. Ele era o inspetor federal. Eu lhe disse: “Padre, eu vim pedir dispensa de aula, porque não posso mais trabalhar do jeito que trabalho, pois estou doente.” [...] Veja o que dá o conselho de uma pessoa amiga que podia ser tão rigorosa, tão crítica... fiz o concurso e tive sorte. Passei e comecei a trabalhar como inspetora federal, que é de onde eu ganho o maior salário até hoje, o que me permite sustentar a casa. (KOLODY, 1995, p. 35).

Enfatizamos tal fato novamente pela importância que a trajetória de Helena Kolody toma a partir daí. Sua atuação se estende não mais apenas ao IEP, mas a todos os outros colégios normais da região de Curitiba, como vimos nos discursos de paraninfa em cada formatura. O

salário de inspetora não só permitiu sustentar sua família, como também produzir seus livros. Ainda quando normalista, entre 1927 e 1931, Kolody teve os primeiros contatos e as amizades com familiares de escritores, os quais também lhe estimularam intelectualmente:

Muito importante foi, para mim, a convivência com a família do senhor Júlio Leite, irmão do poeta Francisco Leite. Suas filhas Reneé e Helvídia foram as primeiras amigas que tive em Curitiba, depois que minha família se mudou para cá, em 1927. Elas tinham em casa coleções inteiras de revistas antigas. O olho da rua, Fanal e outras. Lendo essas revistas, pude recuperar um passado paranaense que não possuía. (KOLODY, 1986, p. 195).

Foi neste período que os impulsos no campo das letras se iniciaram, com Rodrigo Junior que incentivava jovens escritores, fato que a levou a receber os primeiros elogios e correspondências por sua obra: “Quando eu comecei a escrever, é lógico, eu fiz soneto. O Dr. Rodrigo Junior mandava para a revista ‘Marinha’ foi uma grande divulgadora dos novos.” (KOLODY apud SANTOS, 1989, p. 28).

Relação que se estendeu até os anos de 1940: “O poeta Rodrigo Junior disse: – Helena, se você não pode publicar, vai à Escola Técnica, fale com o professor Olavo” (KOLODY apud SANTOS, 1989, p. 29). E, cinquenta anos mais tarde, Kolody assumira uma cadeira na Academia Paranaense de Letras, a de número 28, fundada por Rodrigo Junior, que lhe foi concedida:

Estas divagações povoaram-me o pensamento porque a cadeira nº 28, que tenho a honra de assumir, foi fundada e ocupada por dois poetas, dois sonhadores: Rodrigo Júnior e Leonardo Henke, respectivamente, Fundador e primeiro ocupante da mesma [...] Quero apenas assumir publicamente uma dívida de gratidão. Quando comecei a escrever, Rodrigo Junior era um dos mais famosos poetas do Paraná. Cordial e acessível, acolhia com bondade e animava com entusiasmo os principiantes. Até encaminhava nossos trabalhos para publicação em jornais e revistas. Estímulo muito importante para quem ensaiava os primeiros passos, tímidos e inseguros, no caminho das letras. (KOLODY, Elogio ao Patrono APL, 1992, p. 1).

Um segundo conselheiro no campo das letras, dando o crivo da importância literária para alguns paranaenses, foi o poeta Andrade Muricy. Sobre o qual ela comenta: “devo algo importante à orientação de alguém muito especial. Fui muito amiga e sou até hoje das irmãs mais moças do doutor Andrade Muricy. E eu costumava levar os meus cadernos de poesia para o Rio de Janeiro.” (KOLODY, 1995, p. 20 e 21).

Levando em conta que foi pelo intermédio dele que Helena Kolody teve acesso a outros grandes poetas no campo e por ter acolhido muitos de seus conselhos, consideramos também como fundamentais na trajetória dela, o que era uma marca de Muricy: “Aparece,

discretamente, na pintura, na música e brilha nas letras, sobretudo na poesia. Em 1916, por exemplo, o intelectual Andrade Muricy já compara a jovem poeta Gilka da Costa Machado a autores do porte de Hermes Fontes” (TRINDADE, 1996, p. 254). O fato é que Kolody teve a mesma trajetória de outras escritoras, que contaram igualmente com o apoio de familiares e uma rede que vão construindo para se inserirem no meio intelectual e terem seu trabalho conhecido e reconhecido. Vejamos o exemplo de Marina Coelho, pesquisada por Alexandra Bueno (2010, p. 18):

O fato de ser irmã de Teixeira Coelho não garantiu a Mariana Coelho acesso automático ao mundo letrado, mas é possível afirmar que ela soube utilizar as oportunidades e experiências que essa fraternidade podia lhe proporcionar. Escrever nos periódicos do irmão ou mesmo relacionar-se com a maçonaria – reduto de vários intelectuais livres-pensadores – foram iniciativas que lhe renderam, ao menos em parte, a legitimação de sua escrita. O irmão manteve-se sempre atuante no campo cultural e em constante contato com os intelectuais livres-pensadores paranaenses, isto permitiu que Mariana Coelho também pudesse desfrutar da amizade destes mesmos intelectuais.

É fato que Rodrigo Junior e Andrade Muricy foram muito importantes para Helena Kolody. Todavia, foi Paulo Leminski um impulso verdadeiramente efetivo a ela, não só por seus aconselhamentos e indicações, como também – e, talvez, sobretudo, ao lhe criar epítetos e divulgá-los pela imprensa, com os quais as representações analisadas neste trabalho ganharam forças. “Padroeira da poesia em Curitiba, como a chamei um dia e depois dezenas imitaram e repetiram, imitarão e repetirão”; “Bem-vinda sempre a luz dos teus olhos azuis à Cidade de Nossa Senhora da Luz” (LEMINSKI, 1987, s.p).

“Helena Kolody (ou Guélena Kolódy, para quem sabe) [...], tem 73 anos e o mais belo par de olhos azuis que já vi. Ah, seu eu tivesse nascido em 1911 como meu pai!” (LEMINSKI, 1985, s.p). Paulo aproximou-se de Kolody de uma maneira diferente. Ela já tinha sua obra impressa e difundida ao gosto de muitos paranaenses e os conselhos dele foram como um sopro da juventude.

Quando conheci no edifício São Bernardo, ali na rua Dr. Muricy, era mocinho com 20 anos, já era casado, e ele me descobriu no meu prédio, [...] isso foi na década de sessenta; eu já tinha quase 10 livros e ele vinha conversar comigo; e daí ele me contava daquela necessidade de comunicação, porque ele era uma pessoa comunicativa, embora tivesse assim um jeito meio fechado, ele era uma pessoa carinhosa que não se imagina. Então ele vinha conversar comigo, ele mostrava o que sabia, ele tinha nome em São Paulo antes de ter nome aqui, sabe. Me mostrou aquelas revistas do movimento concretista do Haroldo de Campos, lá dos irmãos Campos, onde ele já escrevia, quer dizer, eu lia aquelas revistas do movimento concretista através do Leminski. Então as vezes ele me dizia: - Dona Helena pra fazer Hai Kai eu estou estudando chinês, quer dizer ele estava compenetrado. Ele era uma cultura extraordinária e também ele queria que eu escrevesse dentro da linha moderna. Eu sou

de outra geração, então não posso, eu tenho que escrever a minha maneira. Agora eu amo os livros a minha maneira, a cada livro, você pode ver, vai ficando diferente, mais sintético, sempre é uma coloração mais ou menos atual, da época, mas eu sou da outra geração. Eu tenho quase todos os livros dele, daí ele começou a levar para mim os livros dele. (KOLODY apud SANTOS, 1989, p. 32).

Apesar de Kolody negar-lhe a inserção em um movimento modernista, foi assim definida por ele: “nossa padroeira é o poeta mais moderno de Curitiba, de uma modernidade enorme, uma modernidade de quase oitenta anos. Nenhum de nós tem a modernidade desse tamanho.” (LEMINSKI, 1985, s.p). Paulo Leminski encontrou em Kolody o que, a princípio, parecia ser incomum, mas que aos poucos foi entendido por ele.

Algo na poesia e na vida no produto e no processo, de Helena, me lembram o gaúcho Mário Quintana, a mesma pureza, a mesma entrega, a mesma singeleza, a mesma santidade. Mas Helena é mais enxuta, mais rápida, mais haikai que o mestre de Porto Alegre: Helena chega no gol com menos toques na bola. Periférica como Quintana, Helena passou esses anos todos meio intocada pelas novidades que fervilharam no eixo Rio-São Paulo, alquimista mergulhando sozinha até a essência do seu fazer lírico, até o momento em que, como diz ela, “O carbono lembra diamante”. (LEMINSKI, 1985, s.p).

As necessidades de Helena Kolody percorriam um todo. Sua cidade, suas alunas e sua família: “nossa padroeira nunca se casou. E viveu a vida toda com a mãe e as irmãs, seu tesouro eslavo de afetividade e dedicação.” (LEMINSKI, 1985, s.p). Necessidades estas que fora “santificando” Kolody e sua trajetória ainda em vida. “Tem certas manhãs azuis em Curitiba, mas tão azuis, tão azuis, que eu tenho certeza: Helena Kolody acordou cedo e olha por todos nós.” (LEMINSKI, 1985, s.p). Por ironia do destino, apesar de Leminski ser mais novo que Kolody, em 1989, ele acaba falecendo aos 44 anos, bem antes dela.

Conheci também o lado humano e afetuoso de D. Helena. Era ela grande amiga de Paulo Leminski, companheiro querido de minha filha Berenice. Paulo, acredito, comungava com ela o ideal sublime do amor a poesia que na ‘alma polaca’ de ambos existia, e assim estava ele sempre em contato com ela. Quando Paulo partiu, sem que ninguém, e muito menos sua companheira, por isso esperasse, o carinho que dispensou a minha filha com telefonemas constantes, contatos e poesias, representaram bálsamo para o coração sofrido dessa. O tempo passou, mas D. Helena, sempre que possível, se fazia presente na vida de Berenice, com palavras de amor e afeto. (MENDES, 2004, s.p).

Desde que se conheceram, Berenice era a terceira companheira de Leminski, este que já havia se casado por duas vezes, com Alice Ruiz, de 1968 a 1988, e Neiva Maria de Sousa, de 1961 a 1968. Alice, mãe dos filhos de Paulo, foi também próxima a Kolody, escrevendo sobre ela na imprensa. “Perdoa a falha dessa filha que não consegue falar de sua poesia, nem de você

com distanciamento crítico. O amor não deixa” (RUIZ, 1987, s.p). O apelido dado por Kolody a Leminski, é explicado por ela:

Deve ser porque é espinhento por fora e doce por dentro. O Leminski parecia às vezes agressivo, todavia, tinha uma polpa doce, ele era uma pessoa carinhosa. Tanto, que ele fez uma dedicatória para mim me chamando de mãe: “Mãe querida, nada como ter uma fada na vida.” E ele era sedento de saber, costumava ir fundo nas coisas. Veja que, para fazer haikai, ele primeiro estudou japonês, foi à origem dessa poesia tão antiga. E era um conversador que a gente podia ficar ouvindo o dia todo, sem cansar. É uma pena que tenha ido tão cedo. (KOLODY, 1995, p. 42).

Sobre o caminho até o Haikai, Helena Kolody atribui um primeiro conselho ao Andrade Muricy e, por sequência, um reforço de Paulo Leminski, já que este explicou para ela a origem desta poesia e mostrou que ela foi uma das pioneiras, ao escrever tal modalidade no Brasil.

Você vai muito melhor no poema curto, quer dizer, ele não me disse faça assim, não faça. Você quer encompridar e, às vezes, você dilui o poema, ou você repete. Quer dizer, só isso ele me disse e eu comecei a fazer poesia mais sintética. Depois, através do Paulo Leminski, eu conheci o concretismo e você veja, que ele muito mais moço que eu. (KOLODY apud SANTOS, 1989, p. 31).

Foram muitos anos até retomar o Haikai, apesar do conselho de Muricy de que ela era melhor nos poemas curtos. Ela relata: “Sou tão sensível à crítica que, muitas vezes, por causa de certas coisas que foram ditas, deixei de fazer haikai”. E foi através de Leminski que retomou essa escrita e, posteriormente, foi reconhecida pela comunidade nipo-brasileira como já contextualizado: “Só fiz o “Reika’ porque eles me deram o título e daí eu tinha uns poemas prontos e me animei a criar um livro.” (KOLODY, 1995, p. 43). Em 1986, olhando sua carreira poética, ela explica:

Os literatos e os críticos simplesmente ignoraram essa poesia que ninguém, ainda, estava fazendo no Paraná. No entanto, meus alunos, alunas principalmente, decerto porque eram muito jovens, e os jovens adoram novidades, gostaram muito. Tanto que a turma de 1943, se não me engano, ofereceu-me, como presente de aniversário, seis quadros, em pergaminho, com ilustrações dos três haicais de Paisagem interior, três quadros de Guido Viaro e três iluminuras de Garbácio. (KOLODY, 1986, p. 198).

Segundo Fontes (2012, p. 167), “Helena conta que se interessou pelo gênero através do Jornal de Letras e no aprendizado com a haicaísta paulista Fanny Dupré, com quem trocou correspondência e visitas (no livro *Pétalas ao Vento*, de 1949, Fanny dedicou haikai a Helena)”. O fato é que as poesias curtas de Helena Kolody, apesar desse triste distanciamento de alguns anos, renderam-lhe e rendem uma sempre lembrança na fala de seus admiradores, que as usam de diversas formas, principalmente afirmando ideias e posicionamentos que percorrem em vida.

Foi através de Paulo Leminski e um impulso na imprensa periódica também, pois as duas colunas que ele assina sobre Kolody, em 1985 e 1987, se inserem em um período de extrema ascensão da poetisa que começa a ter sua obra publicada por uma editora pela primeira vez. Tais escritas de Paulo reverberam por muitos anos, principalmente pelos epítetos dados a Kolody, como a “Padroeira da Poesia”. Entretanto, outro impulso masculino claro no período é de Roberto Gomes, citado logo na introdução deste trabalho, como aquele que viu em Helena Kolody o amor possível para Curitiba.

Apesar de todos os estímulos e impulsos destacados até o momento, ser publicada com toda certeza foi algo de extrema importância a Helena Kolody, o que ela mesmo explica: “Eu tenho muito para agradecer. Foi ele, com a sua editora, a ‘Criar’, que divulgou a minha poesia para o Brasil todo”. (KOLODY, 1995, p. 46). Tal feito se deu pelo valor aos poemas curtos, “Os poemas cuja brevidade revelam uma condensação desde sempre pensada. É isso que faz com que todos se apaixonem”. (GOMES, 1987, s.p).

Posteriormente, um fato também publicado nos jornais e entrevistas foi a reação de Helena Kolody: “‘não sei se vai dar. Estou sem dinheiro, não posso pagar’, disse a ex-professora do Instituto de Educação ao receber o convite de publicação de Roberto Gomes. Acostumada a bancar as edições de seus livros com o salário de docente do estado.” (BRITTO, 2001, s.p), esse convite representou para Kolody um divisor de águas em sua carreira como poetisa.

Quando foi em 1985, me procurou o Roberto Gomes, ele veio me procurar, veja, um catarinense! Da Editora Criar, procurou-me para publicar. Tinha editora aqui também, mas nunca se interessaram. Daí ele disse: - Dona Helena, não tem algum livro que a senhora queira editar / Criar/ e a criar. Eu disse eu tenho um livro, mas quanto é que eu vou pagar, ele disse assim: - Não paga nada. Aí eu fiquei assustada porque era a gente que pagava. (KOLODY apud SANTOS 1989, p. 35).

Na perspectiva ainda explicada por Gomes, o investimento se dava à cultura curitibana. “Quando lançamos Helena, a ideia não era apenas mostrar seus poemas, mas dizer que Curitiba (que não tem relação de amor com as pessoas que nela circulam) precisaria amar alguém e que essa pessoa era Helena Kolody” (GOMES, 2000, s.p).

Durante vários anos ficou a cargo de Helena Kolody tais impressões, lançamentos e publicações, sendo a Editora Criar, de Roberto Gomes, não só por ser a primeira, mas sim por todo apoio que lhe deu, de fundamental importância para seu reconhecimento intelectual, que veio muito associado à produção do mito que o próprio Roberto Gomes se encarregou de criar, embora não tenha feito isso sozinho: “A poetisa paranaense mostrou-se de grande júbilo, ao

informar que já editara doze livros e que aquele era o décimo terceiro, e está sendo lançado pela Editora Criar Edições” (GOMES, 1985, s.p).

Foram alguns poemas e livros inéditos, mas as coletâneas ganharam grande repercussão. “Em boa hora, a editora Criar está lançando a obra completa de Santa Helena. ‘Viagem no espelho’. Trata-se de uma edição primorosa no aspecto gráfico, englobando todos os livros da autora. Pelo menos até hoje.” (MANUEL, 1989, s.p).

E, como sempre, Kolody fez questão de compartilhar suas obras, assim ela o fez: “‘Viagem no espelho’ mandei um exemplar deste livro para Portugal e a pessoa que recebeu ficou surpresa com a qualidade da edição, é um livro que me faz voltar no tempo, vai me remoçando...” (KOLODY, 1995, p. 46). Posteriormente, outras obras ainda foram publicadas pela Editora, como uma coletânea com 70 haicais, dos quais 16 eram inéditos em livro (MINIMOS..., 2001, s.p).

O fato de começar a ter uma intensa publicação de sua obra poética traz ganhos para Helena Kolody que, segundo ela: “Começa a ser mais conhecida...Ontem me telefonou uma que comprou a ‘Poesia Mínima’, em Recife na livraria de lá, quer dizer nunca tinha ido tão longe assim. Eu tenho correspondência também lá do território do Acre.” (KOLODY apud SANTOS, 1989, p. 35).

Quando questionada sobre a importância de Roberto Gomes, como escritor e diretor da editora da Universidade Federal do Paraná, para sua projeção, ela explica: “ajudou! E foi ele que, pela editora da universidade, publicou o livro, que consta da relação que os alunos consultam. É por isso que tem saída e me procuram.” (KOLODY, 1998, p. 29). Como Gomes cita, por mais que conhecesse Helena Kolody anos antes da primeira publicação por sua editora, a importância de começar a publicá-la se devia ao fato de perceber que Curitiba, como um ponto cultural, precisava de um símbolo para se identificar, para amar, e como aqui já dissemos, esse alguém já existia dentro do campo educacional e poético feminino paranaense, só não havia sido potencializado pela força de uma edição.

Apesar deste capítulo abordar as presenças e estímulos de alguns homens proeminentes, cada um em seu espaço, na trajetória de Helena Kolody, consideramos que o êxito de seu projeto se deve, fundamentalmente, a dois caminhos nos quais investiu (que são ao mesmo tempo duas categorias de análise): a primeira, que tornou possível a abertura de portas e produziu o mito Helena Kolody – a imprensa; a segunda, em torno do qual Kolody se construiu ao longo de sua vida – sua rede de sociabilidade – que também figura, de certo modo, na imprensa.

Nesse sentido é importante ressaltar a importância de alguns jornalistas em sua trajetória, cujas matérias serviram de estímulos para que ela continuasse desenvolvendo sua

veia poética, mas, para além disso, foram se constituindo como uma rede de afetos e partilhas em torno de um ideal sensível em comum. O primeiro nome responsável por tal impulso é Temístocles Linhares (1969, s.p):

Eu mencionaria até uma mulher, que nos deu em 1967 a sua Antologia Poética, seguindo a moda que já se implantou no Brasil [...]Tenho quase certeza de que V. não a conhece, ou melhor não conheceu a sua obra, pois ela parece que timbra em não divulgá-la, em fazê-la passar despercebida [...] embora ela diga que sua vida tenha sido ‘largo rio de águas mansas, de curso sempre igual’, a sua trajetória de poeta já percorreu várias estradas. Não porque tenha vindo do romantismo, ainda presente em muitos de nossos poetas, ou porque tenha desembocado em qualquer tipo de poesia de vanguarda. As suas mudanças têm sido realizadas mais através de suas hesitações secretas, à custa de muito esforço [...].

O jornalista percorre duas edições de sua coluna para expor a importância dada por ele a uma *poeta que o Brasil precisava ouvir*. “Helena Kolody mostra ‘caráter’ em sua inspiração. O seu caráter, a sua autêntica maneira de ser [...] O homem, afinal, tem de recriar o necessário, à custa da trágica simplicidade.” (LINHARES, 1969, s.p).

Temístocles foi um dos primeiros a escrever sobre Kolody, outros que também o fizeram sem, no entanto, terem seus direitos reservados de publicar-se como autores. Entre os pouquíssimos jornalistas que aparecem com seu nome divulgado anteriormente a 1985, temos Raquel Amaral (1978, s.p), que escreve: “Não tenho dúvida em apontá-la como uma das maiores poetisas vivas do Brasil.” E, também, Sergio Rubens Sossélia (1983): “os seus versos cromáticos (com larga predominância do azul) são preces veiculadoras do pedido e da resposta, rezas ardentes revelando sonhos, meditações profundas e apaixonadas entre a angustia e a esperança.” (SOSSÉLIA, 1983, s.p). Esses personagens acabam por representar os outros que já a divulgavam sem nenhuma hesitação.

Aramis Millarch dedica-se a escrever sobre Helena Kolody várias vezes dentre os anos de 1988 a 1990, veiculando ainda mais a ascensão de seu projeto com as publicações da Criar, mas sem, no entanto, esquecer os devidos reconhecimentos da sua trajetória: “Respeitada por gerações como uma das mais marcantes mestras do Instituto de Educação do Paraná” (MILLARCH, 1988, s.p).

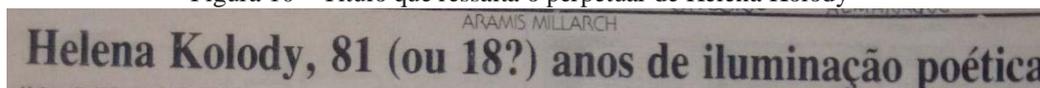
Nos últimos meses ela tem sido requisitada para entrevistas, depoimentos, mesas redondas. São jovens que a querem ouvir, jornalistas que a procuram, estudantes que se debruçam sobre seus poemas em trabalhos escolares ou simples leitores que, emocionados pela beleza de suas palavras impressas, buscam a autora. A todos, atende com a maior habilidade, simpatia e generosidade.

Millarch, assim como os outros jornalistas, contribui para as representações de Kolody que a favorecem na imprensa periódica: “Dona Helena é toda ternura e emoção” (MILLARCH, 1988, s.p); “Como tudo que se refere a dona Helena Kolody merece nossa maior admiração.” (MILLARCH, 1989, s.p). E acaba colocando a Kolody que agrada, à disposição de todos, com suas atitudes de intelectual:

Simples e modesta assusta-se com o reconhecimento profissional de seu trabalho. Quando o editor Roberto Gomes, da Criar, a procurou há dois anos, para publicar ‘Sempre Palavra’ surpreendeu-se: ‘-Pela primeira vez não precisei pagar para publicar meus livros’ Surpresa maior ainda quando, há alguns meses, recebeu, [...] Cz\$ 1.500,00 pela publicação de um de seus textos no Nicolau, mensário editado pela Secretaria de Cultura.” (MILLARCH, 1988, s.p).

Para a Imprensa, a senhora idosa era ainda uma jovem, dentro do que poderia proporcionar com a sua palavra, conforme exemplifica a Figura 10:

Figura 10 – Título que ressalta o perpetuar de Helena Kolody



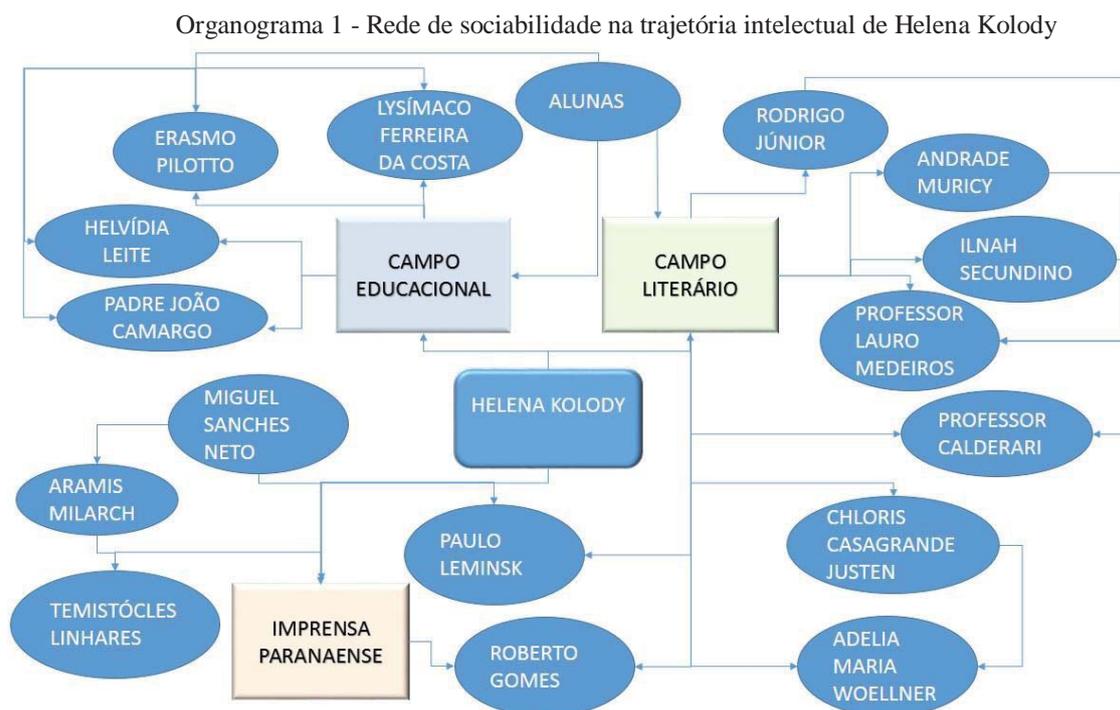
Fonte: *O Estado do Paraná*, 31 mar. 1990.

Foi enobrecendo a sempre modernidade e aceitação da obra poética de Kolody que Millarch inverte sua idade e ressalta sua ascensão, como se perpetuasse pelos anos: “Helena é brilho, luz, magia – que a faz, há muito, não só a grande poeta do Paraná, mas uma das maiores do Brasil. [...] hoje merecidamente, tendo sua obra reconhecida nacionalmente.” (MILLARCH, 1990, s.p).

Ainda falando da imprensa paranaense, outros acabaram por escrever várias e intensas vezes sobre Helena Kolody. Um deles foi Miguel Sanches Neto (1996b, s.p): “O que importa é que a síntese, no seu caso específico, faz com que o põem se transforme, no ato da leitura, numa faísca poderosa capaz de incendiar tudo que o rodeia.”

É claro que Sanches Neto era um admirador declarado da obra de Helena Kolody e sem nenhum distanciamento também reforçou a representação da poetisa que agrada sem, no entanto, contextualizar devidamente a intelectual, apesar de muito se aproximar disso: “Este papel de modernização ocorreu naturalmente, não sendo portanto fruto de um projeto. Esta é, a meu ver, a posição da obra de Helena Kolody no painel das letras locais.” (SANCHES NETO, 1996a, s.p).

As pistas deixadas nos depoimentos, nas notas nos jornais, nos títulos concedidos, nas homenagens prestadas, nos agradecimentos sempre presentes nas falas da própria Kolody vão indicando suas principais interlocuções, a partir de experiências distintas, mas que lhe deram suporte e viabilizaram, a partir dos muitos e diferentes lugares que ocuparam. Nesse caminho, foi possível traçar uma pequena rede, que reflete os nomes com maior peso, neste percurso de discussão, conforme o Organograma 1:



Fonte: criado pela autora, 2018.

Mas, uma trajetória construída entre a educação e a poesia não pode prescindir de suas alunas como parte fundamental de sua rede de sociabilidade. Por meio delas explorou o sentido educativo da poesia e foi alçada a estatuto de mestra.

À docência, Kolody atribuiu e atribuía muitas coisas, como ela mesma destaca: “No magistério, espalhei sementes de conhecimentos na seara de meus alunos. Mas, aprendi com eles a alegria de viver, a fé no futuro, **a coragem de lutar por um ideal.**” (KOLODY, 1997a, p. 1, grifo nosso). Tal ideal foi divulgar sua obra poética escrita: “Não morrerei, enquanto houver alguém que lembre um gesto, um riso, um verso meu. A morte verdadeira é o esquecimento.” (KOLODY, 1987, p. 3), perpetuando desta maneira todas as mensagens que calavam no coração daquelas normalistas:

Aprendi, principalmente, a usar a palavra, meu instrumento de trabalho e de arte literária. A poesia ensinou-me a magia da palavra, seu poder criador, seu sortilégio transfigurador da realidade. **No magistério, aprendi a responsabilidade da palavra.** Tudo aquilo que se diz tem um valor presente e um alcance futuro incalculável. O que o mestre diz marca o aluno. [...] Quantas vezes gostaríamos de fazer voltar a roda do tempo e recuperar algo que dissemos! Mas, palavras são pássaros. Voaram! Não nos pertencem mais. (KOLODY, 1987, p. 3, grifo nosso).

Aos seus alunos, Helena Kolody atribuía até o que não fez: “Eu amava tanto o meu trabalho de professora e meus alunos que nunca tive coragem de deixá-los para fazer cursos no exterior.” (KOLODY apud SANTOS, 1973, p. 7). Ela relata a importância que tinha o Instituto de Educação para ela: “Para o meu coração, a alma de Curitiba era a Escola Normal. Sempre adentrei seu recinto com uma profunda sensação de plenitude. (KOLODY, 1987, p. 2). E tal importância é explicada a suas alunas da seguinte maneira:

Podemos comparar a escola com uma árvore que cresce pelas raízes e pelos ramos. Pelas raízes assenhoreia-se das tradições, dos valores consagrados. Pelos ramos conquista caminhos novos, numa incessante busca de melhor ajustamento a uma sociedade em contínua transformação. E o professor é a seiva dessa árvore. Da qualidade da seiva depende a qualidade dos frutos. (KOLODY, 1958, p. 7).

Aplicava a cada discurso a relevância do trabalho docente que, ao mesmo tempo, é sua maior alegria e, também, sua maior responsabilidade: “Um professor não é apenas responsável pelo seu destino, mas, em certa medida, é responsável pelo destino daqueles cuja educação lhe foi confiada.” (KOLODY, 1958, p. 4). E, a cada encontro, principalmente os festivos, os agradecimentos transbordavam:

Obrigada por todas as alegrias que me deram ao longo desses 35 anos. Naqueles distantes dias do curso normal, eu retemperava a alma no convívio com vocês, absorvia sua fé, sua confiança no futuro. Enchia-me de uma coragem nova para enfrentar meus problemas de cada, naquele período crucial de minha vida. E vocês, como o sol, ignoravam a vida que me davam. Deus as abençoe por isso. Do fundo do coração, lhes digo: Obrigada pelo amor de vocês. (KOLODY, [19--]d, p. 2).

É fato que Kolody sabia a importância que seu posicionamento teve na vida das suas alunas “Não basta bem informar, é preciso formar para o bem.” (KOLODY, 1968, p. 2). E sinaliza para as recompensas: “Mas a vida duma educadora não é apenas um contínuo doar; é também um incessante receber, toda criança gera, inspira sacrifícios, cria uma límpida atmosfera de alegria e de apaixonado interesse pelas coisas.” (KOLODY, 1956b, p. 5).

Helena Kolody, por várias vezes enfatizou e reconheceu a aliança entre poesia e educação, como vemos em algumas entrevistas: “Eu sempre procurava misturar a poesia nas coisas de escola, dar um jeito.” (KOLODY, 1998, p. 25); “Em quase todas as minhas poesias,

há um resquício de professora, essa sombra da professora, porque sempre tem uma mensagem, essa coisa que fica.” (KOLODY, 1998, p. 29); “Se você olhar bem a minha poesia, verá que tem sempre qualquer coisa de didática, não tem? Ela tem sempre uma mensagem oculta, real e tudo o mais”. (KOLODY, 1995, p. 35).

Kolody conheceu seu instrumento ainda criança, o que foi relatado por ela: “Desde criança **eu amava as palavras.**” (KOLODY, 1986, p. 192, grifo nosso). Fato que refletiu em sua vida, transformando até aquilo que não era bom em algo muito positivo: “É preferível uma solidão vibrante uma solidão tomada de sonhos.” (KOLODY apud SANTOS, 1989, p. 38). E tal solidão em Helena Kolody foi a mais populosa possível. Suas alunas transformavam-se em admiradoras e, com o passar dos anos, contribuíram para transformar essa admiração em reconhecimento:

Ao longo de meu caminho de poesia, sempre encontrei compreensão e apoio de escritores ilustres, cujos nomes deixo de citar, para não incorrer em erro de omissão. Também, amigos, colegas e alunos trouxeram-me o calor de seu entusiasmo, cego talvez pelo afeto, mas sempre estimulador. Sinto-me em dívida com todos, por ter realizado tão pouco. (KOLODY, [19--]f, p. 1).

Mas nessa relação que se constituiu pelas partilhas, ao ser indagada sobre o que ela queria deixar para essas tantas pessoas que a apoiaram e para as gerações futuras, a intelectual afirma:

Eu acho que hoje a nossa vida é muito tecnológica e parece que muita gente se esquece de sonhar sempre, e criar arte, não só pela palavra, porque a poesia é uma arte pela palavra. Toda arte é o exercício da imaginação, é um voo do sonho. Todo artista sonha viver a palavra. E sonhar é tão importante como raciocinar, quer dizer, a luta pela vida exige um trabalho racional, etc...Mas não esqueçam de sonhar, guardem sempre um pedacinho de paraíso para vocês sonharem e fazerem a sua arte, porque eu não acredito que a gente não tenha; [...] procurem descobrir a sua estrela, que seja da poesia, da pintura ou da música. (KOLODY apud SANTOS, 1989, p. 37).

Podemos dizer que Helena Kolody foi uma intelectual que construiu sua trajetória profissional entre a educação e a poesia, foi inserida e inseriu-se em meios que lhe proporcionaram contatos que foram verdadeiros impulsos a cada ação constituinte da sua ascensão. Ao fim, podemos dizer que seu projeto acabou por se tornar um projeto de muitos que acataram a proposta e encontraram na professora e na poetisa alguém para amar, contribuindo e reforçando a consolidação de um mito.

3.1 O ENDOSSO DA SOCIEDADE PARANAENSE NAS HOMENAGENS E PRÊMIOS À HELENA KOLODY: O LOGRO DE UM PROJETO E O RECONHECIMENTO ALCANÇADO

GESTAÇÃO

*Do longo sono secreto
na entranha escura da terra,
o carbono acorda diamante*
(Helena Kolody, 1985)

A trajetória que pretendia ser um “fio d’água silencioso”, pareceu para a poetisa, ter se tornado um “sono secreto na entranha escura da terra”. Foi como uma gestação, de quase sessenta anos, considerando o seu primeiro poema, “Lágrima”, mas que, apesar de ingrata e demorada, em 1985, “o carbono acordava diamante”, e o reconhecimento toma proporções inimagináveis, com múltiplas homenagens à poetisa ainda em vida.

Escrever sobre as homenagens e prêmios que Helena Kolody recebeu ao longo de sua vida é necessário, pois é parte integrante da expressão de reconhecimento intelectual por parte da sociedade, que em muito foi potencializada por suas redes de sociabilidade. Dessa forma, a pesquisa torna-se, como cita Alves (2012, p. 113), “um ato cultural que comporta não só a criação, mas, igualmente, a circulação.” Tendo na circulação dessas homenagens uma via importante na legitimação de intelectuais, como aconteceu também, por exemplo, com Erasmo Pilotto:

Essa profusão de homenagens, menções e estudos que destacam a intervenção de Pilotto como intelectual no cenário cultural paranaense é um importante indício da sua forte presença na cena pública, destacadamente entre os anos de 1930 e 1980; bem como da permanência de memória em torno das suas ideias, exemplos e ações educativas. (VIEIRA, 2015a, p. 77).

Como já mencionado, a imprensa periódica foi imprescindível na trajetória intelectual de Kolody, também no sentido de dar visibilidade às homenagens que a professora e poetisa recebeu. Mesmo algo simples como uma poesia sua estar impressa no bilhete da Loteria Federal, por uma gravura de Denise Roman, ganhou espaço no jornal *O Estado do Paraná* em 1997. Para seus admiradores, como Valério Hoerner Júnior (1990, s.p), membro da APL, a

explicação é de que “Como se trata de homenagem – e todas as que se fizerem a Helena Kolody serão sempre poucas, embora todas justas.”

Antes de sua publicação pela editora Criar em 1985, Helena Kolody já era reconhecida, principalmente, entre as mulheres da poesia paranaense, os professores e incentivadores da cultura local, mas a intensa admiração era de suas alunas. Apesar de sua poesia ter sido mais veiculada e ficado conhecida pela palavra escrita, a apropriação de suas letras pela música e as outras representações artísticas sempre existiram. Ao ser perguntada que poemas seus foram musicados, ela explica:

O primeiro foi "Prece" [...] Em 1950, Babi de Oliveira, uma cantora carioca, musicou e cantou o poema em seus recitais. [...] No dia 29 de outubro de 1965, num concerto de composições de Helza Cameu, apresentado pelo Círculo De Arte Vera Janacópulos, no auditório do Conservatório Brasileiro de Música, no Rio, foram interpretados os seguintes poemas de minha autoria: "Prenuncio de outono" e "A sombra do rio", cantadas por Hermelindo castello Branco e "Múscia Eterna", cantado por Maria Sylvia Pinto. Além desses, Helza Cameu musicou os meus poemas "Ilusão", "Crepúsculo de abril", "Sobrevivência", "Canto" e "Entardecer" [...] Aqui em Curitiba o maestro Wolf Schaia musicou muitos poemas meus. Recentemente, "Carroça de tolda" foi cantado na Sociedade Ucrâniana, com música e interpretação do coral de Pedro Kutchma. (KOLODY, 1986, p. 194).

É importante salientar que mesmo sem um apoio de grandes editores no início de sua carreira, Helena Kolody sempre esteve inserida em redes que a favoreceram e, como vimos, isso não foi um empecilho para ela divulgar seu trabalho. Dois de seus três primeiros livros, impressos em 1941 e 1951, foram premiados:

‘Paisagem Interior’, seu primeiro livro e que ganhou o 2º lugar no concurso Ana Cesar, da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil, realizado no Rio de Janeiro; ‘A Sombra no Rio’ que recebeu o 3º lugar no concurso realizado pelo Centro de Letras do Paraná. (SEMPRE..., 1985, s.p).

Relembremos alguns fatos já evidenciados neste texto, mas que ainda se referem a este período: Helena Kolody teve, em 1974, sua entrada para a Academia Feminina de Letras; em 1979, um poema seu, *O Maquinomem*, fez parte do vestibular da UFPR; e, em 1983, ela recebeu a medalha de mérito literário, oferecida pela prefeitura de Curitiba.

Muitas homenagens se referiram aos seus aniversários. Estas eram, inicialmente, promovidas por suas redes de sociabilidade. Para Alves (2012, p. 118), “[...] os elementos que organizam a sociabilidade são, também, analisados na sua historicidade.” Uma dessas associações acontece pelo Centro Paranaense de Letras, o qual fez uma homenagem nos 86

anos de Helena Kolody com entrega de placa para lembrar o momento. (CENTRO..., 1998, s.p).

Em segundo lugar, temos a CPFC que sempre apoiou as poetisas, inclusive Helena Kolody, já abordado anteriormente, o que se intensificou com o passar dos anos, pois Kolody tornou-se um exemplo para todas as centristas ao ser reconhecida. Seus aniversários passam, então, a ser eventos. Aos 87 anos, Kolody (1999, p. 1) faz um discurso:

agradecer puxando a orelhinha da minha querida Chloris Casagrande Justen porque ela é que foi responsável por isto, ela que reuniu todos aqui. Estou maravilhada por que fiquei conhecendo a extensão da realização artística de todos[...] Como vou agradecer? A minha vida quando cheguei aqui, era um deserto, ainda mais hoje que estou sofrendo bastante dor. Era um deserto, onde só havia cactos espinhentos e quando a festa começou choveram palavras de vocês na minha solidão, no meu deserto, e nasceram flores [...] Nada mais me dói, eu remoei, e só Deus pode agradecer para vocês.

Figura 11 – Helena Kolody com centristas no CPFC



Fonte: Arquivos do CPFC, [199-].

Apesar de Helena Kolody fugir de tais eventos (12 de Outubro era uma data de passeio para ela), acabou tendo que desistir dessas fugas, pois com o passar do tempo, ela percebeu que uma semana fora de casa ainda não seria suficiente. Como aconteceu no ano de 1992, quando seus 80 anos foram comemorados de várias maneiras em Curitiba:

Os dois concertos do projeto ‘música no parque’ serão dedicados a Helena Kolody [...] A feira do Poeta promove ‘falações poéticas’ com poesias de Helena Kolody [...] a banda Lyra fará uma serenata ao cair da tarde, em frente ao prédio do seu apartamento [...] recital de Piano[...] lançamento do filme ‘A babel da Luz’[...] distribuição de cartazes com poemas de Helena Kolody, fixação de 500 em taxis e 1600 em ônibus, terminais, escolas...[...] dez outdoors[...] clips poéticos na TV independência. (TEM..., 1992, s.p).

O ano de 1992 foi realmente muito intenso para Kolody, e a semana de seu aniversário mais ainda, o que o *Jornal do Estado* chegou a nomear como maratona: “Mesmo antes de seu aniversário já cumpriu uma verdadeira maratona, com coquetel, concerto e missa. A cidade está em clima de poesia” (MARTINS, 1992, s.p). Clima de poesia que se repetia todo 12 de outubro:

Amanhã é um dia especial. Helena completa 88 anos. A cidade se engalana, círculos intelectuais se organizam e ela se esquia. Modestamente se esconde e explica: “Quando se tem a minha idade as datas festivas são muito tristes. A saudade é enorme, gostaria de estar com os que se foram, como é impossível prefiro ficar só...” (SANTOS, 2000, s.p).

Apesar de tantas homenagens estarem ligadas a sua carreira como poetisa, a rede educacional nunca esteve atrás. Ao ser perguntada sobre uma lembrança alegre em sua trajetória, ela relata: “Meu cinquentenário (12-10-1962), quando alunos meus, numa festa no querido Instituto de Educação, ofereceram-me, com dedicatória, comovente, a edição de minhas poesias completas.” (KOLODY, [19--]f, p. 1). Segundo Bueno (2003, p. 212),

A participação feminina no mundo literário paranaense se evidenciou desde o final do séc. XIX, destacando-se a poetisa Julia da Costa e ampliou-se no séc. XX com o ingresso de muitas outras mulheres, grande parte delas professoras normalistas. A acentuada presença dessas jovens normalistas no universo da poesia nos leva a constatar o significado das escolas de magistério para a mulher ascender ao mundo da escrita, e desta forma, viabilizar possibilidades para expressar opiniões, ideias e projetos intelectuais.

E Miguel (1997, p. 81) destaca que “considerava-se como de fundamental importância o exemplo dos mestres que atuavam no curso de magistério, o desenvolvimento dos alunos no hábito de sempre darem às atividades um objetivo social.” Nesse caminho, como já vimos, Kolody foi por diversas vezes paraninfa e ainda em vida também patrona de escolas e biblioteca, dos quais destaco o Grupo Escolar Helena Kolody, sobre o qual ela falou: “fui para vocês apenas um nome no cabeçalho dos cadernos e um retrato no gabinete da Diretora D^a Iracy. Por isso, eu quis vir, pessoalmente, dizer a vocês que há um lugar especial, em meu coração, para as crianças desta escola” (KOLODY, 1964, p. 1).

Em outra entrevista, ela conta: “estive em Terra Boa há pouco tempo, e me receberam muito bem lá, o colégio estadual tem o meu nome. Tem também [...] muitas bibliotecas por aí.” (KOLODY, 1998, p. 29). E sobre as bibliotecas a *Gazeta do Povo* escreveu: “foi inaugurada na tarde de quarta-feira, a Biblioteca Helena Kolody, da Escola Nice Braga, mantida pelo IPE -

Instituto de Previdência do Estado” (NO IPE..., 1988, s.p); “a biblioteca do Colégio Novo Ateneu, em Curitiba, recebeu o nome da poetisa” (MARTINS, 2004, p. 3).

Roberto Nicolato (1999, s.p), escreveu sobre uma outra forma de homenagem que Kolody recebera: “cerca de 300 alunos do Pré a 4ª série da Escola Municipal São Luiz, em Curitiba. A crianças cantaram, fizeram entrevistas e declamaram alguns dos poemas da escritora que serviram de tema para pinturas feitas na fachada da escola.”, conforme Figura 12:

Figura 12 – Helena Kolody com 86 anos sendo homenageada em escola.



Fonte: *Gazeta do Povo*, 29 set. 1999.

Homenagem que se repetia, já que Helena Kolody estava agora no currículo escolar da cidade, e em diferentes níveis e modalidades representava o “amor à Curitiba” e motivava seus leitores a uma intensa admiração:

Helena recebeu da secretária da Educação Liette da Rocha Blume um exemplar da obra didática ‘Lições Curitibanas’. Liette agradeceu, em nome da Prefeitura, o gesto da poeta em ceder os direitos autorais de seus poemas incluídos no livro[...] Helena elogiou a obra em seu aspecto pedagógico[...] Disse ainda que o grande valor do trabalho está na finalidade de ‘despertar nas crianças o amor pela sua cidade’. (HELENA..., 1994, p. 6).

E, assim, a cada trabalho dentro de sala de aula, uma homenagem surgia, e a intelectual não deixava de comparecer ao chão dessas instituições que tanto lhe “remoçavam”: “um livro com poemas e desenhos, elaborado por alunos de uma escola da periferia de Curitiba. Esse foi

o presente que a poeta paranaense [...] recebeu ontem de manhã das mãos das próprias crianças.” (ARAGÃO, 2000, p. 5).

Apesar da atuação de Helena Kolody ter sido no ensino secundário, com a formação de normalistas, houve outras homenagens que demonstraram a admiração que ela teve no ensino superior, como em uma formatura de letras na Universidade Tuiuti do Paraná (Fig. 13): “Turma Helena Kolody’, de Letras Português-Inglês, da Tuiuti [...] A homenagem prestada a um vulto ímpar, belíssimo, das letras brasileiras, a poeta Helena Kolody, jovial nos seus 85 anos” (TURMA..., 1997, s.p).

Figura 13 – Helena Kolody homenageada pela turma de Letras que levou seu nome.



Fonte: *Gazeta do Povo*, 30 mar. de 1997.

O nome de Kolody foi cada vez mais veiculado e as homenagens eram planejadas e organizadas por seus admiradores, como as tentativas de entrada para Academia Brasileira de Letras e as campanhas para tradução de seus poemas, na intenção de internacionalizar sua obra. O que, é claro, acabou chegando até o ensino superior do país de origem de seus familiares, visto que Helena Kolody também estreitou relações com a sociedade ucraniana em Curitiba.

A poetisa Helena Kolody costuma surpreender-se com as homenagens que lhe fazem habitualmente. Porém disse que quase caiu de costas, quase desmaiou quando foi comunicado a ela a campanha que está sendo encetada para que a Universidade de Kiev, na Ucrânia, tenha implantada uma cadeira de assuntos brasileiros com seu nome

[...] Túlio Vargas (presidente da Academia Paranaense de Letras) afirmou que a proposta[...] tem na liderança Marcos Vinícios Vilaça, da Academia Brasileira de Letras[...] (LEITE, 1995, s.p).

Mas, para além do campo educacional, considerando que após 1985 as homenagens se intensificaram e passaram a ser desde coisas muito simples e cotidianas até outras mais elaboradas, resumiremos um pouco tais fatos e já outros daremos mais ênfase, pois, como cita Chartier (2002a, p. 25): “Leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: ela é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo ou com o outro. É por essa razão que devem ser reconstruídas as maneiras de ler próprias a cada comunidade de leitores.”

Helena Kolody foi homenageada no Teatro, como na peça “Helena Kolody, Uma Mulher”, dirigida por Marcelo Marchioro e interpretada pelos alunos da Oficina Livre de Teatro do Museu da Imagem e do Som, apresentado no Teatro Guaíra em 1990. Também recebeu homenagens em exposição de fotos, como “Helena Kolody-Perfume da poesia” na casa Romário Martins em 1986 e com fotos de Sérgio Sade em 1993. Com poemas recitados com coordenação de Dolores Pires, na praça Garibaldi em 1987, bem como poemas escritos: “Noventa poesias estarão no hall da Biblioteca Pública até o próximo dia 15 na mostra 90 vezes Helena Kolody. Outras preencheram balões brancos que tomaram conta do Céu do centro da cidade.” (SAIKI, 2002, s.p). Além de artes plásticas, como no painel desenhado por Isabela Zanchi e confeccionado pelo artesão Luís Gabardo em 1989.

Mais direcionadas a sua obra poética, Kolody teve o concurso de poesias com seu nome e tarde de autógrafos organizada pelo conselho da mulher executiva em 1992. Já, em 1997, suas poesias começaram a ser veiculadas em CD, recitadas por ela mesma e seu livro *Luz infinita* ganhou uma edição bilíngue, em português e ucraniano, uma homenagem que não foi fácil, como já contextualizado: “*Viaggio nello Specchio*. Foi lançado pela Tipografia Editrice Pisana, rapidamente adotado por alguns professores da Universidade de Pisa e, de acordo com as boas notícias que chegam de lá, está vendendo razoavelmente bem” (PELANDA, 2003, s.p).

Um fato importante também a se pensar é a admiração de pessoas que compunham essas redes por Kolody e acabam-na difundindo principalmente pela imprensa periódica. Quanto mais veiculam, mais homenageada é e os prêmios tomam proporções cada vez maiores. Para Sirinelli (1996, p. 252-253),

a sociabilidade também pode ser entendida de outra maneira, na qual também se interpenetram o afetivo e o ideológico. As redes secretam, na verdade, microclimas à sobra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E assim entendida, a palavra

sociabilidade reveste-se portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo redes que estruturam e microclima que caracteriza um microcosmo intelectual particular.

Dessa maneira, entendemos que os prêmios recebidos por ela foram, sim, reconhecimento de seu trabalho. Porém também fizeram parte desse microclima, da inserção afetiva e ideológica de uma personagem “exemplo” nos meios que a formaram.

Como já vimos, 1992 foi um ano de intensas homenagens, pois ocorreu a entrada de Kolody na Academia Paranaense, como noticiado em jornal: “dia 25 de março, a Academia Paranaense de Letras recebeu, cordialmente, fraternalmente, em seu meio, a poeta Helena Kolody” (HELENA..., 1992, s.p). Além disso, teve o lançamento de sua história no cinema, que em dezembro recebeu o título de melhor curta-metragem do Festival de Brasília e pôde, no mínimo, instigar o conhecimento da obra da poetisa paranaense pelo público fora de seu estado. Conforme publicado, “o cineasta Sylvio Back lança hoje na 16ª Mostra internacional de Cinema de São Paulo o curta metragem ‘Babel da Luz’” (SÍLVIO..., 1992, s.p).

É interessante a fala de Eduardo Trevisan (apud LEITE, 1997a, s.p) que explicou que “o título de Cidadã Benemerita foi dado a poeta e professora porque é impossível dissociar uma coisa da outra”. Apesar de poeta vir antes, ao menos nesse título foi ressaltado a importância de entender Kolody por completo, entretanto, seu posicionamento nunca muda. “Helena Kolody[...] acredita que mais uma vez é beneficiária do afeto alheio” (LEITE, 1997a, s.p).

Apesar de todos os prêmios já citados, houve outro que destacou o fato de Kolody ser professora, em “Sessão pública solene do Conselho Universitário da Universidade Federal do Paraná (UFPR) a concessão do título de *Doutor Honoris Causa* a poeta e professora.” (DOUTOR..., 2003, p. 4). Este título teve um peso maior na vida de Helena Kolody, pois sempre enfatizou que só havia feito o magistério e não ingressou na faculdade. Um ano antes de sua morte, aos 91 anos, ela recebe tal homenagem (Fig. 14):

A homenagem foi sugerida pela atual vice reitora da UFPR, Maria Tarcisa Silva Bega, e tem como objetivo reconhecer o trabalho da educadora que representa a presença feminina na Academia Paranaense de Letras [...]Visivelmente comovida, a poetisa foi breve em seu discurso, agradecendo familiares, amigos e colegas pelo companheirismo durante tantos anos. ‘Me honro muito com a homenagem dessa Universidade de grande prestígio’, disse. Terminou sua fala com um de seus poemas: ‘Por tudo aquilo que foi e podia ter sido, bendita a graça de ser’. (SABBAG, 2003, s.p).

Figura 14 – Helena Kolody homenageada pela UFPR com o título de Doutor Honoris Causa



Fonte: *Gazeta do Povo*, 09 maio 2003.

Kolody construiu uma trajetória que lhe proporcionou muitas homenagens e, assim, ela pôde receber diversos prêmios, o que satisfaz muitos de seus pares que abraçaram seu projeto intelectual ao longo de sua vida. Mas, no dia 14 de Fevereiro de 2004, Helena Kolody faleceu: “Helena ainda recitava muitas de suas poesias ‘Ela entrou na UTI dizendo versos’, contou Chloris Casagrande Justen.” (JUSTEN, 2004, s.p). E seu funeral, aqui também pode ser considerado um momento de intensas homenagens:

O Funeral de Helena Kolody foi diferente! Muitas e muitas coroas. Gente...Muita gente. Comum. Importante muito importante. Jornalistas, fotógrafos e gente da televisão[...] Gerson humildemente. Falando com respeito emocionado, cientificou aos presentes, o porquê de sua presença. Em vida, HELENA Kolody, confessaria a Josine, que gostaria de ser sepultada sob o som de ‘Pavane pour um enfant defunt’, de Ravel. E, com Gerson, ao violão e Sérgio Albach, no clarinete, a última plateia de Helena Kolody, calou-se! Literal, respeitosa e carinhosamente! Para ouvi-los produzindo um momento único! (HELENA..., 2004, p. b2).

Logo em seguida, como já citado, Helena Kolody esteve sempre presente, nos jornais, nas academias e centros de letras, nas bibliotecas e nas escolas e as homenagens a ela continuaram no cotidiano paranaense de diversas formas:

Com a concessão de Título de Vulto Emérito de Curitiba, desejamos retribuir, pelo menos em parte, o imenso carinho e o amor sincero que Helena Kolody sempre

dispensou à palavra e à sua gente. Modéstia e maravilha são marcas desta mulher que, professora, nos ensina a entender melhor os mistérios da existência. (Julieta REIS, 2004, p. b2).

Mais uma vez ela esteve no cinema agora com um documentário, um média-metragem *Helena de Curitiba*, dirigido pela jornalista e produtora Josina Melo (FLORES, 2005, p. 4). E recebeu mais um prêmio de ordem literária, como noticiado: “Helena receberá, por meio de sua família, no próximo mês em Recife, a Ordem do Mérito Cultural, uma das maiores homenagens da literatura brasileira.” (AL’HANATI, 2011, s.p)

No teatro, a vida e obra de Helena Kolody também foram muito veiculadas após sua morte, a exemplo de “Helena: nuvens de palavras” da companhia NBP Produções, apresentada em cidades do interior do Estado (ATO, 2014, s.p). E até mesmo como um espetáculo de grande porte.

Letícia Sabatella vai interpretar poesias de Helena Kolody no Concerto de Natal deste ano da Universidade Positivo, que fará homenagem à grande poeta e professora paranaense. Dirigido por Jô Braska Negrão, o espetáculo ocorre nos dias 16 e 17 de dezembro, às 20 horas, no Teatro Positivo- Grande Auditório. (VOZ..., 2015, s.p).

É notório que em vida – e mesmo após a sua morte –, Helena Kolody foi muito homenageada e, agradecida, sempre disse não acreditar merecer, atitude tipicamente coerente com seu perfil intelectual. Mas, ao ser questionada sobre os jovens apreciarem sua poesia, ela exalava contentamento: “Isso me alegra demais. É como se você dissesse que minha poesia saiu dos limites do hoje e atingiu o amanhã.” (KOLODY, 1986, p. 190). Talvez essa tenha sido sua maior homenagem, a permanência para além do seu tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo geral que esta dissertação se propunha, é fato que a trajetória intelectual de Helena Kolody proporcionou a constituição de um nome na perspectiva de Bourdieu (2006), conhecido e reconhecido diante do trabalho como poetisa. Evidenciado e construído no cotidiano como docente, tendo a via educacional como sustento financeiro e como visibilidade inicial.

Discutimos que sua contribuição no campo da cultura, está no reconhecimento intelectual, que representa diversas outras poetisas, assim como na instauração de uma estética e de temas próprios que compunham sua obra e eram difundidos aos leitores. De modo que contribuiu para ampliar seu repertório, seu gosto, sua aceitação pela escrita feminina (ainda que muito matizada) e educando novos sentidos e sensibilidades.

Para chegar a tal propósito, procuramos identificar a contribuição da imprensa periódica no projeto de afirmação intelectual pela poesia, analisando as representações e (auto)representações que a favoreceram e, neste caminho, encontramos a formação de um mito, como outros já constituídos na cultura da cidade.

A construção desse todo, dessa vida idealizada, é moldada por feitos e fatos selecionados, carregados de sentido social, e ganha estatuto de exemplo. Impulsionada pelos contemporâneos essa trajetória do mito é forjada e legitimada pela consagração popular e constantemente revivida. (ARAUJO, 2010, p. 148)

Helena Kolody é outro mito de Curitiba, potencializado por sua rede de sociabilidade, bem como pela imprensa periódica, que não economizou nos adjetivos que colocavam Kolody como exemplo de mulher, cristã, professora, poetisa e intelectual. E a cada oportunidade ela é também revivida, pois sua obra se perpetua no tempo através de suas diversas publicações.

Apesar de tantos elogios à Kolody, colocando-a em um lugar de destaque na cultura paranaense, das 178 notícias analisadas, apenas uma destoou de todas as outras, a qual faz parte de uma conclusão a que esta dissertação chega,

no momento mais agudo do luto, no ufanismo dessas ocasiões e pelo impacto da notícia, os mais entusiasmados, e até os menos, vão chegar a considera-la a maior poeta do Brasil, dando-lhe importâncias que tinha e até as que não tinha, fazendo declarações mais políticas que emocionadas e sinceras. Não, Helena Kolody não é a maior poeta do Brasil. Se tanto, de Curitiba[...] Sempre sorria[...] **Talvez esse seu jeito de viver tenha sido sua maior obra.** (MARTINS, 2004, s.p, grifo nosso).

Compartilhar do projeto dela, fez com que a imprensa não tivesse distanciamento, visto que muitos dos que escreviam sobre ela, faziam parte de sua rede de sociabilidade, como Paulo

Leminski, que a concebe como uma figura idolatrada. A qualidade do trabalho como poetisa é inegável e muito já estudado e consagrado, entretanto, a trajetória para o reconhecimento deste, foi longa e sinuosa. Desde 1928, data do seu primeiro poema em uma revista, até 1992, data de sua entrada para APL, foram 64 anos de dedicação que um projeto se constituiu, abraçado por várias pessoas na busca de uma representação intelectual feminina nas letras do estado.

A partir dessa constatação, procuramos também identificar suas redes de sociabilidade, reconhecendo os meios de legitimação de um projeto no campo intelectual, pela atuação na educação e associações culturais. Uma tática que se fez clara foi conquistar primeiramente suas alunas. Ler suas poesias em cada aula, distribuir seus livros, encantar pela beleza da palavra foram modos de difundir sua poesia no campo educacional, mas também lhe serviu para perceber os efeitos de sua obra poética sobre o público leitor. Na mesma intensidade, Helena Kolody estava sempre presente em diversas associações e reuniões de poetas, fazia contatos e não se intimidava em pedir avaliações e conselhos de grandes expoentes da poesia nacional. Foi desta maneira que foi estabelecendo parcerias, admiradores, incentivadores e apoiadores que endossaram seu reconhecimento intelectual.

Para nós, a trajetória de Kolody, aqui demarcada pela cobertura que a imprensa fez de sua vida, sintetiza uma mulher intelectual, que orientou sua vida em torno de um projeto de reconhecimento intelectual pela poesia, que fez da educação seu viveiro de experiências mais vasto e, talvez, um dos principais lugares de seu projeto. Helena Kolody atualizou-se sempre, dialogando tanto na educação quanto na literatura com o que estava em voga naquele momento, com isso foi requisitada, quista, admirada e alçada a um lugar de expoente na cultura paranaense.

Roberto Gomes tinha razão ao dizer que “Curitiba precisava amar alguém”, este era um movimento já quisto entre artistas parnasianos, o fato é que Kolody já era amada, mas no âmbito das pessoas comuns, que se destacam um pouco mais por um conjunto de qualidades diferenciadas que possuem daquelas outras do seu entorno. O que Roberto Gomes queria era a produção de um mito, um ícone que representasse Curitiba. Seu projeto acabou por favorecer o projeto de Helena Kolody: a construção do mito possibilitou o reconhecimento de um projeto intelectual.

Mas tal empreendimento só foi possível a partir de algumas táticas mobilizadas nessa direção: a publicação de suas poesias em livros, a crítica sempre muito enaltecida de seu trabalho, o apoio fundamental da imprensa e a rede de sociabilidade que foi compondo entre o campo da educação e da literatura contribuíram fortemente para a consolidação da imagem que vinha sendo produzida acerca da professora e da poetisa. Essas táticas promoveram a difusão

de suas obras e para a validação do poder de transformação que possuía, abordados em seus depoimentos pessoais como leitores, e no favorecimento de alguns de seus projetos. Foi esse conjunto de ações que tecidos, alinhando planos, acasos e oportunidades lhe renderam o reconhecimento intelectual esperado – apesar de tardio, em sua opinião –, efetivado em sua entrada na Academia Paranaense de Letras.

A pluralidade em seus discursos nos mostra uma intelectual em constante construção. Seria sua poesia “Caleidoscópio”, uma espécie de autorreflexão ou autoimagem?

CALEIDOSCÓPIO

A cada giro de espelhos,
muda o vitral da vivência.
Não permanece a figura.
Nem um desenho regressa.

Helena Kolody (1970)

Nesse caso, seríamos todos nós caleidoscópios? O fato é que Helena Kolody foi uma mulher múltipla em sua trajetória e na busca pelo reconhecimento literário, seguiu seu projeto, tornou-se intelectual e educou sensibilidades pela poesia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Sores de. **Mulher e Educação: A paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

ALVES, Cláudia. **Jean-François Sirinelli e o político como terreno da História Cultural**. In LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Pensadores Sociais e história da educação II*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ALVES, Iria. *Escritoras do século XIX e a exclusão do cânone literário*. In: PASSOS, Elizete; ALVES, Iria; Macêdo, Márcia. (Orgs.). **Metamorfoses, gênero na perspectiva interdisciplinar**. Salvador: UFBA/ Núcleo de estudos interdisciplinares sobre a Mulher, 1998.

ARAUJO, Silvete Aparecida Crippa de. **Professora Julia Wanderley, uma mulher-mito (1974-1918)**. 2010. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

BARBOZA, Paloma Lopes. *A trajetória de vida de Zeny de Sá Goulart e suas contribuições para a educação feminina em Santos / SP*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória/ES. Anais: **Invenção, tradição e escritas da história da educação no Brasil**. UFES, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão Biográfica**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BUENO, Alexandra Padilha. **Educação e participação política: a visão de formação feminina de Mariana Coelho (1893-1940)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

BUENO, Wilma de Lara. *Educação das moças na cidade de Curitiba: 1930-47*. In: VECHIA, Ariclê; CAVAZOTTI, Maria Auxiliadora (Orgs.). **A Escola Secundária: modelos e planos (Brasil, séculos XIX e XX)**. São Paulo: Annablume, 2003.

CAMPOS, Névio de. **Intelectuais e igreja católicas no Paraná:1926-1938**. Ponta Grossa: UEPG, 2010.

_____. **História Intelectual e História Cultural: um recorte em Roger Chartier**. Revista documento-monumento, v. 16, n. 1, p. 94 -122, dez/2015.

CHAMON, Carla. **Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869/1914)**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversas com Jean Lebrun.** São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. **À beira da falésia:** A história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 2002a.

_____. **A história cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 2002b.

_____. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: EDUFSCAR, 2014.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense, 2011.

_____. **A invenção do cotidiano.** Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Maria José Franco Ferreira da. **A dimensão de um Homem:** Lysimaco Ferreira da Costa- o educador (documentário). Curitiba: Imprensa da UFPR, 1987.

CRUZ, Antonio Donizeti da. **Helena Kolody: a poesia da inquietação.** 1993. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

_____. **O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody.** 2001. Tese (Doutorado em Letras-Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

DAMASCENO, Daniel Pinheiro Caetano. **Darcy Ribeiro e a formação do campo científico no Brasil:** reflexão sobre o exercício intelectual de um etnólogo. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2009.

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. **Helena Kolody, carbono & diamante:** uma biografia ilustrada. 2012. 344 p. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

FRAGOSO, Verônica. Juanita machado: um belo espírito feminino na década de 1930. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória/ES. Anais: **Invenção, tradição e escritas da história da educação no Brasil.** UFES, 2011.

FREIRE, Jane Luci Ornelas. **Maria Luiza de Sousa Alves e a Educação Feminina na Bahia.** 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

FREITAS, Anamaria Bueno de. **“Vestidas de Azul e Branco”:** um estudo sobre as representações de ex-normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa acerca da formação profissional e do ingresso no magistério (1920-1950). 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

_____. As viagens da advogada e professora Maria Rita Soares de Andrade (1904-1998): vivências formativas em busca da emancipação feminina. In: SILVA, Alexandra Lima da; ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José. (Org.). **Mulheres em Trânsito:**

intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas. Curitiba: CRV, 2015.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **Memória, identidade e religião entre imigrantes Rutenos e seus descendentes no Paraná**. 2007. 299 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

JORNAL DO ESTADO. SOBRE o jornal Bem Paraná. **Bem Paraná** [on-line]. Disponível em: < <https://www.bemparana.com.br/page/sobre-o-jornal-bem-parana>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

JUSTEN, Chloris Casagrande; FERRANTE, Ceres de; MIRANDA, Laís. (Orgs.). **Mulheres escrevem**. Curitiba: VISAGRAF, 1997.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Entre a tinta e o papel: Memórias de leituras de escritas na Bahia (1870-1920)**. Salvador: Quarteto, 2005.

LE GOFF, Jaques. **A História Nova**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território Plural**. São Paulo: Ática, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, Mary Del (Org.). **História das Mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MARTINS, Maria de Lourdes **O infinito como motivo poético em Helena Kolody**. 1984. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1984

MESQUIDA, Peri. O papel atribuído à educação e à formação de professores no processo de romanização do aparelho religioso católico, de 1890 a 1915, a luz de fontes documentais. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA, 7., 2006, Campinas. **Anais... HISTEDBR**, 2006, UNICAMP.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de Memórias bastidores de histórias: O legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

_____. **Baú de memórias, Bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto**. 1997. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. **A Escola Normal no Paraná: instituição formadora de professores e educadora do povo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA

EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju. **Anais da Sociedade Brasileira de História da Educação**, Universidade Tiradentes, 2008, 24p.

_____. **A formação do professor e a organização social do trabalho**. Curitiba: Ed da UFPR, 1997.

NUNES, Maria Lúcia; VILAR, Viviana da Silva e Adriana. Francisca Rodrigues Moura (1860-1942): uma educadora entre dois séculos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória/ES. Anais: **Invenção, tradição e escritas da história da educação no Brasil**. UFES, 2011

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. Apresentação. In: BRAGNHINI, Katya; MUNAKATA, Kazumi; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda (Orgs.). **Diálogos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades**. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.

_____. **Sentidos e sensibilidades: sua educação na história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma civilização cristã: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-1965)**. 2008. 297f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

_____. Quando o mundo cabe na bagagem: as experiências de formação e distinção de Maria Junqueira Schmidt no cenário educacional brasileiro. In SILVA, Alexandra Lima da; ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José. (Org.). **Mulheres em Trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas**. Curitiba: CRV, 2015.

_____. Maria Junqueira Schmidt e os caminhos de uma trajetória intelectual pela palavra impressa. In: ORLANDO, Evelyn de Almeida (Org.). **História da Educação Católica no Brasil e em Portugal**. Curitiba: Appris, 2017.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORI, Mary Del (Org.). **História das Mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAMOS, Patricia de Lara. **Imagens poéticas e representações da morte na lírica de Emily Dickinson e de Helena Kolody: convergências e contrastes**. 2014. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Oeste do Paraná, Cascavel, 2014.

ROCHA, Dorothy. Escola Normal Secundária de Curitiba nos anos 20. In: VECHIA, Ariclê; CAVAZOTTI, Maria Auxiliadora (Orgs.). **A Escola Secundária: modelos e planos (Brasil, séculos XIX e XX)**. São Paulo: Annablume, 2003.

RODRIGUES, Candido Moreira. **A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)**. Belo Horizonte: Autêntica/ Fapesp, 2005.

SEVERO, Ana Karla da Silveira; FAUSTO NETO, Antônio. Um Olhar sobre Três Jornais Paranaenses e suas Relações de Comunicação, Consumo e Práticas Sociais. **Revista Anagrama**, São Paulo, Ano III, Edição 2, dez./fev. de 2009.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

SOARES, Marly Catarina. **Helena Kolody**: Uma voz imigrante na poesia paranaense. 1997. 153f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

_____; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e Educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001

VIEIRA, Carlos Eduardo. Erasmo Pilotto: Reflexões acerca da formação de professores e da teoria da educação. In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; BENCOSTTA, Marcus Levy. **Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná**: 1910-1980. Curitiba: Editora UFPR, 2015a.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e Educação. **Pensar a Educação em Revista**, v. 1, n. 1, p. 3 -21, abr./jun. 2015b.

_____; DANIEL, Leziany Silveira. Lysimaco Ferreira da Costa e a formação de professores no Paraná na década de 1920/45. In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; BENCOSTTA, Marcus Levy. **Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná**: 1910-1980. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

VILLELA, H. de O. S.; GASPARELLO, A. M. Intelectuais e professores: identidades sociais em formação no século XIX brasileiro. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 21, p. 39-60, set./dez. 2009.

ZANINI, Ana Maria. **A Poesia de Helena Kolody**: religiosidade em confluências da arte. 2011. 91f. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Universidade do Oeste do Paraná, Cascavel, 2011.

Fontes documentais

A CADEIRA 28 pertence agora a Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 mar. 1992.

A FOLHA do Paraná. Cidade não dá apoio a sua maior poeta. **Folha do Paraná**, Curitiba, 06 maio 1999.

A POESIA alada de Helena Kolody. **Industria e Comércio**, Curitiba, 21 jan. 1989.

A POETISA ficou satisfeita. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 09 jan. 1979.

A POSSE de Helena. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 05 mar. 1974.

AL'HANATI, Yuri. A padroeira da poesia paranaense. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 18 out. 2011.

AMARAL, Raquel. Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 mar. 1978, sem página.

ARAGÃO, Wagner de Alcântara. Alunos entregam livro de poemas a Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 nov. 2000. Literatura. p. 5.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ (IEP). **ATA**: exames finais do curso especial 1930 e 1931. Arquivo Público do Paraná, 1930/1931. Dados coletados *In loco* fev. de 2017.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ (IEP). **ATA**. Arquivo Público do Paraná, 1952. Dados coletados *In loco*, fev. de 2017.

BASSETTI, Alzeli. O pouso de Kolody na Academia. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 21 nov. 1991.

_____. Adeus, Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 2 mar. 2004. p.12.

BARK, Ali. [s. título]. **Revista Rumo Paranaense**, Ano II, n. 35. [19--].

BEGA, Maria Tarcisa. Helena Kolody “Doutor Honoris causa” UFPR. **Jornal do Estado**, Curitiba, 26 jun. 2004.

BRAGA, Marilda. A poesia que ensina. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 27 jun. 1993. Viver bem.

BRITTO, Danielle. A Odisséia Lírica de Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 ago. de 2001.

CARNEIRO, David. Sempre palavra de Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 28 ago. 1985.

CENTRO de Letras homenageia Poeta. **Jornal do Estado**, Curitiba, 07 out. 1998.

CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA. Arquivo. Cartas e discursos de Helena Kolody. Dados coletados *In loco*, fev. de 2017.

CELESTINO, Ayrton Gonçalves. **Boletim do IHGPR**, Curitiba, v. 67, 2014.

CONCURSO Kolody seleciona irmãs. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 05 set. 1992. p.19.

CORREA, Marli Garcia. **Poesia em homenagem à Helena Kolody**. Arquivo do Centro Paranaense Feminino de Cultura, Curitiba, 2001.

DIA da Poesia é hoje e está passando esquecido. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 02 mar. 1974.

DOUTOR Honoris Causa. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 08 maio 2003. p.04.

E. Z. Helena Kolody, poeta. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 31 jul. 1992.

FEIRA do Livro: excelente ideia. **Gazeta do Livro**, Curitiba, 02 fev. 1997.

FERNANDES, José Carlos. Quero ver dona Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 out. 2012. Pontos de vista. p.3.

FERRANTE, Ceres. **Poesia em homenagem à Helena Kolody**. Arquivo do Centro Paranaense Feminino de Cultura, Curitiba, [19--].

FLORES, Rudnet. A poeta de Curitiba. **Jornal do Estado**, Curitiba, 29 mar. 2005. Caderno G. p.4.

GEMAEL, Rosirene. Romaria à padroeira da poesia. **Correio de Notícias**, Curitiba, 02 out. 1987.

_____. A musa de cinquenta verões. **Correio de Notícias**, Curitiba, 09 dez. 1988. Modas e modos.

GOMES, Roberto. Novo livro da poetisa H. Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 17 jun. 1985.

_____. Um poema de olhos azuis. **Correio de Notícias**, Curitiba, 02 out. 1987.

_____. A espera que impera. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 15 out. 2000.

_____. Espelho italiano. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 07 jun. 2003. p. 3.

GRANDE dia para Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 25 mar. de 1992

HELENA, a imortalidade para nossa poeta maior. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 21 nov.1992a.

HELENA Kolody é homenageada. **Correio de Notícias**, Curitiba, 03 dez. 1992b.

HELENA Kolody, poetisa e nova imortal que vai assumir a Academia de Letras. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 mar. 1992c.

HELENA Kolody: Paranaense imortal. **Correio de Notícias**, Curitiba, 03 de abr. 1992d.

HELENA Kolody doa livros para escolas públicas. **Indústria e Comércio**, Curitiba, 13 jun.1993.

HELENA Kolody recebe obra didática 'Lições Curitibanas'. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 maio 1994. p. 6.

HELENA Kolody e Gerson Bietinez. **Jornal do Estado**, Curitiba, 20 jun. 2004. Helena Kolody, sempre presente. p. b2.

HOERNER JUNIOR, Valério. Helena Kolody: Acadêmica sem mácula. **Gazeta do Povo**, 12 ago. 1990.

HOMENAGEM à Poetisa. **Folha de Curitiba**, Curitiba, 22 out. 1983.

JUBILEU de Prata de 'Paisagem Interior' de Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 04 dez. 1966.

JUSTEN, Chloris Casagrande. Helena Kolody imortal paranaense. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 17 fev. 2004.

_____. Presença infinita (parte II). **Jornal do Estado**, Curitiba, 08 ago. 2004. Helena Kolody, sempre presente. p. b2.

KOLODY, Helena. **Infinita Sinfonia**. Coletânea 1912-2004. Curitiba: Inventar, 2014.

_____. **Discurso de Paraninfa no Instituto de Educação do Paraná**. 1942.

_____. **Discurso de Paraninfa no Ginásio São José**. 1953.

_____. **Discurso de Paraninfa na escola normal da Lapa**. 1956a.

_____. **Discurso de Paraninfa no Instituto de Educação do Paraná**. 1956b.

_____. **Discurso de Paraninfa no Instituto de Educação do Paraná**. 1958.

_____. **Discurso de Paraninfa em Cambé**. 1964.

_____. **Discurso de Paraninfa em Prudentópolis**. 1965.

_____. **Discurso de Paraninfa na escola normal da Lapa**. 1968.

_____. **Discurso de Cidadã Benemerita de Curitiba**. 1987.

_____. **Discurso de Cidadã Benemerita do Paraná**. 1997a.

_____. **Discurso no Conselho Estadual da Condição Feminina**. 1997b.

_____. **Discurso de seu Aniversário de 87 anos, no Centro Paranaense Feminino de Cultura**. Arquivo do CPFC. 1999.

_____. **Discurso de Saudação em festa escolar**. [19--]a.

_____. **Discurso de Homenagem ao Frei Hipólito**. [19--]b.

_____. **Discurso de 30 Anos da formatura de Normalistas**. [19--]c.

_____. **Discurso de 35 Anos da formatura de Normalistas**. [19--]d.

_____. **Entrevista concedida ao Museu de Imagem e Som**. 1973.

_____. **Entrevista concedida à Revista Quem**. 1980.

_____. [Entrevista]. **Jornal do Livro**, n. 7, Curitiba, abr./maio 1985.

- _____. **Entrevista concedida à Revista Rumo Paranaense.** [entre 1985 e 1989].
- _____. **Um leitor na biblioteca.** Entrevista concedida à Biblioteca Pública do Paraná. 1986.
- _____. **Entrevista concedida ao Jornal Nicolau da Secretaria de Cultura do Paraná.** 1988.
- _____. **Entrevista concedida ao Museu de Imagem e Som.** 1989.
- _____. Helena Kolody a nossa Poeta. [Entrevista]. **O Correio de Notícias**, Curitiba, 16 out. 1993.
- _____. **Entrevista concedida a Paulo Venturelli.** 1995.
- _____. **Entrevista concedida à Memória Paranaense da rádio CBN e fundação INEPAR.** 1998.
- _____. [Entrevista]. **Memória Paranaense.** Curitiba: Fundação INEPAR, 1998. Entrevista realizada por José Wille.
- _____. **Entrevista Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGPR).** [19--]e.
- _____. [Entrevista]. **Revista Rumo Paranaense**, [19--]f. Entrevista realizada por Valfrido Piloto.
- _____. [carta]. [198-], Curitiba [para] SALMON, Graciette. **Parecer sobre a arte poética da destinatária.** Arquivo do CPFC.
- _____. [carta]. 18 abr. 1995, Curitiba [para] FARION, Dária. **Avaliação das poesias de Dária Farion a respeito do livro Vida, Néctar e Veneno publicado em 1994.** Arquivo do CPFC.
- LEITE, Zeca Corrêa. 80 anos de poesia. **Folha de Londrina**, Londrina, 11 out. 1992.
- _____. Emoção para Helena Kolody. **Folha do Paraná**, 19 fev. 1995.
- _____. Um diploma para a Professora. **Folha de Londrina**, Londrina, 17 maio 1997a. Homenagem.
- _____. A voz da poesia. **Folha do Paraná**. Curitiba, 20 ago. 1997b.
- _____. Cidade não dá apoio à sua maior poeta. **Folha do Paraná**, Curitiba, 05 maio 1999.
- LEITES, Hélio. A canonização de Helena Kolody. **Jornal do Estado**, Curitiba, 23 out. 2004. Helena Kolody, sempre presente. p. b2.
- _____. A canonização de Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 07 nov. 2004. Caderno G, p. 4.
- LEMINSKI, Paulo. Santa Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 jun. 1985.

_____. Koloda, Pilão, Pilastra. **Correio de Notícias**, Curitiba, 02 out. 1987.

LINHARES, Temístocles. A poesia de Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 fev.1969.

_____. A poesia de Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 23 fev.1969.

LEZAN, Leonor. **Poesia em homenagem a Helena Kolody na comemoração do primeiro aniversário após seu falecimento**. Curitiba: 05 de out. 2004.

LOPES, Adélia Maria. Helena ‘perfume da poesia’ Kolody. **O Estado do Paraná**, 10 out. 1993.

_____. Helena Kolody em Ucraniano. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 25 nov. 1997.

MANUEL, João. A “Opera ominia” de Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 01 fev. 1989.

MARTINS, Alessandro. Helena Kolody (1912-2004). **Jornal do Estado**, Curitiba, 16 fev. 2004. p. d1.

MARTINS, João Rodrigo. Embaladas pelos versos de Helena. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 13 mar. 2004. Gazetinha. p.3.

MARTINS, Joseane. 80 anos da “fada madrinha da poesia”. **Jornal do Estado**, Curitiba, 10 out. 1992.

MEDEIROS, Celito. Relembrando um grande mito. **Jornal do Estado**, Curitiba, 25 set. 2004.

MENDES, Isabel Kugler. Helena ‘a mulher que conheci’. **Jornal do Estado**, Curitiba, 16 out. 2004. Helena Kolody, sempre presente. p. b2.

MILLARCH, Aramis. Quem entrevista Helena Kolody. **Revista Quem**, n. 29, Curitiba, out. 1980.

_____. Helena Kolody, sempre com a emoção da poesia. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 mar. 1988.

_____. As palavras pássaros que Helena liberta. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 25 dez. 1988.

_____. Dona Helena viaja com a belas imagens de Orlando. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 16 mar. 1989.

_____. Helena Kolody, 81 (ou 18?) anos de iluminação poética. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 31 mar. 1990.

_____. Clássico eterno. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 15 fev. 2000.

MÍNIMOS Poemas para cada dia. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 25 nov. 2001. p.1.

MOREIRA JUNIOR, Carlos. Kolody é doutora honoris causa pela UFPR. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 09 maio 2003. p. 4.

MONTEIRO, Nilson. Feitiço. **Correio de Notícias**, Curitiba, 02 out. 1987.

MUITO linda e com muito calor humano transcorreu a reunião da academia feminina. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 10 mar. 1974.

NASCIMENTO, Gladimir. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 03 ago. 1997.

NICOLATO, Roberto. Alunos pintam os poemas de Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 29 set. 1999.

_____. A espera que impera. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 15 out. 2000. Caderno G.

_____. A poesia faz aniversário. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 out. 2001. p.2.

NO Ipê homenagem para a Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 jun.1988.

NOTAS biográficas de Helena Kolody. **Revista Rumo Paranaense**, Curitiba, v. 4, s. p., mar. 1976.

NUNEZ, Natália. Helena Kolody a senhora dos poemas curtos e das idéias límpidas. **Jornal do Estado**, Curitiba, 21 nov. 1991.

ONTEM, agora e sempre a poesia maior de Helena. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 24 mar.1991.

OS 80 ANOS de Helena Kolody. **Curitiba Hoje**, Curitiba, 10 out. 1992.

OLIVEIRA, Adélia Maria Lopes. Um hino em louvor à poeta. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 26 out. 2002.

PACHECO, Gilberto. A logomarca de Helena Kolody. **Jornal do Estado**, Curitiba, 31 jul. 2004. Helena Kolody, sempre presente. p. b4.

_____. Poesia mínima pintou estrelas no muro e teve o céu ao alcance das mãos. **Jornal do Estado**, Curitiba, 12 jun. 2004. Helena Kolody, sempre presente. p. b2.

PARANÁ. **Boletim da Secretaria de Educação e Cultura do Paraná**, Ano 2, n. 6, mar/abr. 1952.

_____. **Um Século de Poesia**. Curitiba: Centro Paranaense Feminino de Cultura, 1959.

PARANÁ diz adeus a Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 fev. 2004. p.6.

PELANDA, Luís Henrique. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 07 jun. 2003.

PILOTO, Valfrido. Helena Kolody na Academia (I). **Gazeta do Povo**, Curitiba, 23 mar. 1992.

PIRES, Dolores. Helena Kolody e a poesia. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 abr. 1987.

POESIA Concisa e orações. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 29 nov. 2000. Caderno G. p.6.

PRÊMIO a um dueto de arte. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 03 dez. 1992. p. 24.

REIS, Julieta. Helena Kolody vulto emérito de Curitiba. **Jornal do Estado**, Curitiba, 17 jul. 2004. Helena Kolody, sempre presente. p. b2.

RESTAURANTE Alameda Fast Grill e Helena Kolody (coluna homenageia pós morte - Helena Kolody sempre presente). **Jornal do Estado**, Curitiba, 05 jun. 2004. Helena Kolody, sempre presente. p. b2.

REZENDE, Tereza Hatue de. **Helena Kolody**: Sinfonia da vida. Curitiba: Letraviva, 1997.

RUIZ, Alice. Helena querida. **Correio de Notícias**, Curitiba, 02 out. 1987.

RUPP, Isadora. Um resgate da Literatura de Helena. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 08 out. 2012. Caderno G. p.03.

SABBAG, Ricardo. Kolody é doutora honoris causa pela UFPR. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 09 maio 2003.

SAIKI, Lyrian. Helena Kolody, noventa anos de vida e poesia. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 05 out. 2002. p.19.

SANCHES NETO, Miguel. Nós que tanto amamos Helena. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 nov. 1994.

_____. Um estado de síntese (I), **Gazeta do Povo**, Curitiba, 28 out. 1996a.

_____. Um estado de Síntese II. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 04 nov. 1996b.

SANTA Helena: "A Babel da Luz" é o filme de Sílvio Back que comemora os 80 anos da nossa poeta maior, Helena Kolody. **Correio de Notícias**, Curitiba, 10 out. 1992.

SANTOS, Denise Grein. **Helena Kolody**: a primeira brasileira da família. Caderno do Museu de Imagem e Som do Paraná, Curitiba, n. 13, 25 ago. 1989.

_____. Parabéns Helena. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 11 out. 2000.

SANTOS, Lygia Lopes dos. **Poesia em homenagem ao aniversário de Helena Kolody de 83 anos**. Curitiba: 12 de out. 1995.

SATO, Nelson. No palco, com os versos de Helena Kolody. **Folha de Londrina**, Londrina, 08 maio 2014.

SCHERNER, Leopoldo. [NÃO TEM TÍTULO]. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 abr. 1992

‘SEMPRE Palavra’ de Helena Kolody. **Correio de Notícias**, Curitiba, 28 jun. 1985.

SILVIO Back faz homenagem para Poeta Helena Kolody. **Diário Popular**, Curitiba, 17 out. 1992. Especial.

SIMÕES, João Manuel. A poesia completa de ‘Santa Helena’. **Correio de Notícias**, Curitiba, 16 fev. 1989.

SOSSÉLIA, Sergio Rubens. Helena Kolody, minha Helena. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 31 jul. 1983.

SOUZA, Regina Maria Schimmelpfeng de. **Boletim casa Romário Martins**: Centro Paranaense Feminino de Cultura. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2013.

STOCCHERO, Harley Clóvis. Imagem Saudos. **Jornal do Estado**, Curitiba, 1º maio 2004.

TELEPOESIA transmite poemas de Helena Kolody. **Correio de Notícias**, Curitiba, 17 out. 1994.

TEM poesia no ar. **Correio de Notícias**, Curitiba, 10 out. 1992.

TURMA Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 30 mar. 1997.

UMA ESTRELA de 80 anos. **O Estado do Paraná**. Curitiba, 14 out. 1992.

VOZ de Helena. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 25 nov. 2015.

WERBER, Luiz Henrique. Vem aí a próxima atração. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 31 Jul. 1988. Almanaque.

ZANETTI, Elói. O caminho suave de Helena. Revista Helena, Curitiba. **Revista Helena**, Secretaria de Estado da Cultura, Curitiba, ano 1, nº zero, jun. de 2012.